



UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

ELIANE VIEIRA SANTOS

**A APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA FRENTE ÀS
ESTRATÉGIAS DE ENSINO UTILIZADAS NA EJA**

Brasília
2013

ELIANE VIEIRA SANTOS

**A APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA FRENTE ÀS
ESTRATÉGIAS DE ENSINO UTILIZADAS NA EJA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da Professora Doutora Rosângela Azevedo Corrêa.

Brasília

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Santos, Eliane Vieira

A Aprendizagem da Leitura e da Escrita frente às Estratégias de Ensino utilizadas na EJA / Eliane Vieira Santos, 2013.

126 f.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) — Faculdade de Educação — Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

Orientação: Prof.^a. Dra. Rosângela Azevedo Corrêa.

1. Processo de Aprendizagem. 2. Leitura. 3. Escrita. 4. Estratégias de Ensino. 5. Educação de Jovens e Adultos.

ELIANE VIEIRA SANTOS

**A APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA FRENTE ÀS
ESTRATÉGIAS DE ENSINO UTILIZADAS NA EJA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da Professora Doutora Rosângela Azevedo Corrêa.

Data da defesa: 20/12/2013.

Resultado: _____

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Rosângela Azevedo Corrêa (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Doutora Cristina Maria Costa Leite

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro

Universidade de Brasília - FE

Brasília – DF, dezembro de 2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu querido esposo Beto, amor, companheiro, amigo e parceiro de todas as horas. Às minhas princesas amadas Laysla, Raquel e Ana Beatriz, razões do meu viver. Aos meus pais, Ursulina (*in memoriam*) e Antônio. A meus queridos irmãos Hélio (*in memoriam*), Joanny, Joab e Polyana. E a todos os familiares e amigos.

E dedico principalmente a todos os alunos e professores do primeiro segmento da EJA, parceiros que tornaram possível essa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida, pela saúde, pela presença constante, pela força, pela paz e inspiração nas horas difíceis. Pela oportunidade de aprendizado e crescimento. Aos meus familiares pelo amor, carinho, paciência, incentivo, força e compreensão pelas minhas ausências. Agradeço a todos os professores, mestres e tutores que conheci ao longo dessa caminhada na UAB-UnB. A minha orientadora Professora Doutora Rosângela Corrêa, pela dedicação, orientação, carinho e afeto nos momentos difíceis, pelas palavras de incentivo, confiança e amizade. A minha querida tutora Fernanda Rachid por me acompanhar e orientar em todo o processo de construção dessa pesquisa com dedicação, carinho e palavras de conforto nas horas difíceis. As minhas queridas amigas do curso de pedagogia da UAB 2, pelo carinho e momentos que passamos juntas, pelos sorrisos e choros, pelo aprendizado e amizade construídos ao longo desses 5 anos. Ao coordenador Ceone do polo Cora Coralina juntamente com sua equipe pela dedicação, carinho, paciência e atenção a nós dispensados. A todas as tutoras presenciais, especialmente à Cida Abdalla pelo carinho, incentivo e e-mails de motivação. E agradeço principalmente aos queridos alunos e professores do primeiro segmento da EJA, juntamente com toda a equipe pedagógica do CEF 08 do Guará pela acolhida, carinho, atenção, aprendizado, confiança, troca de conhecimentos e amizade.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso surgiu do encantamento e da curiosidade em conhecer e aprender cada vez mais sobre as necessidades da EJA. No passado, as estratégias de ensino eram mecânicas e descontextualizadas da realidade dos educandos. Considerava-se que ensinar a ler era garantir que os educandos conhecessem as letras e seus diferenciados sons, juntassem sílabas e formassem palavras e frases sem nenhum contexto, sem nenhum sentido ou significado para suas vidas. A presente pesquisa tem como objetivo verificar, a partir de relatos de alunos e de ex-alunos da 1ª série do CEF 08 do Guará, se as estratégias de ensino utilizadas pelos professores em sala de aula são eficazes para a aprendizagem da leitura e da escrita. Caracteriza-se em estudo de caso instrumental, visando o conhecimento ou a redefinição de sua problemática numa abordagem qualitativa. A amostra da população escolhida para a pesquisa foi os alunos do primeiro segmento na modalidade de EJA na instituição Centro de Ensino Fundamental 08 do Guará. A coleta de dados foi feita através de entrevista semiestruturada com 04 professores e 11 alunos de 1ª a 4ª série e análise do Projeto Político Pedagógico da escola. Conhecer o processo de aprendizagem do aluno da EJA é fundamental não apenas para o professor, como também para o aluno, para que juntos possam atingir seus objetivos que é a construção do conhecimento, do ensinar e do aprender a ler e escrever.

Palavras chaves: processo de aprendizagem, leitura, escrita, estratégias de ensino, Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

This term paper came out from the enchantment and curiosity to know and learn more and more about the needs of adult education. In the past, teaching strategies were mechanical and far from the reality of the students. It was considered that teaching how to read was to ensure that students knew the letters and their different sounds, put syllables together and form words and sentences without any context, without any sense or meaning to their lives. This research's goal is to verify, based on reports from students and former students of the 1st grade of the school CEF 08 in Guará, whether the teaching strategies used by teacher in the classroom are effective for learning reading and writing. It is an instrumental case study, seeking knowledge or the redefinition of the problem in a qualitative approach. The population sample chosen for the study were the students of the first segment in the adult education system of the institution Centro de Ensino Fundamental 08 of Guará. The data collection was done through semi-structured interviews with 04 teachers and 11 students from 1st to 4th grade and through the analysis of the PPP (Political and Pedagogical Project) of the school. Knowing the adult education student's process of learning is essential not only for the teacher, but also for the student, so that together they can achieve their goal, which is to construct knowledge and the teaching and learning of reading and writing..

Keywords: process of learning, reading, writing, teaching strategies, adult education.

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 - Formação e Especialização dos professores do primeiro segmento da EJA do Centro de Ensino 08 do Guará.....
- Quadro 2 - Tempo de atuação os professores na modalidade de EJA e de atuação no Centro de Ensino 08 do Guará.....
- Quadro 3 - Matrículas no DF, RA-Guará e CEF 08 do 1º segmento da EJA realizadas no 2º semestre de 2013.....
- Quadro 4 - Alunos Matriculados x Alunos frequentes no 2º semestre de 2013 no CEF 08 do Guará.....
- Quadro 5 - Dados referentes ao ano de ingresso dos alunos no CEF 08, série que estão cursando atualmente (2º semestre/2013) e tempo que permaneceu na 1ª série.....

LISTA DE ABREVIATURAS

| | |
|----------------|--|
| CEF | CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL |
| CESP | CENTRO DE SELEÇÃO E DE PROMOÇÃO DE EVENTOS |
| COORACE | COOPERATIVA |
| CRE | COORDENAÇÃO REGIONAL DE ENSINO |
| DF | DISTRITO FEDERAL |
| DI | DEFICIENCIA INTELECTUAL |
| EJA | EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS |
| EPCT | ESTRADA PARQUE CONTORNO |
| FE | FACULDADE DE EDUCAÇÃO |
| GO | GOIÁS |
| GT | GRUPO DE TRABALHO |
| IBGE | INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA |
| PNEE | PESSOA COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS |
| PPP | PROJETO POLÍTICO PEDAGOGICO |
| TCC | TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO |
| TE | TÉCNICO EM EDIFICAÇÕES |
| TED | TÉCNICO EM ECONOMIA DOMÉSTICA |
| TGD | TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO |
| TMN | TÉCNICO EM MAGISTÉRIO OU NORMAL |
| TPA | TÉCNICO EM PRÁTICAS AGRÍCOLAS |
| UAB | UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL |
| UnB | UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| AGRADECIMENTOS | 5 |
| RESUMO..... | 6 |
| ABSTRACT | 7 |
| LISTA DE QUADROS..... | 8 |
| LISTA DE ABREVIATURAS..... | 9 |
| PARTE 1 - MEMORIAL | 12 |
| 1.1. De onde eu vim e Lembranças de Infância | 12 |
| 1.2 Trajetória Escolar e Professores Marcantes | 12 |
| 1.2 Casamento, Filhos, Profissão, Pessoas e Experiências que contribuíram para minha escolha de ser Pedagoga..... | 15 |
| 1.3 O Ingresso na Universidade de Brasília | 18 |
| 1.4 E começa o curso de pedagogia, quanta expectativa! | 19 |
| 1.5 Descobertas, Experiências, Produções na Caminhada e dificuldades e conquistas da UAB/UnB | 23 |
| PARTE 2 - INTRODUÇÃO | 26 |
| 2.1 Referencial Teórico | 30 |
| 2.2 Conhecendo um pouco do CEF 08 do Guará..... | 35 |
| 2.3 Projeto Político Pedagógico do Centro de Ensino Fundamental 08 do Guará | 38 |
| 2.4 Análise dos Dados..... | 39 |
| 2.5 Dificuldades dos Professores para atuar na EJA..... | 42 |
| 2.6 Considerações Finais | 55 |

| | |
|--|-----|
| PARTE 3 - PERPECTIVAS PROFISSIONAIS..... | 57 |
| REFERÊNCIAS..... | 58 |
| ANEXOS | 60 |
| ANEXO 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE | 60 |
| ANEXO 2 – Caracterização dos entrevistados | 61 |
| ANEXO 3 - Roteiro de entrevista – ALUNOS 1º segmento da EJA | 62 |
| ANEXO 4 - Roteiro de entrevista – PROFESSORES 1º segmento da EJA | 63 |
| ANEXO 5 – PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CEF 08..... | 64 |
| ANEXO 6 – CURRÍCULO 1ª SÉRIE DA EJA..... | 119 |

PARTE 1 - MEMORIAL

1.1. De onde eu vim e Lembranças de Infância

Eu fui educada conforme um modelo onde sempre tive que obedecer a normas e regras, sem poder expressar minhas ideias, pensamentos e vontades. Seria culpa dos meus pais educarem-me assim? Acredito que não, afinal eles só repassaram o que aprenderam e não tiveram a oportunidade de conhecer outra forma de educar.

Nasci em Brasília e posso dizer que tive uma infância maravilhosa, mesmo não tendo muitos recursos, inventava brinquedos e brincadeiras sempre acompanhada da minha melhor amiga, Andréia. Meu pai só nos proibia de soltar pipa, ele dizia que pipa era coisa de vagabundo, gente que não tinha o que fazer (quanto preconceito...). Daí, eu e meus irmãos soltávamos pipa de noite, quando meus pais saiam para a igreja, sabe como é criança, n' é! Ai que saudade eu sinto.

Trago em minha memória muitas experiências legais, acontecimentos marcantes, invenções mirabolantes e muitas aventuras vividas em minha infância. Uma noite esperei minha mãe sair para então eu fazer um bolo de chocolate com recheio e cobertura. Na hora de montar o bolo me esqueci de colocar um prato embaixo e montei diretamente no balcão (nem sei se estava limpo! Risos). Quando minha mãe chegou achou aquilo muito engraçado e foi uma farrá só. Claro que depois ela me explicou como eu deveria fazer numa próxima vez.

Falar da infância é maravilhoso, poderia ficar horas relembando os momentos inesquecíveis que vivi, mas, vamos em frente.

1.2 Trajetória Escolar e Professores Marcantes

Foi emocionante o meu primeiro dia de aula na 1ª série, minha mãe arrumou meus cabelos, o uniforme com detalhes vermelhos, meus materiais escolares organizados na bolsa, meu conga, tudo novinho em folha e fui para a escola. Eu era uma criança muito tímida, e numa turma de mais ou menos uns 25 alunos eu demorei um pouco para fazer novos amigos. Por sorte eu e minha melhor amiga, Andreia, ficamos na mesma sala.

A professora era muito bonita, tranquila e paciente. Tratava os alunos com muito amor e carinho. Com ela eu aprendi as primeiras letras e as primeiras palavras, aprendi a cuidar do meu caderno e aprendi também a gostar de artes. Eu sempre gostei de estudar e tudo

que eu fazia tanto na escola, quanto em casa, era com muita dedicação e capricho. A professora era tão caprichosa que até o boletim de notas da turma tinha uma capa com desenho pintado por nós.

Não me recordo muito bem da 2ª e da 3ª série, só me lembro de que cursei as séries iniciais do ensino fundamental na Escola Classe 04 do Guará. Na 4ª série tive uma professora que me marcou muito, seu nome era Dinalva. Era uma professora bastante rígida e também muito bonita. E um fato que eu recordo bem é o momento cívico na escola que acontecia toda sexta-feira. Assim como eu, a maioria das crianças gostava de hastear a bandeira, mas, para isto, era necessário estarmos devidamente uniformizados, limpos. Eu sempre torcia para ser escolhida pela professora para fazê-lo. O momento cívico foi muito importante para minha formação tanto moral quanto cívica. Ouvir o Hino Nacional me emociona até hoje.

Na 5ª série eu mudei para o Centro de Ensino Fundamental 1 do Guará. Nesta escola funcionavam as séries finais do ensino fundamental e o ensino médio. Foi meio assustador no primeiro momento devido à quantidade de professores e alunos maiores que eu. Com o tempo fui me adaptando e fiz amigos que perduram até hoje.

Durante a 6ª série, mais especificamente ao final do 2º bimestre, eu perdi minha mãe. Ela sofreu um aneurisma em meados de março de 1983, e faleceu em 12 de junho do mesmo ano. Nesse meio tempo até chegou a fazer duas cirurgias, mas, quando os médicos falaram que ela teria de fazer uma terceira ela pediu para ir para casa e passar o tempo que lhe restava com a família. Meu rendimento na escola foi lá embaixo e eu quase reprovei em História. Foi uma perda enorme e muito difícil para nossa família. No ano seguinte, meu pai conheceu uma pessoa muito boa em Patos de Minas e se casaram, o que ocasionou nossa mudança para lá.

Em Patos de Minas uma professora de História foi muito marcante. Ela dava aula na 7ª série e na 8ª série. Seu nome era Fátima, uma professora que gostava de roupas extravagantes e salto alto, cabelos loiros e sempre escovados. Seu perfume de cheiro adocicado denunciava de longe sua chegada à escola.

Com aulas tradicionais, carteiras sempre em fileiras, não admitia conversas paralelas, esquecimentos e nem indisciplinas. Bastante rígida quanto aos cadernos e deveres de casa, qualquer coisa que fazíamos era motivo para sermos retirados da sala de aula e mandados para a direção, parecia que estávamos em um quartel general.

Nessa disciplina eu decorava a matéria para ficar livre logo, tanto que já tinha alcançado nota para passar já no 3º bimestre. Diante disso, resolvi que não ia estudar para a

prova do 4º bimestre e esse foi o episódio mais marcante desse relato. Nunca tinha colado antes, e como marinha de primeira viagem “elaborei” uma cola enorme e guardei embaixo da blusa do uniforme. Na época o uniforme da escola era camisa de tecido com botão na frente e o emblema da escola no bolso, saia plissada de tergal e tênis preto com meias brancas.

Durante a prova fiquei tão nervosa que acabei sendo descoberta pela professora Fátima. Ela pediu que eu me levantasse da cadeira, entregasse a prova e o papel com a cola e me retirasse da sala. Mas, antes ela mostrou a cola para os meus colegas, grampeou-a na prova, colocou um zero do tamanho da folha A4. Ainda bem que não fui suspensa, senão eu acho que teria levado uma surra do meu pai. A turma toda começou a rir de mim, foi tanta vergonha que tive vontade de sumir e nunca mais voltar à escola, quem dirá olhar na cara da professora. O zero na prova não interferiu na minha aprovação para o Ensino Médio, afinal eu sempre tirei notas boas.

O ensino médio Em Patos de Minas era profissionalizante. Os cursos ofertados nas escolas Municipais eram: Técnico em Economia Doméstica (TED); Técnico em Práticas Agrícolas (TPA); Técnico em Edificações (TE) e Técnico em Magistério ou Normal (o mais concorrido). Foi uma adolescência turbulenta, um segundo grau cheio de altos e baixos, pulando de escola em escola e de um curso para o outro sem saber ao certo o que fazer e muito menos que rumo tomar.

No 1º ano as drogas rolavam soltas, mesmo andando com uns amigos que consumiam drogas, nem eles chegaram a me oferecer e nem eu tive curiosidade em conhecê-las. Neste período tive alguns professores marcantes. Um professor de química que namorava uma aluna em cada turma do segundo grau. Um de física e matemática, extremamente paciente, atencioso e dedicado aos alunos, mas falava meio enrolado e eu não entendia nada dos conteúdos aplicados, resultado, eu fiquei para recuperação final e tive de aprender o conteúdo sozinha em casa, para conseguir passar de ano. Outra professora que eu gostei foi a Carmem, um doce de pessoa que sempre se preocupava em aconselhar seus alunos em relação aos cuidados com o corpo e também em relação às mudanças hormonais que ocorrem na adolescência.

Passei para o 2º ano e escolhi o curso Técnico em Edificações. Nas férias de julho vim passear em Brasília e rever meus irmãos e meus familiares maternos. Nesta época eu tinha um namoradinho que meu pai não gostava muito, e para não criar atrito com meu pai eu optei por não retornar mais para Patos de Minas. Não me lembro muito bem qual foi a reação do meu pai em relação a minha escolha de ficar em Brasília. A consequência foi que perdi o ano por que não tinha esse curso no Guará, onde meus irmãos moravam e só retomei os

estudos no ano seguinte no curso Técnico em Secretariado em uma escola um pouco afastada da minha casa.

Aos 17 anos, engravidei de um relacionamento que não deu certo. Mais uma parada pelo caminho. Foi uma gravidez bastante complicada. Tive anemia quase profunda, fiquei depressiva, mas na época não se falava em depressão. Me sentia muito triste e na maior parte do tempo tomava chás e dormia. Às vezes eu passava uns tempos na casa da minha avó na Candangolândia.

Quando eu estava com uns sete meses de gravidez eu conheci um casal (Célio e Sônia) que me acompanhou e me apoiou tanto financeiramente quanto emocionalmente nos últimos meses de gravidez, no parto e até quando eu consegui arrumar um emprego e me estabilizar. Comecei a trabalhar nas 116 Sul e coloquei minha filha na creche nas 209 Sul, como a grana era curta, eu a deixava na creche e ia andando a pé até o trabalho. Mais na frente eu encontrei uma cuidadora no Guará bem pertinho da minha casa e passei a deixar minha filha com ela. E só então voltei a estudar. Conciliar trabalho, cuidar de uma criança e ainda estudar não foi nada fácil. Nesse meio tempo conheci meu esposo e me casei. Voltei a estudar e concluí o ensino médio aos 22 anos.

1.2 Casamento, Filhos, Profissão, Pessoas e Experiências que contribuíram para minha escolha de ser Pedagoga

Aos vinte anos conheci o Beto, nos apaixonamos perdidamente e em quatro meses de namoro e noivado nos casamos e tivemos mais duas filhas, a Raquel e a Ana Beatriz. Quando a Ana Beatriz estava com uns cinco anos surgiu a oportunidade de trabalho em uma escola particular na Asa Norte, e fui indicada pela minha cunhada Rosalina para ocupar o cargo de auxiliar de ensino. No dia da entrevista o Diretor da escola, Professor Donato Gonzalez, ficou meio ressabiado em me dar o cargo, devido à minha falta de experiência e ao fato de eu estar fora do mercado de trabalho há dez anos. Mas, resolveu arriscar. Lá eu conheci muitas pessoas maravilhosas, compartilhamos conhecimentos e vivi experiências inesquecíveis. Estava apaixonada pelo meu novo trabalho. Com o tempo o diretor reconheceu o meu empenho e dedicação em aprender e me incentivou a cursar o Magistério.

No final de 2003 matriculei-me num curso de magistério no colégio Sena Aires em Valparaíso. Foram dois anos de curso numa turma com apenas um aluno do sexo masculino. Sempre tem aquela professora que deixa saudade, a professora Márcia foi uma

delas. Falava baixo, utilizava músicas nas aulas, nunca dizia que nossas respostas estavam erradas, utilizava textos para instigar a turma a pensar e expor suas ideias. Gostava das cadeiras posicionadas em círculo para que pudesse olhar para toda a turma. Fazia dinâmicas de grupo para descontrair a turma, e também atividades práticas, sempre instigando nossa criatividade. E foi através dela que eu ouvi pela primeira vez que “educar é mediar o conhecimento, instigar o aluno a pensar criticamente, é desenvolver no aluno o desejo de buscar o desconhecido, é fazê-lo viajar em suas descobertas, e que, para educar é preciso amar o que faz”.

Finalizei o magistério em dezembro de 2004, e sua conclusão oportunizou-me começar o ano de 2005 como professora da turma de crianças de três e quatro anos na mesma escola. Fiquei muito feliz com a notícia e comecei a estudar com uma amiga, teóricos como Piaget, Wallon e um pouco sobre o construtivismo. Mas, o maior aprendizado foi adquirido com as práticas da sala de aula e as constantes observações que eu fazia das práxis de outros colegas professores.

Nesse meio tempo, em meados de 2005, fui convidada por minha amiga Tereza para trabalhar no Projeto Formar, que acontecia no Ministério da Fazenda, com uma turma multiseriada de séries iniciais, nesta modalidade de ensino. O projeto atendia funcionários de vários Ministérios, cuja finalidade era possibilitar melhor desempenho das atividades desenvolvidas no trabalho, como também, o desenvolvimento pessoal do trabalhador, que por vários motivos, não teve acesso ao ensino regular na idade apropriada.

O Projeto Formar foi uma iniciativa de melhorar a autoestima e a qualidade de vida de jovens e adultos que não tiveram oportunidade de estudar quando criança. Uma oportunidade ímpar para aqueles e aquelas que queriam aprender a ler e escrever ou até concluir seus estudos. Para mim, uma proposta de trabalho que causou muita empolgação e ao mesmo tempo bastante medo, afinal, o desconhecido nos gera medo e insegurança. Além de essa modalidade de ensino ser novidade para minha pessoa, eu não fazia a mínima ideia do tipo de trabalho teria de desenvolver com aqueles jovens e adultos.

As dificuldades enfrentadas na ocasião foram muitas, como aborda o conteúdo, o que apresentar aos alunos, não tive nenhuma orientação. Ensinar pessoas com idades bem maiores que a minha era novidade para mim. Tudo que eu sabia aprendi durante o magistério, e não me lembro de ter visto nada a respeito dessa modalidade de ensino, além do mais, a minha experiência era apenas com crianças de três e quatro anos. Não foi nada fácil enfrentar essas dificuldades ao longo do caminho.

Penso que os fatores que mais pesaram nesse contexto foram minha inexperiência e a falta de fundamentação teórica sobre a EJA, elementos necessários para quem está à frente de um processo de formação de pessoas que já trazem consigo uma bagagem enorme de saberes e conhecimentos. Mas, de qualquer maneira, posso dizer que foi uma experiência ímpar e gratificante, na qual aprendi bem mais do que ensinei, com certeza!

De várias coordenadoras que passaram pela escola que eu trabalhava, uma foi especial, a Sônia Sanchez. Sua maneira de lidar com a educação instigou minha curiosidade e de certa forma serviu-me de inspiração para a escolha do curso de pedagogia. Estava sempre atenta a tudo que acontecia na escola, às dificuldades dos alunos e professores sempre buscando uma solução que atendesse a todos. Durante a semana pedagógica, eu a auxiliava na preparação e organização dos materiais utilizados no curso com os professores. Ao final de cada curso ela sempre dava uma lembrancinha personalizada para cada um.

A Sônia sempre me falava da importância do professor estudar e estar atualizando seus conhecimentos. Era uma pessoa muito simples e muito culta e sempre me emprestava livros na área de educação e um dia me trouxe o livro “A psicogênese da língua escrita” de Emília Ferreiro, e foi então que interessei pelo tema “alfabetização e letramento”. Acho que o empréstimo desse livro foi intencional, afinal, ela mesma sugeriu que eu participasse do “Seminário Internacional de Alfabetização e Letramento na Infância”, que aconteceu com a presença de Emília Ferreiro, a autora do livro que a Sônia me deu para ler, foi maravilhoso, mesmo não tendo conhecimento teórico sobre o assunto, foi um momento importante naquele momento que eu estava vivendo na educação infantil e que contribuiu na minha escolha de ser pedagoga.

Depois do evento passei a observar tudo e todos à minha volta de uma maneira mais curiosa e com criticidade, os alunos com suas diferentes habilidades e limitações, as práticas dos professores, a relação professor/aluno/família, o plano curricular e o método de ensino da escola, o desenvolvimento das crianças em sala de aula e meu encantamento aumentava mais e mais a cada dia. Bem, posso dizer que foram as experiências vivenciadas durante os três anos na escola que contribuíram de maneira ímpar para a escolha do curso de pedagogia.

Mas, no final de 2005, para surpresa de todos, fomos informados do fechamento de algumas turmas, eu e outros quatro professores fomos dispensados pelo dono da escola. Alguns foram remanejados para outras unidades da rede, quanto a mim, infelizmente, por não estar cursando faculdade, tive de buscar novos rumos. Foi um final de ano bastante difícil, como era início de dezembro até cheguei a entregar currículos em algumas escolas, mas sem

sucesso. O que eu mais ouvia era que as vagas geralmente eram preenchidas em outubro e novembro.

Acabei entrando em depressão e não queria nem ouvir falar em trabalhar em escola, minha autoestima foi para o brejo e fiquei desacreditada do meu potencial. Voltei para a área de beleza em novembro de 2006, fiz outros cursos enquanto trabalhava em um salão no Lago Sul. Em setembro de 2007 saí do salão, pois surgiu a oportunidade de trabalhar como secretária numa empresa de Soluções em Informática na qual permaneci por dois anos e meio.

1.3 O Ingresso na Universidade de Brasília

A gente tem o costume de arrumar desculpa e justificativa para tudo na vida. Para fugir do vestibular da UAB-UNB que aconteceu em 2007, eu me auto excluí logo, afinal, não acreditava que tivesse capacidade de passar, então não quis nem tentar fazer a prova. Mas, minha cunhada Rosalina prestou o vestibular e passou e, no decorrer do ano, fui acompanhando o que acontecia na plataforma do curso dela, as atividades que ela desenvolvia, suas participações nos fóruns, e foi despertando um interesse maior pelo curso. Achei que o vestibular acontecia todo ano, só depois descobri que acontecia apenas a cada dois anos, e o próximo, no caso, seria em 2009. Aproveitei o ano de 2008 para fazer cursinho pré-vestibular e descobri que eu não sabia nada, nada. Tudo que eu achava que tinha aprendido no ensino médio se apagou da minha memória, foi um terror! Para ganhar tempo comecei a estudar pelas provas aplicadas nos vestibulares anteriores e me preparar para o vestibular da UAB de 2009. O interessante é que eu, meu marido e minha filha prestamos vestibular nesse mesmo ano; a diferença é que a minha filha iria prestar o vestibular presencial na UnB e já havia feito outros cursinhos preparatórios.

Fizemos a prova concorrendo à vaga no polo de Alexânia – GO, eu para pedagogia e ele para geografia. Aguardar o resultado é um tédio, quando vai chegando o dia do resultado final do vestibular ai sim, começa o frio na barriga. Lembro-me que a data do resultado da UAB foi adiada e se não me falha a memória, marcaram o resultado para sair no mesmo dia do presencial. No dia do resultado acessei o site do CESPE e com o coração quase saindo pela boca olhei primeiro o nome do meu esposo e da minha filha. Quase não me contive, a felicidade foi tanta ao saber que os dois tinham sido aprovados que tive vontade de sair correndo. Com o coração mais acelerado ainda digitei meu nome vi que tinha passado também, nem acreditei! Na época achei que foi pura sorte. Hoje, porém, sei que foi muito

esforço da minha parte. Sofri preconceitos do tipo: “A UnB está baixando o nível mesmo hein, até a Eliane passou no vestibular!”, mas foram comentários como esse que me fortaleceram e me trouxeram até aqui.

1.4 E começa o curso de pedagogia, quanta expectativa!

O tão esperado início das aulas chegou. Tivemos uma aula inaugural para conhecermos o polo de Alexânia e a equipe gestora como o coordenador Ceone e os tutores presenciais, o funcionamento dos cursos oferecidos, a plataforma moodle, os encontros presenciais e os colegas de turma que por sinal conversei com apenas uma ou duas.

Iniciamos o curso no 1º semestre de 2009 com a oferta de cinco disciplinas: Antropologia e Educação; Perspectiva do Desenvolvimento Humano; Teorias da Educação; Investigação Filosófica e Projeto I. A mais marcante foi a disciplina Antropologia e Educação organizada pela Professora Dra. Rosângela Corrêa e como tutora a Taiza Tiba. Foi uma disciplina que deixou a turma inteira de cabelos em pé devido ao rigor da professora, à quantidade de leitura, aos prazos para entregar cada atividade, enfim, alguns colegas acabaram reprovando.

Era a disciplina que mais exigia tempo para realizar as leituras, eu quase enlouquecia só em baixar os enormes textos. Trabalhava o dia todo na Vert Soluções em Informática e aproveitava cada minuto para ler e desenvolver as atividades como o horário de almoço, os momentos mais calmos na empresa, dentro do ônibus enquanto ia e voltava do trabalho. Quando chegava à noite fazia um lanche e voltava novamente para frente do computador.

Cada aprendizado e descoberta se tornam únicos. Na disciplina Investigação Filosófica eu descobri que o papel da filosofia é levar o ser humano a refletir, questionar, duvidar, indagar sobre tudo e sobre todos e não aceitar um conceito como certo e acabado, pois nada e ninguém é ou está completamente acabado ou completo, sempre haverá algo ou alguma coisa a complementar, transformar ou modificar. É fundamental que haja questionamentos, pensamentos críticos, busca por novos caminhos e novas descobertas sobre o que vem a ser educação, sobre sua qualidade, sobre como acontece esse processo e de que forma ele contribui para o desenvolvimento do ser humano.

A grande quantidade de textos em cada disciplina, além das atividades com curto prazo de entrega que tínhamos de entregar toda semana, juntamente com a falta de hábito de

leitura, resultou em muitas enxaquecas, choros e vários finais de semana sem vida social ou familiar. Nossa participação nos eventos na família ficou escassa. Eu e meu marido dedicávamos a maior parte do final de semana à faculdade.

Mas voltando à disciplina Antropologia, quero dizer que aconteceram dois episódios que considero molas de propulsão para minha formação. A professora Rosângela, com toda a sua sabedoria, passou duas atividades que não dariam para serem respondidas sem a devida leitura dos textos, só que ela não nos avisou e eu na minha esperteza, assim como outras colegas, respondemos floreando a atividade sem ter lido o texto e enviamos na plataforma, felizes da vida.

Como toda ação gera uma reação, o resultado dessa brincadeira foi zero pra todo mundo. Foi uma loucura geral, um choque pra todos! Lembrei-me logo da experiência que tive na 8ª série, mas não deixei a peteca cair, prometi a mim mesma que isso nunca mais aconteceria e que eu ainda iria passar com nota boa e passei com a menção MS. Confesso que boa parte do meu empenho e esforço realizado durante o curso, eu devo a essa atitude da professora Rosângela.

Para surpresa de todos, no 2º semestre de 2009 tivemos um novo encontro com a professora Rosângela, agora na disciplina Fundamentos da Educação Ambiental; tivemos a colaboração da monitora Mariana, aluna da UAB 1, o que nos ajudou a clarear as ideias durante os encontros no polo.

Neste semestre tivemos também as disciplinas: Educando com Necessidades Educacionais Especiais; História da Educação; Organização da Educação Brasileira e Projeto 2. Na primeira semana da disciplina de História da Educação nos foi apresentado o texto “No início era o caos...”. Lia várias vezes e não conseguia decifrar o sentido do texto, foi literalmente um “caos” para mim, um sentimento de incapacidade tão grande que só consegui escrever algumas palavras após várias leituras e releituras desse texto apresentado, das pesquisas na internet e das produções dos meus colegas.

Começa 2010 e inicia-se o 3º semestre com as disciplinas ofertadas foram Aprendizagem e Desenvolvimento do PNEE; Ensino e Aprendizagem da Língua Materna; Sociologia da Educação; Socionomia, Psicodrama e Educação; Psicologia da Educação e mais a disciplina de extensão Construção de Projetos Sociais Multidisciplinar, o que me oportunizou fazer parte da equipe de rondonistas que participaram do Projeto Rondon na Operação Mamoré. Meu grupo era formado por 8 universitários, sendo 4 universitários de cursos presenciais e 4 universitários de cursos à distância, mais dois professores supervisores, todos da UnB. Fomos para a cidade Ministro Andreazza, município do estado de Rondônia,

durante as férias de julho de 2010, uma experiência inesquecível, na qual colocamos em prática ações e oficinas desenvolvidas na plataforma por nós e por outros alunos que não puderam viajar.

Nesse semestre também ocorreu um fato histórico para a UAB, os professores da UAB aderiram à greve da UnB e foi até aberto um fórum de discussão na plataforma para que os alunos pudessem se posicionar frente à greve, nem todos os alunos participaram desse fórum.

Iniciei o 4º semestre muito cansada devido a viagem de julho, mas as disciplinas ofertadas foram bem atraentes. Tivemos Pesquisa em Educação; Introdução à Classe Hospitalar; Educação de Adultos; Didática Fundamental e Filosofia da Educação. No começo tive muita dificuldade em compreender os textos de filosofia; lia mais de 10 vezes e não conseguia responder aos questionamentos propostos no fórum. No encontro presencial a tutora Mayra deu uma aula que todo mundo ficou de boca aberta; foi aí que minha mente começou a se abrir para a filosofia.

Quando me deparei com a disciplina “Educação de Jovens e Adultos” recordei tudo o que vivi no projeto Formar e pude perceber a riqueza da experiência vivida em 2005, ou seja, a oportunidade de estar em contato com uma diversidade enorme de pessoas, cada qual com sua realidade e sonhos diversos, me fazendo perceber a fundamental importância, como futuros professores, estarmos teoricamente preparados para lidar com esse processo social formador de todas as dimensões do ser humano.

Errar todos nós erramos, e a falta de capacitação, de conhecimento e também de orientação pedagógica contribuíram para que boa parte das atividades por mim desenvolvidas naquela época fosse descontextualizada com o dia-a-dia da realidade daquelas pessoas; mesmo com todos os erros cometidos não houve evasão por parte daqueles discentes. É claro que ao analisar melhor essa situação, penso que o fato das aulas acontecerem em horário de expediente e no próprio local de trabalho desses alunos e alunas tenha contribuído sim para a permanência dos educandos até o final do curso, mas, se eles tivessem de sair de suas casas apenas para assistirem às minhas aulas a evasão seria certa.

Chegamos à metade do curso no início de 2011, no 5º semestre do curso as disciplinas ofertadas foram: Educação Matemática I; História da Educação no Brasil; Educação e Trabalho; Projeto 3 – Fase 1. O 6º semestre foi bastante cansativo devido à viagem do Projeto Rondon, pois saímos para a operação quando entramos de férias da faculdade e quando retornamos, as aulas começaram no dia seguinte à nossa chegada. Estudamos neste semestre as disciplinas: Educação Matemática 2; Ensino de Ciência e

Tecnologia; Administração das Organizações Educativas; Educação Infantil e Projeto 3 – Fase 2, na qual colocamos em prática o projeto desenvolvido na Fase 1.

No Projeto 3 – Fase 2 eu conheci a realidade dos catadores de resíduos sólidos que trabalham no Aterro Controlado do Jockey Clube de Brasília, localizado na Cidade Estrutural às margens da DF-095 (Via EPCT, conhecida como Via Estrutural) ocupando uma área de 154 hectares. Durante o semestre, desenvolvi uma pesquisa cujo objetivo era promover uma ação educativa que pudesse contribuir para a mudança e melhoria das condições de trabalho, saúde e qualidade de vida dos catadores da cooperativa COORACE. O fato é que não conseguir atingir o meu objetivo na pesquisa, mas me oportunizou estar em contato direto com uma realidade completamente diferente da minha.

Neste trabalho aprendi que para promover uma ação educativa numa comunidade é preciso ter persistência, coragem, força de vontade, planejamento, tempo disponível, e principalmente, conhecer de perto a realidade da comunidade a ser pesquisada como também é fundamental que haja interesse por parte dos sujeitos envolvidos. Viver essa experiência foi fundamental para a minha formação acadêmica e primordial para a minha formação como ser humano.

As disciplinas, Ensino de História, Identidade e Cidadania; Políticas Públicas de Educação; Educação à Distância; Processo de Alfabetização e Projeto 4 – Fase 1 (Estágio Supervisionado) foram ofertadas no 7º semestre. O encanto e a curiosidade em conhecer e aprender cada vez mais sobre as necessidades da EJA me fez escolher essa modalidade de ensino para trabalhar na disciplina obrigatória Projeto 4 – Fase 1 e 2, o estágio supervisionado.

O estágio supervisionado no me oportunizou troca de saberes e experiências entre os sujeitos envolvidos no processo: alunos (as), professores (as) e a estagiária. Foram vivências que resultaram na construção de novos conhecimentos e novos aprendizados para todo o grupo.

No 8º semestre tivemos: Avaliação nas Organizações Educativas; Fundamentos da Linguagem Musical na Educação; Psicologia Social na Educação; Educação em Geografia e Projeto 4 – Fase 2. Nesta fase do estágio supervisionado busquei aplicar na prática o que aprendi ao longo da disciplina Projeto 4 – Fase 1. Aproveitando também as orientações da disciplina de Geografia para elaborar atividades diferenciadas para os alunos, os estudantes localizaram no mapa as regiões do Brasil e o lugar de onde eles vieram e suas expressões regionais.

Vivenciar a realidade de uma sala de aula de EJA contribuiu na revisão de conceitos e mudança de comportamento. Compreendi a importância da escuta e do olhar sensível, da pontualidade e da necessidade de pesquisar e investigar sempre sobre essa modalidade de ensino. Observei que houve mudança na minha postura de segurança frente aos alunos. Na primeira fase do estágio fiquei muito insegura, com medo de errar e não dar conta do recado. Na fase 2 foi bem mais tranquilo, pois já conhecia boa parte dos alunos.

Educação das Relações Étnico Raciais; Gênero e Educação; Escolarização de Surdos e Libras; Orientação Vocacional Profissional e Projeto 5 – Fase 1 foram ofertadas no 9º semestre do curso. Tivemos muitos problemas durante o semestre, principalmente na disciplina Projeto 5 – Fase 1. A tutora não era muito presente e deixava a desejar nas orientações para o projeto que não foram suficientes para a elaboração do nosso projeto, digo nosso, porque a turma toda sofreu as consequências desse descaso.

Não conseguimos elaborar um projeto que pudessemos dar continuidade na Fase 2 e algumas alunas acabaram trancando a disciplina com medo de reprovarem. Tudo que construímos ao longo do semestre como o Memorial, o próprio projeto e as Perspectivas Profissionais não tiveram correção.

Vivemos um semestre angustiante devido também à falta de encontros presenciais para termos um contato mais direto com o nosso orientador. As datas dos encontros não casavam, uma desorganização enorme, não sei se foi a secretaria ou a coordenação do curso que marcou para o nosso orientador comparecer no polo de Alexânia pela manhã e no polo de Carinhanha à tarde, só foram perceber um dia antes do encontro, ou seja, fomos avisados do cancelamento em cima da hora! Esse contratempo atrasou a elaboração do projeto de pesquisa que teve que ser reformulado no Projeto 5 fase 2 no seguinte semestre.

1.5 Descobertas, Experiências, Produções na Caminhada e dificuldades e conquistas da UAB/UnB

As descobertas, experiências e aprendizados, que vivenciei ao longo do curso de pedagogia ficarão guardados no meu coração e na minha memória. As duas atividades mais marcantes, não querendo desprezar as outras, foram as que ocorreram no 1º e no 2º semestre do curso: a 1ª Conferência Distrital de Saúde Ambiental e o 2º Seminário de Educação Ambiental de Alexânia.

Durante a disciplina Fundamentos da Educação Ambiental fui convidada pela professora Rosângela a participar da 1ª Conferência Distrital de Saúde Ambiental para contribuir na elaboração do diagnóstico ambiental em uma área aonde seria realizada a minha pesquisa. O evento aconteceu durante os dias 29, 30 e 31 de outubro de 2009, na Associação Médica de Brasília, cujo tema central da conferência foi “A Saúde Ambiental na cidade, no campo e na floresta: Construindo cidadania, qualidade de vida e territórios sustentáveis”, incluindo três eixos-temáticos: I - Desenvolvimento e sustentabilidade socioambiental no campo, na cidade e na floresta; II - Trabalho, ambiente e saúde desafios dos processos de produção e consumo nos territórios; III - Democracia, educação, saúde e ambiental e políticas para a construção de territórios sustentáveis.

O 2º Seminário de Educação Ambiental de Alexânia foi coordenado pela professora Rosângela Corrêa no dia 31 de outubro de 2009 na cidade de Alexânia, Goiás como atividade de extensão da UAB/UnB. A mesa foi composta pela Senhora Prefeita Maria Aparecida Gomes Lima; a coordenadora do seminário, Professora Dra. Rosângela Corrêa ministrando a palestra “Você sabe para onde vai o seu lixo?”; o Sr. Alex Abdallah contando a “História da fundação de Alexânia suas mudanças”; o biólogo Anderson Plácido, representando o Secretário de Meio Ambiente do Município de Alexânia, Sr Fábio Ferreira da Cruz Bragança, que falou sobre “A situação ambiental no Município de Alexânia” e o professor José Camapum de Carvalho do departamento de Geotecnia da UnB com o tema “Erosão: a solução está na educação e a responsabilidade é de todos”.

Agir local e pensar global, esse é o lema. Esse foi um evento cujas informações adquiridas me sensibilizaram bastante. Das palestras apresentadas, a que mais mexeu comigo foi a da professora Rosângela. Eu nunca tinha parado para pensar para onde vai o meu lixo. O máximo que eu fazia era separar latinhas e garrafas pet do restante do lixo. Tudo isso mudou o meu modo de pensar e agir. Fez-me perceber a necessidade de pensar nas pessoas que separam o meu lixo e principalmente nas condições em elas o fazem. Tantas inquietações me levaram a mudar meu comportamento não apenas frente ao descarte do lixo em minha casa, mas também frente às pessoas.

Chegamos ao final de uma caminhada cujos textos apresentados ao longo das disciplinas ofertadas no curso de pedagogia me proporcionaram dialogar comigo mesma sobre minhas ações, meu processo de aprendizagem, meus medos, dúvidas e anseios, como também é preciso falar das dificuldades que enfrentamos na UAB/UnB.

A UAB/UnB ainda precisa se organizar em muitos aspectos. Um deles é em relação à disponibilização de verbas para os professores e tutores participarem dos encontros

presenciais. Muitas vezes os encontros só acontecem ao final do curso, quando em realidade precisamos conhecer os professores e tutores no início do semestre para uma melhor relação nos fóruns de debates.

Outra questão que precisa melhorar é a escolha de tutores. Tivemos tutores maravilhosos e bastante competentes durante o curso; tutores que tiravam nossas dúvidas durante os encontros e na plataforma com eficiência e nos incentivavam quando percebiam que estávamos sumidos ou desanimados; eles foram capazes de apresentar o conteúdo de maneira segura, o que nos tranquilizava. Mas também, tivemos outros que deixaram a desejar em muitos contextos como na frequência das participações na plataforma, na correção das atividades, na falta de conteúdo para os debates nos fóruns e nos encontros, na falta de planejamento para os encontros, ao ponto de termos tutores que marcaram encontro pra ler o guia da disciplina em voz alta pra gente, um absurdo!

Acho que os professores supervisores das disciplinas deveriam ser mais presentes ou pelo menos se apresentar aos alunos através de vídeo como fez a Professora Cristina Maria Costa Leite de Geografia. A metodologia utilizada por ela foi fundamental para o sucesso no desenvolvimento das atividades ao longo da disciplina. A cada quinzena ela gravava um pequeno vídeo falando um pouco sobre os temas que iríamos estudar em cada quinzena. Ela foi ótima!

Quanto às instalações do polo, passaram-se mais de cinco anos deste sua inauguração com a turma da UAB1 e muitas coisas continuam na mesma como a banda larga, nunca funcionou completamente, principalmente quando precisávamos fazer alguma web-conferência. Não podemos utilizar a internet do polo em nossos notebooks e laptops, uma vergonha! As salas não são suficientes, nos encontros temos de utilizar as salas da Escola Agrícola que são desconfortáveis e as cadeiras são duras. Quem perder o transporte para o polo tem de ir de táxi porque não há outro transporte para o local.

Não posso deixar de falar também do que foi bom e das mudanças no polo de Alexânia. O Ceone, coordenador do polo, foi sempre presente, atendendo aos alunos com atenção e presteza, orientando em todos os processos relativos a matrículas e outros eventos, enfim, nota 10 para a coordenação do polo. A biblioteca foi abastecida com obras importantes para a formação dos alunos de todos os cursos; ela foi informatizada, todos os livros catalogados e somos atendidos da melhor maneira possível pelos bibliotecários.

Ao longo desses cinco anos, tive muitos encontros, desencontros, descobertas, experiências e aprendizados que abriram minha mente para o mundo tornando-me mais crítica

e reflexiva. Cada disciplina ofertada teve um papel peculiar e significativo para a minha formação acadêmica e para a minha formação como pessoa.

Estamos chegando ao final de uma longa caminhada de cinco anos. Uma caminhada de muitos aprendizados e conhecimentos construídos com autonomia, perseverança, luta, força e determinação. Sabemos que não é o fim da caminhada, mas, o começo de outras caminhadas que estão por vir.

PARTE 2 - INTRODUÇÃO

A aprendizagem da leitura e da escrita na Educação de Jovens e Adultos é uma problemática que vem sendo debatida e questionada por muitos estudiosos. Ainda vivemos o desafio de erradicar o analfabetismo, acabar com a produção de analfabetos funcionais, a evasão escolar de alunos e também com o índice de repetência nas escolas no nosso país.

Nesta perspectiva, a presente pesquisa tem como objetivo verificar, a partir de relatos de alunos e de ex-alunos da 1ª série do CEF 08 do Guará, se as estratégias de ensino utilizadas pelos professores em sala de aula são eficazes para a aprendizagem da leitura e da escrita. Com o intuito de encontrar uma forma de poder ajudar as pessoas que tiveram negado o seu direito de estudar na idade certa, falaremos de uma problemática que é a aprendizagem da leitura e da escrita dos jovens do primeiro segmento da Educação de Jovens e Adultos no Centro de Ensino Fundamental 08 do Guará.

As perguntas que guiaram a presente monografia foram: Quais são as estratégias de ensino utilizadas na EJA? Que dificuldades são enfrentadas pelos professores para atuarem nesta modalidade de ensino? Quais os recursos utilizados e suas contribuições para a aprendizagem dos alunos? Os estímulos provocados pelas atividades desenvolvidas em sala de aula permitem os alunos aprenderem a ler e escrever? Que dificuldades de aprendizagem dos alunos do primeiro segmento enfrentam para ler e escrever?

Parte-se da hipótese de que as dificuldades que os alunos enfrentam na aprendizagem da leitura e da escrita perpassam pelos demais sujeitos envolvidos nesse processo. O que queremos dizer é que essas dificuldades podem estar relacionadas também à falta de formação continuada dos professores no que se refere a essa modalidade de ensino, à falta de recursos didático-pedagógicos ou a maneira como são utilizados ou até mal utilizados em sala de aula pelos professores, como também, não podemos deixar de pensar nas

dificuldades que os alunos adultos enfrentam em relação ao seu histórico de vida, o que faz com que o aprendizado da escrita e da leitura não aconteça de maneira eficiente.

A pesquisa está organizada da seguinte forma: no primeiro tópico vem meu Memorial, em seguida, apresento a introdução da monografia com o tema da presente monografia, justificativa, relevância, objetivos, desenvolvimento do referencial teórico/revisão da literatura escolhida e a metodologia. No tópico seguinte apresento o resultado da coleta de dados em que faço um breve relato sobre o Centro de Ensino 08 do Guará, apresento o Projeto Político Pedagógico da escola, a caracterização da amostra de alunos e professores seguidos da análise dos dados. Por último, apresento minhas considerações finais, e encerro com as minhas perspectivas profissionais.

METODOLOGIA

A metodologia do presente trabalho enquadra-se na abordagem qualitativa através do estudo de caso instrumental que pode “auxiliar no conhecimento ou redefinição de determinado problema” (Gil 2008 p.55).

O foco da pesquisa foi alunos e professores do primeiro segmento da EJA, ou seja, alunos matriculados e professores que atuam nas turmas de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, na instituição Centro de Ensino Fundamental 08 do Guará. A coleta de dados foi realizada através de entrevista semiestruturada com quatro professores e onze alunos do primeiro segmento. A escolha da entrevista como instrumento de coleta de dados deu-se pelo fato da mesma permitir a interação do entrevistador com o entrevistado e a possibilidade de obter informações subjetivas que talvez com outros instrumentos de coleta de dados não fosse possível (Haguette, 1997).

No segundo semestre em 2013 matricularam-se noventa e cinco alunos no primeiro segmento; segundo informações dos professores entrevistados apenas cinquenta e nove alunos estavam frequentando as aulas e em dias alternados. Desses cinquenta e nove alunos tivemos contato com trinta e oito alunos que foram abordados em duas fases da coleta de dados. Cada participante foi consultado pessoalmente sobre sua disponibilidade para ser entrevistado e pudésemos saber qual era o melhor local, dia e horário para que a mesma pudesse acontecer.

A coleta de dados começou em meados de setembro de 2013, na qual foram realizadas pelo menos três visitas por semana à escola, só que eu tive dificuldades para encontrar os estudantes devido à proximidade da semana da EJA em que a equipe pedagógica

e os professores estavam empenhados na organização dos eventos que foram programados para os alunos como: oficinas, palestras, jantar, bingos. A semana que antecede a semana da EJA, juntamente com a semana posterior ao evento é um período em que muitos alunos faltam, mesmo assim, durante os intervalos consegui abordar vinte alunos, um quantitativo considerado pequeno se compararmos ao quantitativo de alunos frequentes (59), mas optei por abordar todos os alunos que eu já conhecia, desde o período do estágio que fiz na instituição em 2012. Apenas cinco aceitaram participar da pesquisa nesta fase.

Diante das dificuldades enfrentadas e da pouca quantidade de dados coletados no mês de setembro, aproveitou-se a primeira semana de outubro de 2013 para realizar novas visitas à instituição. Foram visitas diárias, com duração de mais ou menos duas horas e meia por dia, com encontros na entrada e na hora do intervalo. Dos dezoito alunos abordados no mês de outubro, apenas quatro aceitaram participar da entrevista, dois alunos não compareceram à entrevista marcada devido à chuva e não houve tempo hábil para remarcalas.

Como todos os alunos da amostra são trabalhadores, só teriam disponibilidade em dar entrevista aos sábados, o que delongou o período da coleta de dados. Dos 07 alunos entrevistados, duas alunas foram entrevistadas em suas residências; os demais alunos foram entrevistados na própria escola em horários variados (antes do início da aula, no intervalo e quando houve falta de professor).

Dos sete alunos entrevistados, dois são do sexo masculino e cinco do sexo feminino com idades entre 22 e 38 anos. Eles trabalham nas áreas de construção civil, borracharia, auxiliares de serviços gerais, faxineiras, domésticas e donas de casa. A maioria dos alunos veio de cidades da região nordeste, apenas uma veio de Minas, todos com o mesmo objetivo: uma qualidade de vida melhor. Três alunas moram próximo à escola, os demais moram em quadras mais afastadas e utilizam transporte público (ônibus), carro ou bicicleta para chegar ao CEF 08.

Vale ressaltar que por se tratar de entrevista, algumas perguntas foram reelaboradas para melhor compreensão dos estudantes entrevistados. Algumas perguntas geraram insegurança por parte deles, pois estavam receosos em responder algumas questões e preocupados se o que estavam falando sairia nas gravações, afinal, eles não queriam prejudicar os professores ou deixá-los chateados com eles.

Em relação aos professores, a intenção era entrevistar os sete professores do primeiro segmento da EJA, devido a contratempos como atestados, falta de tempo dos professores e incompatibilidade de horários, só foi possível entrevistar quatro deles. Dois

professores da 1ª série, uma professora da 2ª série e uma da 3ª série. Dos professores entrevistados, três são do sexo feminino e um do sexo masculino, com faixa etária entre 39 e 57 anos. Os professores utilizam seus carros para chegar à instituição devido à distância.

Todos os professores possuem formação em Pedagogia juntamente com outras especializações como podemos ver no quadro 1 a seguir:

Quadro 1 Formação e Especialização dos professores do primeiro segmento da EJA do Centro de Ensino 08 do Guará

| PROFESSOR | FORMAÇÃO | ESPECIALIZAÇÃO |
|-----------|----------------------|--|
| 01 | PEDAGOGIA | <ul style="list-style-type: none"> GESTÃO ESCOLAR; PSICOPEDAGOGIA; ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL; DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR. |
| 02 | PEDAGOGIA | <ul style="list-style-type: none"> ADM. ESCOLAR; PSICOPEDAGOGIA; EDUCAÇÃO ESPECIAL; CURSOS BÁSICOS PARA EJA (EAPE) |
| 03 | PEDAGOGIA | <ul style="list-style-type: none"> EDUCAÇÃO NA DIVERSIDADE E CIDADANIA COM ÊNFASE NA EJA I E II. |
| 04 | PEDAGOGIA MAGISTÉRIO | <ul style="list-style-type: none"> ADM. ESCOLAR; CURSO BÁSICO EJA; PCN PARA EJA |

Fonte Elaboração própria

De acordo com o Programa de Formação de Professores Alfabetizadores, a formação profissional é uma das principais estratégias para a conquista de uma educação escolar de qualidade, isto é, uma educação que garanta o direito de crianças, jovens e adultos às aprendizagens imprescindíveis ao desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, afetivas, físicas, éticas, estéticas, de inserção social e de relação interpessoal.

O professor que tem menos tempo atuando na EJA tem 5 anos e o que tem mais tempo tem 18 anos, o que indica que todos os professores já tem um tempo significativo no campo da EJA, mesmo quando tenham pouco tempo na CEF 08.

Quadro 2 Tempo de atuação os professores na modalidade de EJA e de atuação no Centro de Ensino 08 do Guará

| PROFESSOR | TEMPO DE ATUAÇÃO NA EJA | TEMPO DE ATUAÇÃO CEF 08 DO GUARÁ |
|-----------|-------------------------|----------------------------------|
| 01 | 05 anos | 01 ano |
| 02 | 06 anos | 02 anos |
| 03 | 13 anos | 02 anos |
| 04 | 18 anos | 03 anos |

Fonte Elaboração própria

Também realizei a análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da CEF 08 para poder averiguar a proposta pedagógica para o primeiro segmento.

Cada escola possui singularidades e especificidades que a torna única. Especificidades estas que se apresentam em suas regras, ações e projetos pedagógicos específicos, construídos coletivamente de acordo com as necessidades encontradas ao longo do processo. A construção da proposta pedagógica de cada escola deve estar contemplada no Projeto Político Pedagógico, que tem como função nortear o que se pretende realizar na escola, tanto no que se refere à organização da escola como um todo, como na organização da sala de aula em sua totalidade, ou seja, dar direção a um planejamento que foi construído coletivamente. É um processo que possibilita refletir e discutir os problemas da escola, buscando alternativas viáveis para soluções dos problemas encontrados.

2.1 Referencial Teórico

O Brasil ainda possui milhões de analfabetos espalhados por todo o território nacional, os dados do Ministério da Educação (MEC) de 2002 apontam que houve uma queda nas taxas de analfabetismo de 7,5% para 4,0% entre jovens com idade entre quinze e dezenove anos, sendo que a soma do número de analfabetos nas áreas urbana e rural chegava a 16.294.889 analfabetos (13,53%). A taxa de analfabetismo entre os jovens de vinte e quatro anos de 8,0% baixou para 5,9%. Esse resultado se atribui ao investimento do governo Fernando Henrique Cardoso no Ensino Fundamental.

No ano de 2006, já no governo Lula, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) houve uma queda em relação percentual de analfabetos de 13,3% para 10,38%, uma queda considerável em relação aos dados das pesquisas anteriores; uma queda de 3,14% na taxa de analfabetos com idades entre quinze e vinte e nove anos, ou seja, 1.589.000 jovens aprenderam a ler e a escrever.

Mas, mesmo que esse número pareça significativo, no Brasil, existem 578.000 crianças com idades entre dez e catorze anos, que podem não terem sido matriculadas ou até estão frequentando a escola sem saber ler e escrever, ou seja, estão na contabilidade das pessoas analfabetas. Segundo dados do IBGE, do total de 27,4 milhões de crianças com idade entre sete e catorze anos 2,7% não estão matriculados na escola; infere-se que 15,5 milhões de brasileiros não sabem ler e escrever, sendo que desse percentual, 15% desses brasileiros têm trinta anos e 65% desses analfabetos estão concentrados na região nordeste do Brasil.

Para o IBGE, apenas aquele que se declara analfabeto ou sem instrução é considerado analfabeto, enquanto que aqueles que não completaram oito anos de escolaridade, são considerados analfabetos funcionais. Em 2001, 57,64% dos brasileiros com quinze anos ou mais, ou seja, 69,7 milhões de pessoas, não haviam completado o Ensino Fundamental e por isso poderiam ser considerados analfabetos. Em 2005, esse número foi dividido em dois grupos pelo IBGE, a pedido do Instituto Paulo Montenegro. Nesse sentido, apenas 9% dos brasileiros com idade entre quinze e sessenta e quatro anos passaram a ser considerados analfabetos, sendo que 91% desses brasileiros foram distribuídos em grupos de letramento, ou seja, conforme seu domínio em relação à leitura e a escrita.

- 31% leem e entendem um pequeno anúncio ou título de um jornal (um bilhete simples);
- 34% leem e entendem pequenas matérias de jornal;
- 26% têm domínio da leitura e escrita.

Os números mostrados nas pesquisas e censos demonstram que de cada quatro brasileiros acima de quinze anos, apenas um possui o domínio da leitura e da escrita, ou seja, três são analfabetos. É uma realidade assustadora que nos mostra o quanto ainda vivemos num País que tem muito a fazer na educação. Diante dos dados apresentados acima podemos perceber que ainda precisamos rever muitas questões no que se refere aos direitos sociais do cidadão brasileiro.

Para compreendermos se as estratégias de ensino utilizadas pelos professores em sala de aula no CEF 08 do Guará são eficazes para a aprendizagem da leitura e da escrita dos estudantes do EJA é importante retomarmos alguns questionamentos feitos anteriormente. Que dificuldades são enfrentadas pelos professores para atuarem nesta modalidade de ensino? Quais são as estratégias de ensino utilizadas na EJA? Quais os recursos utilizados e suas contribuições para a aprendizagem dos alunos? Os estímulos provocados pelas atividades desenvolvidas em sala de aula permitem os alunos aprenderem a ler e escrever? Que dificuldades de aprendizagem esses alunos do primeiro segmento ainda enfrentam para ler e escrever? Tais questionamentos serviram de apoio para fundamentarmos a pesquisa em autores como Gadotti (2008), Moura (2009), Reis (2000), Ferreira e Teberosky (1985), Pinto (1986), SESI (2003), SECAD (2006), Freire (1981, 1989, 1996) e Barreto (1998).

De acordo com Gadotti (2008), o analfabetismo é consequência da nossa pobreza e da negação de um direito fundamental. Sabemos que o desafio de erradicar o analfabetismo no Brasil ainda é muito grande, e são necessários programas educacionais juntamente com

políticas públicas sociais e mobilização por parte de toda a sociedade civil. Porém, o autor destaca que,

“o fracasso das numerosas campanhas de erradicação do analfabetismo no Brasil não se aplicam apenas pela falta de vontade política, mas também por problemas pedagógicos e metodológicos” (2008 p. 58-59).

Recordemos brevemente como eram as estratégias de ensino. No início do século XX, os métodos de alfabetização eram mecânicos e descontextualizados da realidade dos educandos, valorizava-se o método de educação que Paulo Freire conceituou de “educação bancária”, aquela em que os professores eram os detentores do conhecimento, enquanto que os alunos eram meras vasilhas que serviam de depósitos, robôs que memorizavam e repetiam os conhecimentos que lhes eram transmitidos, ou seja, os alunos eram os objetos do processo de educar. Considerava-se que ensinar a ler era garantir que os alunos conhecessem as letras e seus diferenciados sons, juntassem sílabas e formassem palavras e frases sem nenhum contexto, sem nenhum sentido ou significado para suas vidas.

As experiências que acumulamos durante toda a nossa vida escolar e social podem nos levar a acreditar que o conhecimento é um discurso ou texto escrito que existe pronto na cabeça dos professores ou impressos nos livros e aprender consiste em memorizá-los. Por termos sido influenciados por este modelo de conhecimento, acreditamos por muito tempo que era preciso decorar para aprender. Quando na verdade, o que acontece é o inverso: quando refletimos, aprendemos e só então memorizamos. Nesse sentido, como citado em Barreto (1998),

“Paulo Freire costumava dizer que a educação nada mais é do que uma Teoria do Conhecimento posta em prática. Com isto ele destacava não só a importância do conhecimento na educação, como salientava que a visão de conhecimento que o educador tem repercute diretamente na sua prática pedagógica” (Barreto, 1998 p. 59).

Hoje, existe um esforço por uma pedagogia diferenciada, uma pedagogia voltada para a diversidade, para a formação do cidadão consciente e crítico. A alfabetização de hoje é trabalhada numa visão sistêmica do aluno. Como citado por Brandão (1981), de acordo com Freire,

“seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizandos. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito”.

Gadotti reforça a importância de a ação pedagógica ter como ponto de partida o estudo da realidade do educando. Somente a partir desse estudo é que sairão os temas geradores que orientarão a escolha dos conteúdos a serem problematizados no processo de ensino-aprendizagem para a compreensão dessa realidade e na busca de alternativas de intervenção social (2008 p. 109).

Neste sentido, se a prática pedagógica é uma dimensão da prática social, o papel do educador não é transferir o conhecimento, é ensinar, é mediar o conhecimento entre o sujeito e o objeto, nesse caso, entre o sujeito e o aprendizado da leitura e da escrita. E compreender o processo de aprendizagem dos alunos frente à leitura e à escrita é uma das maiores dificuldades não apenas dos professores, mas também dos alunos.

Freire (1996) afirma que não há docência sem discência e ensinar exige ensinar o aluno a pensar certo, pensar criticamente, construir e reconstruir seu próprio conhecimento, elaborar suas próprias certezas de forma significativa. Cabe ao educador despertar no aluno o desejo de buscar o conhecimento, a resposta a seus questionamentos e dúvidas, ou seja, despertar no aluno o desejo de aprender.

O educador deve proporcionar recursos e meios que levem o aluno a construir significativamente seu ponto de vista de forma singular, pois somos seres inacabados e em constante transformação. Para Reis (2000), alfabetizar não é somente ensinar a ler e escrever, ou seja, “alfabetização não só para fazer a pessoa aprender a ler, escrever e calcular, mas ter um outro tipo de leitura. Ensinar a pessoa raciocinar, em cima desse outro tipo de leitura, mais política, mais cidadã...” (p. 55).

O pesquisador francês Bernard Charlot, numa entrevista à revista Nova Escola, defende a ideia de ensinar com significado para mobilizar os estudantes. Ele fala que,

“quanto mais significativo for o que está sendo ensinado, mais o aluno se põe em movimento, se mobiliza para se relacionar com aquele conteúdo”, mas será que é o que predomina na educação atual? A atividade escolar precisa se apresentar de forma significativa, prazerosa, para merecer o esforço intelectual dos alunos no sentido de apropriar-se de diversas porções de saberes produzidos pela humanidade. Nem sempre é o que acontece na educação brasileira, e não existe receita pronta para isso, mas também não podemos cruzar os braços e tentar encontrar culpados para justificar essa situação. Em vez disso, Charlot (2009) sugere uma leitura positiva do indivíduo levando em conta sua história de vida, seus desejos e suas atividades cotidianas (Revista Nova Escola junho/julho 2009, p. 34).

Um dos grandes desafios na alfabetização de jovens e adultos é serem tratados como jovens e adultos na escola. Mesmo que adultos e crianças possuam semelhanças em seus processos de construção da escrita, na visão de Moura,

“essa semelhança de alguns comportamentos cognitivos apresentados por adultos e crianças não pode ser justificativa para que se tomem atitudes pedagógicas que levem à infantilização no tratamento dos adultos e na utilização de técnicas e recursos didáticos transpostos de uma área para outra” (1999 p.126).

Neste sentido, em relação à infantilização do tratamento para com o adulto, Gadotti tem toda razão ao afirmar que,

*“o aluno adulto não pode ser tratado como uma criança cuja história de vida apenas está começando. Ele quer ver a aplicação imediata do que ele está aprendendo. Ao mesmo tempo, apresenta-se temeroso, sente-se ameaçado, precisa se estimulado, criar autoestima, pois sua condição de analfabeto lhe traz tensão, angústia, complexo de inferioridade. Muitas vezes tem vergonha de falar de si e de sua moradia, de sua experiência frustrada da infância, principalmente em relação à escola. É preciso que tudo isso seja verbalizado e analisado. O primeiro direito do alfabetizando é o **direito de se expressar**, diante de um mundo que sempre o silenciou” (2008 p. 59).*

É na sala de aula, espaço de vivência e aprendizagem, local onde as experiências e os saberes se encontram, os jovens e adultos trocam, constroem e reconstróem seus conhecimentos, apoiando-se em suas experiências de vida e bagagens históricas culturais. No entanto, para formar cidadãos críticos e atuantes, não podemos esquecer que, provavelmente, a sala de aula da Educação de Jovens e Adultos é o único espaço na vida de muitos desses alunos onde a prática de pensar de forma organizada tem lugar.

Na EJA, as pessoas querem aprender coisas nas quais serão utilizadas em suas rotinas diárias, pois já viveram experiências variadas, já desenvolveram seu cognitivo e não querem ser tratadas como crianças apenas por não saberem ler e escrever:

“trata os adultos como seres inferiores do ponto de vista cultural e psicológico, que são considerados como seres diferentes, para não dizer em alguns casos, como “deficientes”. Não se reconhece em momento algum, suas experiências de vida, o acúmulo de conhecimentos que possuem, fruto de sua história e sua cultura”. (Moura 1999 p. 57)

É preciso enxergar o aluno da EJA como sujeito único de sua história, pois são pessoas que de certa forma estão rompendo grandes barreiras em suas vidas, buscando resgatar sonhos perdidos em outrora. A afetividade, o carinho, a paciência, o companheirismo

precisam trabalhar juntos nessa grande empreitada que é a construção do conhecimento através do pensar e tecer juntos.

Neste eterno processo de aprender, desaprender, reaprender e desaprender novamente é que acrescentamos algo novo, um conhecimento novo. E é desse encontro de variados saberes, da diversidade de olhares que nasce as diferentes experiências vividas e compartilhadas pelos alunos, o que facilita e aumenta a possibilidade de todos compreenderem o que está sendo estudado em sala de aula.

A alfabetização a partir das práticas culturais do jovem e do adulto envolve a utilização de materiais contextualizados com o seu dia a dia e também de materiais da cultura letrada. De acordo com o SESI (2003)

“o dicionário, mapas e/ou globo terrestre são peças indispensáveis, assim como uma mini biblioteca que pode ser formada com a colaboração dos alunos. Da vida cotidiana podem vir para a sala de aula materiais comunicacionais existentes na rua (cartazes, outdoors, endereços, letreiros); em casa (receitas, bulas, rótulos, documentos); no ambiente de trabalho (cartazes relacionados à saúde e segurança, memorandos). Os jornais e revistas periódicas são excelentes meios /materiais de aprendizagem. Existe no Brasil quase meia centena de jornais que incentivam o uso desse veículo no processo educativo, fornecendo às escolas, sem ônus, determinadas cotas de jornais e orientação aos professores quanto ao seu uso” (SESI 2003 p, 63-64).

Não existe uma receita pronta de alfabetização que defina um tipo de metodologia ou que recursos didáticos devem ser utilizados para que o aluno de fato aprenda a ler e escrever. Cada professor deve buscar conhecer a sua realidade e fundamentar a sua prática em sala de aula.

2.2 Conhecendo um pouco do CEF 08 do Guará

O Centro de Ensino Fundamental 08 do Guará é uma escola da Rede Pública de Ensino do DF, integrada a Secretaria de Educação do Distrito Federal e é vinculada, pedagógica e administrativamente à Diretoria Regional de Ensino do Guará. Sua localização é urbana, oferecendo o Ensino Fundamental de 8º e 9º anos - séries iniciais (4º ano e 5º ano) e finais (5º e 6ª séries), Ensino Especial (TGD e DI) e Educação de Jovens e Adultos (1º e 2º segmento). É classificada como Centro de Ensino Fundamental funcionando nos turnos matutino, vespertino e noturno.

A escola oferece mecanografia onde os professores reproduzem atividades para os alunos. As salas são arejadas com ventiladores, quadro branco e carteiras suficientes para atender aos alunos. Possui orientação pedagógica, biblioteca, lanche, materiais didáticos concretos como: material dourado, tangram, barras cuisenaire.

No ano de 2012 a Secretaria de Educação enviou uma equipe gestora, que na opinião da professora que me acompanhou na 1ª fase do estágio, trabalhou pela melhoria da escola e do trabalho pedagógico, o que agradou bastante o público docente. Houve eleição para escolha da nova gestão, que tomará posse em 2014 e a atual gestão não se candidatou à reeleição.

A escola passou a ofertar a modalidade de EJA primeiro segmento/Ensino Fundamental – Etapas Iniciais de 1ª a 4ª série no 1º semestre de 2011. A escola fez propaganda na comunidade sobre a oferta do primeiro segmento na modalidade de EJA em 2010 e 2011, só que o número de alunos ainda foi considerado pequeno, como se pode ver discriminado a seguir.

No ano de 2011, quando iniciou a oferta do primeiro segmento da EJA no CEF 08 do Guará foram matriculados: 13 alunos na 1ª série; 11 alunos na 2ª série; 22 alunos na 3ª série; e 15 alunos na 4ª série; totalizando 61 alunos matriculados no primeiro semestre. No entanto, ao iniciar o segundo semestre percebe-se uma queda de 13,1% nas matrículas: na 1ª série foram efetuadas apenas 08 matrículas; na 2ª série 12 matrículas; na 3ª série 19 matrículas e na 4ª série 14 matrículas; num total de 53 alunos matriculados. A queda no quantitativo de matrículas pode ser ruim para a escola, porque existe um gasto para manter a oferta de uma modalidade de ensino e para que haja investimento por parte do governo é necessário que haja demanda por parte da comunidade, ou seja, que tenha aluno.

Comparando o primeiro semestre de 2012 em relação ao primeiro semestre de 2011 a queda foi maior ainda, ou seja, 29,5%, na 1ª série efetuaram-se 13 matrículas; na 2ª foram 10 matriculados; na 3ª série o número caiu para 13 matrículas e na 4ª série foram apenas 07 alunos matriculados. No entanto, as matrículas efetuadas no segundo semestre do mesmo ano cresceram em comparação ao segundo semestre de 2011, fechando em: 17 alunos matriculados na 1ª série; 16 alunos matriculados na 2ª série; 20 alunos matriculados na 3ª série e 14 alunos matriculados na 4ª série, num total de 67 alunos matriculados. Diante do quadro de altos e baixos nas matrículas, talvez um trabalho mais efetivo, por parte da escola, no quesito propaganda e divulgação da modalidade de EJA dentro da comunidade, dando voz à população contribua para que a escola possa de fato atender as necessidades e anseios dos alunos que a procura.

No primeiro semestre de 2013 houve um acréscimo de 22,9% e 32,5% respectivamente em relação aos anos de 2011 e 2012. Neste período foram: 16 matrículas efetuadas na 1ª série; 14 matrículas efetuadas na 2ª série; 20 matrículas efetuadas na 3ª série e 25 matrículas efetuadas na 4ª série; totalizando 75 alunos matriculados no primeiro semestre. Logo, no segundo semestre de 2013 houve um recorde de 95 alunos matriculados. A 1ª série obteve o maior índice de alunos matriculados 28; a segunda com 18 matrículas efetuadas; a 3ª voltou ao quantitativo inicial em 2011 com 22 matrículas efetuadas e a 4ª série teve 27 alunos matriculados.

No entanto, os dados acima não mostram a realidade dos fatos, pois ao longo de cada período sabemos que muitos dos alunos se evadem por “n” motivos como doença, trabalho, cansaço, problemas visuais, dificuldade de aprendizagem, falta de transporte, falta de incentivo, medo, vergonha, baixa autoestima, ou seja, são vários os fatores que os levam a desistir do sonho de aprender a ler e escrever. Para termos uma noção melhor do que estou dizendo vejamos os dados dos alunos frequentes informados pelos professores entrevistados da 1ª, 2ª e 3ª série, pois os dados da 4ª série não foram efetivamente confirmados pela professora da turma.

- 1ª série de 28 alunos matriculados apenas 16 frequentam as aulas;
- 2ª série dos 18 matriculados, 15 são frequentes;
- 3ª série dos 22 matriculados, apenas 14 frequentam as aulas;
- 4ª série dos 27 alunos matriculados apenas 14 são frequentes. A

A percentagem de evasão dos alunos chega a 37,9%, ou seja, de um total de 95 alunos matriculados, 36 abandonaram a escola.

Observando esses dados, podemos perceber que houve uma percentagem bastante significativa de evasão dos alunos principalmente na 1ª série, 3ª série e 4ª série. Na 1ª série essa taxa foi de 42,8%, seguida da 3ª série com um abandono de 36,36% dos alunos e na 4ª série houve 48,1% de evasão. A menor taxa de evasão ocorreu na 2ª série, 16,6%.

No caso de alguns alunos que se evadiram da 1ª e da 2ª série em específico, podemos dizer que, segundo os alunos entrevistados nessas duas turmas, os motivos da evasão se deram por doença, retorno à cidade natal, problemas de família e casamento. Ressaltamos a fala de uma aluna que mostra a situação que os estudantes enfrentam para poder resistir e continuar estudando:

“eu gostaria que fosse igual na 2ª e na 3ª, a professora que tivesse paciência de ensinar, que gostasse de estar ali pra ensinar, porque as pessoas já chegam ali cansadas, e muito vem do trabalho e nem jantou, nem tomou banho, vem pra

aprender e a professora estar ali com boa vontade, ensinando você aprende... agora se você vem cansada e a professora se ela não está nem aí com o aluno, olha não adianta nem vir pra escola, porque ele não vai aprender” (Aluna 7).

A escola é um ambiente em que jovens e adultos depositam suas expectativas em relação à aprendizagem da leitura e da escrita. Cabe ao professor transformar a sala de aula num local prazeroso, instigante, envolvente, pois a sala de aula é um dos lugares onde o aluno se expressa e expressa também sua curiosidade, levanta suas hipóteses para conseqüentemente construir suas certezas. Ferreiro deixa claro que cabe à escola a tarefa social de ensinar:

(...) é importante ressaltar que não basta um ambiente alfabetizador para que uma pessoa se alfabetize, porque se fosse assim não haveria analfabetos nas cidades. Além do ambiente alfabetizador deve haver alguma intervenção específica, já que não basta estar em contato com o objeto para garantir a alfabetização. Deve haver alguma intervenção que aponte para a compreensão, não já das funções sociais da língua escrita, mas sim da estrutura desse objeto (...) (FERREIRO 1990:73 apud MOURA 1999:129-130).

Considerando uma dimensão social ampla, as políticas públicas de educação e a secular desigualdade econômica e social da sociedade brasileira afetam diretamente aos estudantes adultos que desejam estudar. Mesmo o aluno tendo garantia de acesso à escola, isso não lhe dá a garantia de permanência na mesma, porque muitos jovens e adultos abandonam a escola por falta de motivação, apoio e dificuldades diversas.

Mas não podemos afirmar que a evasão no CEF 08 do Guará se deu pelos mesmos motivos. É um dado que fica em aberto para posteriores investigação e análise mais aprofundada.

2.3 Projeto Político Pedagógico do Centro de Ensino Fundamental 08 do Guará

Segundo Souza (1999) citado pelo (SESI, 2003 p, 49), uma das dimensões a ser considerada no Projeto Político Pedagógico da escola é a dimensão técnica que estabelece as estratégias e os instrumentos para a concretização e gestão da prática pedagógica, ou seja, é o PPP que vai nortear a ação dos professores na sala de aula. Neste ponto, Veiga afirma que a prática pedagógica é *“uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma dimensão da prática social [...]” (1992, p. 16).*

No PPP do CEF 08 do Guará no que se refere aos alunos do 1º e do 2º segmento da Educação de Jovens e Adultos, consta que o perfil dos alunos do noturno é conhecido por

serem estudantes, na sua maioria, fora da faixa etária, oriundos de outros estados, especialmente da região nordeste, com uma renda mensal baixa e que vivem no Guará, Vila Estrutural, chácaras e invasões no entorno do Guará em busca de uma vida melhor. A renda média varia entre 1 e 3 salários mínimos (63,5%), 14% entre 3 e 5 salários mínimos, 14,8% entre 5 e 8 salários mínimos e 7,8% com mais de 8 salários.

A modalidade EJA é ofertada em regime semestral, em que cada semestre corresponde a 100 dias letivos. No que se refere à Organização Curricular e respectivas matrizes não há informações sobre o primeiro segmento da EJA, há apenas informações referentes ao segundo segmento. Dos projetos encontrados no PPP do CEF 08 do Guará subentende-se que os mesmos são direcionados aos alunos do diurno. Quanto aos Processos de Avaliação da Aprendizagem e de sua Execução para a Educação de Jovens e Adultos, a avaliação é realizada ao longo de cada semestre; para a aprovação, o aluno deverá cumprir no mínimo 75% de presença.

Após a análise e reflexão das informações encontradas no PPP do CEF 08 do Guará percebe-se que o mesmo precisa ser rediscutido e urgentemente reformulado em conjunto com professores e equipe pedagógica, porque ficou defasado com a oferta do 1º segmento da Educação de Jovens e Adultos a partir de 2011. Essa discussão fortalecerá o PPP para que o mesmo possa de fato nortear os professores frente às ações estratégicas necessárias para o atendimento às demandas e necessidades desses alunos. Nesse sentido, é fundamental a inclusão não apenas de informações sobre o primeiro segmento da EJA, como também uma reorganização curricular, elaboração de ações estratégicas específicas para o trabalho dos professores com os alunos, inclusão de projetos voltados para esses alunos no sentido de melhorar a qualidade do processo de ensino e aprendizagem desses sujeitos.

Concordamos com Gadotti quando afirma que “a escola pública foi criada para atender prioritariamente jovens e crianças. Para que a escola pública passe a atender agora também adultos, ela precisa repensar-se, precisa de uma reestruturação e de uma reorientação curricular. A escola atual não foi pensada como escola da EJA” (2008 p. 23). Pensar uma escola para adultos é um grande desafio que requer da escola pública uma gestão democrática onde os alunos sejam ouvidos e atendidos nas suas necessidades e realidade local.

2.4 Análise dos Dados

A modalidade de Educação de Jovens e Adultos no Distrito Federal é ofertada em catorze Coordenações Regionais de Ensino (CRE). De acordo com informações da Coordenação Regional de Ensino do Guará, apenas três escolas oferecem as etapas de 1 a 4 série na modalidade de EJA. Segundo dados do Censo Escolar de 2013, nas CRE que oferecem o primeiro segmento com as etapas de 1 a 4 séries foram realizadas um total de 4.792 matrículas no 2 semestre de 2013, sendo que nas três escolas do Guará foram realizadas 272 matrículas, enquanto que no CEF 08 do Guará foram efetuadas 95 matrículas no mesmo período, como podemos ver no quadro 3 abaixo:

Quadro 3 - Matrículas no DF, RA-Guará e CEF 08 do 1 segmento da EJA realizadas no 2 semestre de 2013.

| 2 semestre 2013 | 1 série | 2 série | 3 série | 4 série | Total de matrículas |
|-------------------------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|---------------------|
| Matrículas no Geral no DF | 1.064 | 1.162 | 1.242 | 1.324 | 4.792 |
| Matrículas no Geral no Guará | 72 | 54 | 71 | 75 | 272 |
| Matrículas CEF 08 | 28 | 18 | 22 | 27 | 95 |

Fonte Elaboração própria

Porém, para termos uma noção melhor desse resultado fazemos uma comparação entre os dados dos alunos matriculados e os dados dos alunos frequentes de acordo com informações dos professores entrevistados da 1, 2 e 3 série, lembrando que os dados da 4 série não foram efetivamente confirmados pela professora da turma.

Quadro 4 – Alunos Matriculados x Alunos frequentes no 2 semestre de 2013 no CEF 08 do Guará

| 2 semestre 2013 | 1 série | 2 série | 3 série | 4 série | Total de matrículas |
|--------------------------|----------|----------|----------|----------|---------------------|
| Matrículas CEF 08 | 28 | 18 | 22 | 27 | 95 |
| Alunos Frequentes | 16 | 15 | 14 | 14 | 59 |

Fonte Elaboração própria

Os dados acima apontam que apenas no primeiro segmento houve uma percentagem de evasão de 37,9%, ou seja, de um total de 95 alunos matriculados, (36) abandonaram o CEF 08. Observando esses dados, podemos perceber que essa percentagem é bastante significativa principalmente nas etapas da 1 série, 3 série e 4 série. Na 1 série essa

taxa foi de 42,8%, seguida da 3ª série com um abandono de 36,36% dos alunos e a menor taxa de evasão ocorreu na 2ª série, 16,6%.

Durante a análise dos dados das matrículas, outra questão que também nos chamou bastante a atenção foi o tempo de permanência dos alunos na 1ª série; a pesquisa mostra que dos 11 alunos entrevistados, três ainda permanecem atualmente na 1ª série. É um dado preocupante, posto que, entrar para a escola não é garantia para que o aluno aprenda de fato a ler e escrever.

No quadro 5 podemos ter uma visão melhor dos dados referentes ao ano de ingresso destes alunos no CEF 08, a série que estão cursando atualmente e o tempo de permanência dos mesmos na 1ª série.

Quadro 5 – Dados referentes ao ano de ingresso dos alunos no CEF 08, série que estão cursando atualmente (2º semestre/2013) e tempo que permaneceu na 1ª série.

| ALUNO | SEMESTRE/ANO DE INGRESSO NO CEF 08 | SÉRIE ATUAL NO 2º SEMESTRE/2013 | TEMPO QUE PERMANECEU NA 1ª SÉRIE |
|-------|------------------------------------|---------------------------------|----------------------------------|
| A1 | 1º/2012 | 2ª SÉRIE | 3 SEMESTRES |
| A2 | 1º/2011 | 1ª SÉRIE | 6 SEMESTRES |
| A3 | 1º/2011 | 2ª SÉRIE | 5 SEMESTRES |
| A4 | 2º/2011 | 1ª SÉRIE | 5 SEMESTRES |
| A5 | 1º/2012 | 1ª SÉRIE | 4 SEMESTRES |
| A6 | 1º/2012 | 2ª SÉRIE | 3 SEMESTRES |
| A7 | 1º/2012 | 4ª SÉRIE | 1 SEMESTRE |

Fonte Elaboração própria

O que se percebe no quadro acima é que o tempo de permanência dos alunos (A2, A4 E A5) que atualmente estão na 1ª série foi de pelo menos quatro semestres corridos, ou seja, dois anos na 1ª série, e pior, um desses alunos já chegou a permanecer até seis semestres, ou seja, três anos na mesma série.

Tal problemática chamou mais atenção ainda, quando durante a entrevista, questionada sobre “sua percepção sobre a aprendizagem de seus alunos”, a professora 3 destaca em sua fala:

“através das atividades, alguns eu vejo que tem um crescimento bom, outros não tem, nem se eu for à carteira, se eu der um apoio, (o aluno) da conta ali naquela hora, eu virei as costas e aquela (atividade) ali ele já não consegue mais fazer, assim, eu não sei se eles tem bloqueio, eu acho que alguns precisavam de diagnóstico, e eles não tem, eu tenho uma aluna lá da 3ª série que eu acho que ela já está há 3 anos na 3ª série, pra mim ela é nível de 1ª série”.

Mas ela veio da 1ª série?

“eu nunca dei aula pra ela na 1ª, eu já dei aula pra ela na 2ª, agora ela está na 3ª série e ela quer ir para a 4ª série, e ela não tem condições de ir, mas ela é uma aluna...”

Mas ela lê e escreve?

“tem dia que ela escreve bem, tem dia que ela não escreve, tem dia que ela escreve e não bota as vogais nas letras, ou bota vogal demais, é bem complicado o caso, mas é uma aluna que não falta, vai para o colégio porque gosta, gosta do colégio, gosta de mim, gosta das outras professoras, mas alguns eu vejo crescimento, eu consigo ver esse crescimento, aos pouquinhos, mas eles vão” (professora 3).

O que percebemos é que alguns alunos não conseguem aprender, sem que isso mobilize a escola a buscar alternativas para esses casos específicos. Ao perguntar a professora 3 se ela tinha tido algum aluno que veio da 1ª série e que ainda continua com dificuldade, ela me comentou:

“tenho 1, mas ele também ficou bastante tempo, se não me engano, ele ficou 2 ou 3 anos na 2ª série, dei aula pra ele também na 1ª série em outra escola, ele não passou na época, porque ele tinha acabado de entrar, ele ficou (na 1ª série), eu tinha ido para outra escola e quando eu retornei ele estava na 2ª série, e agora está na 3ª série comigo, a evolução dele é bem lenta ... não sei se foi dois ou três anos, tem alunos que a faixa deles é essa, por isso que eu acho que...” (professora 3).

Consideramos que a retenção de alunos é um dado que necessita urgentemente de uma discussão entre a direção e os professores para juntos fazer uma pesquisa em busca do que poderia estar acontecendo para esses alunos ficarem retidos por tanto tempo numa mesma série. Será que tal problemática é apenas consequência de práticas pedagógicas? Bem provável que não, mas o fato é que elas contribuem.

Para averiguar se as estratégias de ensino utilizadas pelos professores em sala de aula são eficazes para a aprendizagem da leitura e da escrita, procuramos saber dos professores sobre as seguintes questões: as dificuldades enfrentadas para atuarem na EJA, os recursos utilizados nas aulas e sua contribuição para a aprendizagem dos alunos.

2.5 Dificuldades dos Professores para atuar na EJA

As principais dificuldades dos professores em atuar na EJA são a falta de recursos pedagógicos; falta de material e livro didático; descaso da escola e do poder público para com

os alunos da EJA; falta de projetos; problema de aprendizagem dos alunos; falta de diagnósticos dos alunos; falta de material adequado para a alfabetização e evasão escolar como podemos perceber nas falas dos quatro professores entrevistados:

“as maiores dificuldades... é... primeiro assim, tem bastante evasão escolar, até por que a maioria dos alunos que estão se alfabetizando na EJA trabalham durante o dia e já chegam cansados, mas, mesmo assim vai vindo pra escola, e outra assim, eu acho que, na escola falta de projetos e falta de incentivos para esses alunos... então assim, se o professor não se virar sozinho e não incentivar esses alunos a virem pra escola eles, acabam desistindo... e aí fica cada vez mais difícil alfabetizar porque com a falta (de professor), uma aula pra outra prejudica muito (a aprendizagem dos alunos) a gente tem que estar sempre estimulando pra evitar a evasão... então falta recursos né” (Professor 1).

“eu acho assim, é o descaso... vou começar pelo descaso, nós temos aqueles alunos que têm problema de aprendizagem, não são diagnosticados, não é nada investigado (pela escola), não tem como você fazer um acompanhamento e ir para uma sala de recurso pra poder dar uma ajuda, a gente não tem material adequado na escola, porque eles colocam a gente numa escola de séries finais... que não tem nada pra alfabetização... e o que a gente ainda levou quando foi no final do ano que eles foram fazer a limpeza geral e a pintura (na escola)... arrancaram tudo(o alfabeto e cartazes que tinham na parede da sala)” (Professor 2).

“1º Livro didático que não tem e os que têm, para mim, não valem nada. 2º a dificuldade dos alunos compreenderem a gente [...] a gente dá uma aula e às vezes tem de repetir cinco vezes aquela aula e até mais [...] outra é a própria escola que às vezes não tem recurso nenhum pra gente (trabalhar) [...] não tem computador, não tem impressora, eu pelo menos faço tudo na minha casa, faço nada no colégio, além da xerox que lá graças a Deus tem, fora isso eu monto minhas aulas, eu que faço, olho um livro, olho outro, eu que vou montando, digito tudo e já levo de casa” (Professora 3).

“os recursos destinados ao EJA, eu acho que o poder público não tem muito interesse, ele não investe nos recursos pedagógicos pro EJA, se eles tivessem assim, um olhar diferenciado pro EJA, em material didático, livro, enfim, eu acho que a gente teria um ensino de qualidade, então essa é a minha maior dificuldade” (Professora 4).

A escola como um todo, precisa se mobilizar, ouvir melhor as queixas da comunidade escolar, professores e alunos, para juntos elaborar um plano de ação para buscar soluções para as problemáticas da EJA. Os professores necessitam de um norte para trabalhar com esse público de características tão específicas. Os professores estão ficando doentes diante do fracasso escolar, mesmo que queiram avançar no processo de ensinar os alunos, já estão desgastados pelas doenças e dificuldades que enfrentam. Queixam-se da falta de recurso para alfabetizar os alunos, mas façamos uma análise dos recursos utilizados segundo os professores:

“aqui na escola, infelizmente ainda hoje eu utilizo o quadro, o pincel, textos, a gente não tem livros, a gente não tem aqui na escola disponibilidade de computador, de retroprojektor pra você fazer algo diferente na sala que facilitaria muito... né... eu até perguntei se aqui na escola tinha um notebook pra gente colocar um retroprojektor na sala, assim... e... não tem, tem do supervisor, do coordenador, então... falta recurso... então dava assim pra ter outras novidades, eu acho que falta projetos... pra escola pra EJA... até pra incentivar [...] com isso ainda assim a gente vem... tendo sucesso aí, a gente utiliza jornais, revistas, tira de textos, coisas do interesse deles mesmo” (Professor 1)

“eu gosto muito de trabalhar na realidade é com o alfabeto móvel, é iniciar a alfabetização com o alfabeto móvel, só que a gente não tem (material) é... como que eu preparei várias vezes, só que os alunos vão pegando, ai vai perdendo, leva pra casa, some [...] e eu com esse problema na mão, eu não posso estar cortando, eu não posso estar passando contact, então, fica difícil pra mim... porque o que eu gosto mesmo pra lidar com eles é começar com o alfabeto móvel, não é nem livro... é o alfabeto porque a gente começa a montar palavra, eles começam a ler, dali eles começam a escrever... agora só que está cada dia mais difícil, pelo menos pra mim, porque a escola não tem o recurso... então a gente tem que estar preparando... e pra preparar pra não dar para o aluno também pra ele manusear não tem validade nenhuma... e pra ele levar pra casa, então eu tenho que dar pra ele... então assim, não volta! E com esse problema meu na mão eu não estou tendo condições!” (Professora 2).

“infelizmente só o quadro [...] às vezes um cartaz, mas assim, recurso tecnológico não uso nenhum, só pra fazer as atividades, eles tem muita resistência, eu não gosto de levar aluno para a sala de vídeo, porque eles não gostam, eu já vi que eles não gostam, e eu não vejo o porquê de levar, só se for uma coisa muito interessante, que eu desconheço, se tem alguma coisa eu não conheço o material, mais é só o quadro negro mesmo (Professora 3).

“material xerocado [...] trabalho com a música, trabalho também com filme, esse é o básico, cartazes, gosto muito assim de anexar um cartaz para que essa memorização, eles fiquem olhando ali, porque realmente eu percebo assim, os meninos do EJA eles tem uma certa dificuldade para a memorização, é diferente de uma criança, o adulto ele vai lá, a gente fala parece que amanhã, ele já esqueceu, tem uma dificuldade de concentração, de estar ligado, e quando é amanhã a gente toca naquele assunto, e ele está voando, já dá impressão que ele já esqueceu, eu não sei, estão cansados, estão sem banho, eles vem pra cá, então eu gosto de expor um cartaz para que eles possam memorizar o conteúdo que a gente foi trabalhado” (Professor 4).

Como podemos perceber na fala dos professores a escola não tem equipamentos adequados nem livro didático para que eles possam melhorar a aula deles, mas a professora 4 consegue ter uma estratégia lúdica importante para os estudantes:

“1º o vocabulário [...] a música a gente vai trabalhar aí o vocabulário, depois a gente vai pedir para eles procurarem o significado daquelas palavras, o que a música quer dizer, o que a gente pode explorar da música para o nosso cotidiano, isso me faz me lembrar aquela música lá do sertão [...] “Asa branca” [...] eu sei que lá tinha escassez de chuva [...] aí a gente através da música a gente explora um pouquinho o que a música quer dizer para o nosso cotidiano, faz uma reflexão sobre a música e vamos trabalhar o vocabulário da música, as palavras, para enriquecer, trabalhamos também assim as estrofes, o parágrafo, o início da música, o meio, o fim, a conclusão, e a música não deixa também de trabalhar o emocional deles, [...]

eu gosto muito de passar uma música no início porque no momento que eles estão ouvindo, é como se eles naquele momento, eles trabalhassem o ego deles [...] aquela tensão que eles vão pra sala, cansados, sem tomar banho, correndo, quando termina a música está todo mundo sorrindo [...] então a música é uma terapia, eu vejo a música como uma terapia realmente, por isso que eu exploro muito a música” (Professor 4).

Porém, percebemos também que os professores utilizam em suas aulas recursos como jornais, revistas, textos, cartazes, enfim, uma riqueza de recursos que, diante da fala dos professores, infere-se que se os recursos tecnológicos seriam mais eficazes na aprendizagem desses alunos, o que não necessariamente seja verdade, sabemos que,

“Da vida cotidiana podem vir para a sala de aula materiais comunicacionais existentes na rua (cartazes, outdoors, endereços, letreiros); em casa (receitas, bulas, rótulos, documentos); no ambiente de trabalho (cartazes relacionados à saúde e segurança, memorandos). Os jornais e revistas periódicas são excelentes meios/materiais de aprendizagem. Existe no Brasil quase meia centena de jornais que incentivam o uso desse veículo no processo educativo, fornecendo às escolas, sem ônus, determinadas cotas de jornais e orientação aos professores quanto ao seu uso” (SESI 2003 p. 63-64).

Há excelentes materiais na escola que precisam ser melhor explorados pelos professores. Sem dúvida que não existe uma receita pronta de alfabetização que defina um tipo de metodologia ou que recursos didáticos devem ser utilizados para que o aluno de fato aprenda a ler e escrever.

Os adultos possuem peculiaridades em seu processo de alfabetização que requerem ações alfabetizadoras especificamente voltadas para eles, ações que devem partir do conhecimento sociocultural dos adultos alfabetizando, que busquem respostas para questões como: Quem são esses adultos? Como vivem? O que pensam, o que fazem, e, sobretudo, o que sabem sobre a escrita? Que conhecimento eles têm sobre esse objeto? Para Ferreiro, citado em Moura (1999),

“Buscar respostas para essas questões exige renunciar à visão simplista que consiste em supor que os analfabetos são ignorantes neste domínio específico e aceita-los como seres inteligentes e como portadores de conhecimento da língua escrita; da mesma forma que se aceita que os adultos não alfabetizados podem ter certo conhecimento de mundo, manejar técnicas artesanais complicadas, conhecer técnicas de cultivo, etc. (MOURA, 1999:115).

Neste contexto, as estratégias de ensino utilizadas no CEF 08 precisam ser repensadas no intuito de sanar as especificidades desses alunos. Percebe-se que os professores possuem experiência na área e até cursos de especialização nesta modalidade de ensino, só que eles demonstram não conhecer o processo de construção do conhecimento de seus alunos.

Neste sentido, o método, enquanto ação específica do meio, pode ajudar ou frear, facilitar ou dificultar, porém não criar aprendizagem. Nenhuma aprendizagem conhece um ponto de partida, o que significa que o ponto de partida de toda aprendizagem é o próprio sujeito e não o conteúdo a ser abordado (FERREIRO E TEBEROSKY, 1991 p. 29).

A visão de educação, concepções de ensinar e aprender, as opções metodológicas que fazemos, os materiais e as tecnologias que utilizamos são norteadas pela visão de mundo que temos, ou seja, as crenças, valores e princípios que aprendemos ao longo da vida. De acordo com o SESI,

“o significado do ensinar e do aprender é singular a cada pessoa, grupo, jovem, adulto, aluno, alfabetizador e supervisor porque está condicionado à história de vida familiar, profissional e social. Ao admitirmos esta afirmação, partiremos para o planejamento das ações pedagógicas tendo como referencial o contexto onde os alunos estão inseridos (2003: 35)”.

É preciso levar em conta tanto a formação do professor quanto a realidade do aluno, ou seja, a bagagem histórica social desses sujeitos. Na educação de adultos, os conteúdos a ensinar, os currículos e os métodos de ensino são questões que requerem processos pedagógicos bem distintos dos utilizados na educação de crianças. Pinto (1986, p. 72) destaca que “[...] a alfabetização do adulto é um processo pedagógico qualitativamente distinto da infantil (a não ser assim, cairíamos no erro da infantilização do adulto)”.

Os adultos chegam à escola trazendo uma bagagem histórica cultural que já foi construída ao longo de sua vida; seus conhecimentos foram adquiridos através de experiências vivenciadas, ou seja, no aprender fazendo que não podem ser deixados de lado quando o professor for planejar suas aulas para este público. A utilização dessa bagagem de conhecimentos construída anteriormente pelos alunos e trazida para as salas de aula permite ao professor abranger a construção de novos conhecimentos nas diversas áreas do fazer educativo (português, matemática, geografia...), é preciso respeitar os conhecimentos do aluno, ou seja, sua bagagem histórico-cultural.

Façamos uma análise de como os professores do CEF 08 percebem a aprendizagem de seus alunos:

“eles têm boa vontade, eles têm interesse, mas eles têm muita dificuldade, eles vêm com... já um preconceito de que eles não aprendem a ler porque eles já são adultos [...] que eles não vão conseguir nada [...] eles mesmos vêm com muita resistência [...] quando a gente começa sensibilizar... que eles começam a perceber que estão vendo as letras... que estão conhecendo as palavras aí eles começa se estimular de uma forma que aí rende... o processo rende... mas até a gente conseguir... você vê pela aluna “X” quanto tempo foi de conquista... primeiro você tem que ir com

conquista... porque tem uns não, eles chegam lá afoitos pra aprender, em compensação tem outros que você tem que ir conquistando, você tem que ir adquirindo a confiança deles... pra você começar a trabalhar... é difícil... e outra, a gente não tem apoio nenhum a aluna "X" apesar de toda a boa vontade dela ela tem dificuldade na fala, ela tinha que ter um acompanhamento de um profissional na área de fono (fonoaudiólogo), quanto na área de recurso, porque é difícil pra ela conseguir acompanhar... o aluno "Y" tinha dificuldade de aprendizagem... a aluna "B" (também tinha dificuldade de aprendizagem) então assim, a gente tinha que ter um suporte (na área de recursos) igual os alunos do diurno têm, nem no diurno eles estão dando conta (das dificuldades dos alunos) a noite a gente não tem esse suporte, nem pra diagnóstico a gente não tem... ainda mais pra trabalhar, pra ajudar (na dificuldade dos alunos)" (Professor 2).

"olha, eles estão evoluindo bastante, porque como eu disse, eles criaram essa rotina de não faltar... o que atrapalha ainda é a falta de professor... porque você vê, eu entrei aqui no segundo semestre (do ano de 2012) comecei com a turma, ficou um tempo eu e outra professora, então eu entro em sala três vezes, a outra professora duas vezes (por semana), mas... é... eles já estão há mais de trinta dias sem o outro professor! então, tendo aula só três vezes por semana... então isso aí prejudicou muito (os alunos) eu estou tentando fazer de tudo nos dias que eu venho pra tentar correr atrás aí do prejuízo... mas eu creio que se tivesse todos os dias aula, durante o semestre tivesse cem dias letivos, eles iam sair bem melhor... e vai ser impossível" (Professor 1)

"através das atividades, alguns eu vejo que tem um crescimento bom, outros não tem, nem se eu for à carteira se eu der um apoio, (o aluno) da conta ali naquela hora, eu virei as costas e aquela (atividade) ali ele já não consegue mais fazer, assim, eu não sei se eles tem bloqueio, eu acho que alguns precisavam de diagnóstico, e eles não tem, eu tenho uma aluna lá da 3ª série que eu acho que ela já está há 3 anos na 3ª série, pra mim ela é nível de 1ª série" (professora 3).

Infelizmente ainda vemos que os professores têm dificuldades em compreender as peculiaridades dos alunos da EJA. É preciso enxergar o aluno da EJA como sujeito único de sua história, pois são pessoas que de certa forma estão rompendo grandes barreiras em suas vidas, buscando resgatar sonhos perdidos em outrora. A afetividade, o carinho, a paciência, o companheirismo precisam trabalhar juntos nessa grande empreitada que é a construção do conhecimento através do pensar e do tecer juntos.

Agora vamos conhecer melhor quais são as dificuldades enfrentadas pelos alunos em seu processo de aprendizagem, tanto para concluir o ensino regular na idade certa, como também, as dificuldades atuais. Queremos saber qual é a percepção que os alunos têm das aulas e o que eles sugerem à escola para melhorar o seu processo de aprendizagem da escrita e da leitura.

Os dados apontaram que os sete estudantes entrevistados estudaram quando mais novos, mas abandonaram seus estudos devido a vários fatores: falta de escolas próximas à suas casas; trabalho na roça que lhes tomava todo o tempo e o ânimo para estudar. As dificuldades de aprendizagem que os impediram a concluir o ensino regular foram: maus

tratos sofridos, tanto pela professora na escola quanto pelos pais em casa, o que acabava desestimulando-os cada vez mais, deixando-os com a autoestima mais baixa ainda; falta de incentivo dos pais devido a pouca instrução; as necessidades financeiras que os obrigavam a levar seus filhos para ajudá-los na roça:

“eu não tinha tempo pra estudar, eu ficava mais era trabalhando, nunca tinha tempo para estudar, por isso que eu desisti (de estudar) era só trabalhando pra ajudar a criar os irmãos mais novos”. (Aluno 4).

“a aula no interior era muito longe, era muito difícil (ir para a escola), trabalhava na roça... aí eu vim pra cá com doze anos [...] sempre tinha vontade de estudar mas eu tinha vergonha de vir para o colégio porque eu já estava moça” (Aluno 5).

“meus pais sempre me deram estudo. Só que eu sempre tive dificuldade com o aprendizado. Já estudei em colégio particular e em colégio público como eu estou agora... só que meu pai se separou da minha mãe muito nova [...] na época minha mãe adoeceu, não tinha quem cuidasse, eu comecei a cuidar dela e eu fui sempre deixando os estudos de lado... e quando eu tive chance de estudar, eu não agarrei com unhas e dentes né, faltava mais do que ia para a escola, foi uma dificuldade imensa pra voltar a estudar, não pelas condições porque meu pai mesmo separado da minha mãe, pagava escola pra mim estudar [...] casei muito nova... tive de aprender muita coisa com a vida. [...] têm muitas letras que eu não conheço, eu confundo o m com o n, o h com o g [...] tem coisa que eu não enganho pra ler, a minha cabeça é ruim pra memorizar as coisas [...] eu tenho de tirar as latas tudinho do armário pra fazer a cópia do nome das coisas que eu tenho de comprar [...] eu acho melhor letra de forma porque com letra normal eu não dou conta” (Aluna 1)

“a minha mãe, ela não pegava muito no meu pé né... então eu acabava fugindo da escola [...] foi assim a vida toda... fugindo [...] vir só pra escola... não ter um reforço em casa” (Aluna 3).

“lá na minha região não tinha colégio igual a gente tinha aqui [...] a gente estudava até numa casinha [...] era difícil porque ou bem você trabalhava ou bem você estudava... então tinha que optar ou trabalho ou estudo [...] vergonha (de ir para a escola já adulta) [...] já tive até depressão por causa disso [...] eu não queria ficar em casa” (Aluna 2).

“nós (todos os irmãos) fomos ajudar nossos pais na roça, ver ele sofrendo sozinho... a gente foi ajudar ele [...] não tinha transporte, a gente ia mais era de bicicleta... daí molecote já sabe, desistia logo de uma vez, aí eu desisti e continuei só no serviço... ficamos de maior... e fiquei só no serviço mesmo... hoje nós estamos correndo atrás né” (Aluno 6).

“eu sou de uma família muito humilde... a gente tinha dificuldade pra comprar material pra ir pra escola... a professora não tinha paciência, então aonde ela batia nos alunos... e minha mãe é analfabeta, não tinha como você chegar em casa e a pessoa te ajudar, então a gente passava dificuldade também... com uns 10 anos eu já ajudava, as pessoas faziam alguma coisa pra ganhar algum dinheiro e ajudar em casa... então eu resolvi parar porque eu apanhava na escola, apanhava em casa e passava dificuldade então eu achei melhor ir trabalhar, e deixei os estudos. [...] eu tive... vergonha... vergonha porque às vezes a pessoa fala assim, aquela menina, tão bonitinha fazendo a 1ª série né, analfabeta... então eu fiquei com medo... antes de voltar, eu fiquei até com medo” (Aluno 7).

Mesmo diante de tantas dificuldades, percebe-se que a decisão tomada por esses estudantes não foi por acaso, em algum momento, eles sentiram a necessidade de sair dessa condição de analfabetos e buscar os estudos. Cabe ao governo garantir que esse aluno ao entrar consiga também permanecer e concluir seus estudos, mas cabe também à direção e aos professores, trabalhar de maneira a atender as necessidades desse aluno, ajudando-o a sair dessa condição de analfabeto. Sabemos que não é uma tarefa fácil, mas é preciso dialogar para que juntos, governo, escola, professores, alunos e comunidade encontrem maneiras de mudar esse quadro.

Todos os estudantes entrevistados foram unânimes em dizer que o que os motivou a voltar a estudar foi o desejo de aprender a ler e escrever. Diante da vontade de mudar essa realidade, esses estudantes também almejam alcançar uma especialização profissional, saber preencher uma ficha de emprego, preencher um currículo para buscar um emprego melhor e elevar a qualidade de vida dele e da família, ajudar os filhos com as tarefas da escola, ler uma história para a filha pequena, ou seja, eles sentem vergonha de não saber ler e serem chamados de analfabetos:

“no começo foi muito difícil, meus filhos estudando e eu tinha que ensinar a tarefa deles e como é que eu ia ensinar pra eles, se eu não sabia?” (Aluna 1).

“porque agora eu estou precisando ... daqui um tempo eu quero ver se eu faço um curso pra mestre de obra, porque a minha área é essa, construção civil” (Aluno 6)

“a vontade de aprender a ler né” (Aluno 4)

“agora que eu tive a minha filha, ela me pede muito para eu contar história e às vezes eu invento... mas por ela também, eu não desisti [...] tive algumas dificuldades... coisas de mãe... de mulher de família... que sempre me pôs ficar uns tempos sem ir para a escola mas retornar, entendeu [...] ela sempre esteve muito doentinha e eu acabava desistindo” (Aluna 3)

“quando eu entrei pra esse mundo de estudo, nossa, é maior complicado ... por que você passa por cada uma (dificuldade) vergonha” (Aluna 2)

“na verdade na 2ª e 3ª a gente só tem português e matemática... ensinava bastante, escrevia bastante, fazia a gente ler bastante, porque eu acho que pra você... ainda mais eu que costume trocar as letras, se você escreve bastante, lê bastante, aprende mais rápido, você grava mais rápido as palavras que você tem dificuldade né... é o caso agora da 4ª, eu quase não escrevo, eu quase não leio... ela pediu pra os alunos ler e só 3 conseguiram ler, eu não sei se foi a vergonha... eu li um pouco, as outras leram um pouco aí a professora viu que o pessoal não acompanhava que ela acabou de ler” (Aluna 7).

Percebemos que o medo, a baixa autoestima e principalmente a vergonha de muitos estudantes por não saber ler, fez com que demorassem a tomar a decisão de voltar a estudar, por isso, os professores devem ter uma escuta sensível para que o alfabetizando que,

*“apresenta-se temeroso, sente-se ameaçado, precisa ser estimulado, criar autoestima, pois sua condição de analfabeto lhe traz tensão, angústia, complexo de inferioridade. Muitas vezes tem vergonha de falar de si e de sua moradia, de sua experiência frustrada da infância, principalmente em relação à escola. É preciso que tudo isso seja verbalizado e analisado. O primeiro direito do alfabetizando é o **direito de se expressar**, diante de um mundo que sempre o silenciou” (Gadotti 2008 p, 59).*

Ao longo das entrevistas, pude perceber que os alunos demonstraram tristeza e vergonha, através do tom de voz, do olhar e da maneira como se expressavam ao serem questionados principalmente sobre suas dificuldades quando crianças para ir e ficar numa escola.

Ao serem questionados em relação às dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita alguns não souberam responder sobre o que achava mais difícil nesse processo de aprendizagem, como podemos observar nas falas a seguir.

“o que está sendo mais difícil pra gente é essa falta de professor [...] os alunos estão reclamando é muito por causa disso... eu mesmo abro a boca mesmo [...] esse povo não quer nem saber... e a gente está cobrando... tem muita gente ali que quis desistir [...] por esse negócio... dizendo eles que procuram na regional professor e... entra um hoje... outro amanhã... isso é muito ruim por que a gente já pegou a forma do professor (do professor substituto) então [...] todo mundo queria que ele ficasse com a gente... porque... ele dá uma atenção mesmo pra gente... e se a gente está realmente indo pra frente é por causa dele... só por causa dele... as outras... assim... (nesse momento a aluna teme em falar o que pensa, pergunta se vai aparecer na gravação e desiste de falar, depois reforça) a dificuldade mesmo é essa, essa falta de professor... e que tivesse um professor fixo [...] não entrasse um hoje... outro amanhã... porque é muito ruim [...] você pega o jeito da pessoa aí depois a pessoa vai embora... como você e as outras que passaram também (referindo-se às estagiárias)... então é ruim... é chato... tinha que ficar é só ... direto [...] todo mundo reclama [...]” (Aluna 2).

“normal né, sem faltar (professor)... a gente pegava um embalo melhor... a gente já sai do serviço cansado, toma banho correndo... vem voado pra cá... chega aqui não tem professor... (inaudível)” (Aluno 4).

“acho assim é... mais os professores mesmo [...] que eles não sentam ali com a gente... às vezes nem respondem (as dúvidas do aluno)... às vezes eles nem vão olhar (a tarefa que os alunos estão fazendo)... não vão ver se está certo ou está errado entendeu [...] só a (professora tal) que olha, mas a (outra professora) só que a (outra professora) mata (falta) muito... só é uma professora boa mesmo” (Aluna 5).

[...] se elas (as professoras) lessem mais com a gente... que às vezes tem professora que só põe ali... no quadro e não explica... explica só uma vez, uma vez e a gente tem que aprender tudo... mas se ela explicasse, lesse com a gente, pedisse pra gente ler o que tinha no quadro... a gente ia aprender mais rápido... mas, fora isso está tudo bem... está tudo ótimo (Aluna 3).

“sim, foi ficando mais fácil porque como eu disse, se a professora ensina direitinho, bota você pra escrever, pra ler, você vai perdendo até o medo de escrever, porque as vezes você não escreve com medo de escrever errado, mas aí eu já estava

escrevendo até bastante coisa né, mesmo errando eu conseguia escrever mais coisa, pensar e escrever aquilo que ela (a professora) pedia... “olha escreve o que você acha, o que você pensa...(a professora falava para a aluna)” então mesmo errando eu estava até gostando de escrever... eu acho que ajuda bastante a pessoa desenvolver, porque a pessoa aprende mais rápido... agora se você vem (para a escola)... escreve pouca coisa, não entendeu... nem adianta... se a pessoa não explica direitinho, se a pessoa não tem paciência até de corrigir no quadro”.

“escrever... eu acho que nem eu mesmo não dá para eu entender... porque eu faço tudo que ela passa no quadro... agora pra mim escrever eu sozinho, tem horas que eu escrevo certo, tem hora que eu engulo um pouco de palavras, esqueço de botar a palavra... tem hora que eu coloco a palavra um pouco errado... meu negócio é isso... que eu estou mais dependendo disso” (Aluno 6).

Diante das falas dos alunos acima, percebemos que são unânimes os danos que causam a falta de professor e uma assiduidade nas aulas, o que afeta diretamente o processo de aprendizagem da leitura e da escrita desses estudantes. Sabemos da necessidade de que os cem dias letivos do semestre sejam efetivamente “letivos”, ou seja, que se tenha aula todos os dias. Além do mais que o formato da EJA força aos estudantes a aprender em pouco tempo um conteúdo que deveria ter no mínimo um ano para cada série, como afirmou a estudante 3:

“como disse a professora um dia desses, o tempo é muito curto, 6 meses é muito pouco pra pessoa aprender em 6 meses, não dá pra aprender muita coisa, você aprende o básico, a escrever mais ou menos... não é que você vai chegar lá e vai estar sabendo tudo, porque quem estuda 1 ano já é difícil pra aprender né, imagina em 6 meses, você vai aprender o básico pra você chegar num lugar, preencher um currículo, outra coisa mas você vai ter muita dificuldade vai depender mais da pessoa, como eu disse, a ler, arrumar um tempo pra ler e arrumar um tempo pra escrever mesmo em casa pra poder ajudar, porque senão, é difícil, o tempo é muito curto e ... bom, da 5ª (série) pra lá o horário é até as 11horas, mas é 40 min cada aula...”

Uma das professoras também concorda que não é possível ensinar tudo que consta no currículo com 6 meses de aula:

“e outra coisa, eu acho que a EJA primeiro segmento deveria ser de 1 ano, porque são 6 meses que não são 6 meses [...] se você parar para botar na ponta do lápis esses 6 meses se tornam 4, e não dá para você dar toda a matéria de um ano, eles sempre vão ficar com déficit, sempre [...] e aqueles que não têm pretensão de ir para a 5ª série, tudo bem, pra eles, eu acho que está bom, porque muitos ali querem só aprender a ler, escrever, tirar a carteira de motorista [...] no máximo fazer um cursinho de culinária, mas pra quem quer ir para a 5ª série vai muito prejudicado, e muitos desistem porque a gente não consegue dar a matéria toda” (Professora 3).

Cada etapa ou série possui um currículo específico. O currículo da Educação Básica – EJA – 1ª Etapa ou 1ª série foi dividido da seguinte forma:

- Língua Portuguesa (apropriação e compreensão da natureza alfabética do sistema de escrita);
- Arte (Cores, pontos, linhas, figuras e arte na História);
- Educação Física (Corpo Humano);
- Matemática (identificação, interpretação e aplicabilidade dos números);
- Ciências Naturais (Ser humano; Meio Ambiente; O homem e o meio ambiente; o corpo humano e o seu funcionamento);
- Estudo da Sociedade com História e Geografia (Cidadania).

Perguntamos aos professores sobre o que eles pensavam sobre o currículo do EJA e suas respostas foram as seguintes:

“[...] é fora da realidade... [...] o aluno de EJA, se você começar a trabalhar aquelas coisas (os conteúdos do currículo)... você tem que partir da vivência deles, o que ele está precisando no momento!” (Professora 2).

“é... o currículo da EJA a gente tem que adaptar sempre por que... são realidades diferentes, entendeu, eu já trabalhei em outras localidades então... cada localidade tem suas peculiaridades... e a gente tem que sempre fazer as alterações necessárias para alfabetizar de acordo com a realidade dos alunos de cada região (Professor 1).

“[...] o currículo realmente é muito insuficiente, o conhecimento deles (dos alunos) realmente não dá para acompanhar com o menino que faz um ensino regular, um ensino médio, é... o currículo deles é insuficiente mesmo, e esses 6 meses então... é jogado lá o conteúdo... (Professor 4)

“o currículo que não tem né. Começaram a fazer o currículo... e parou, esse ano eu não ouvi falar mais de nada, então assim, a gente adapta ao do ensino fundamental diurno [...] mas eu ainda tenho esperança que ele fique pronto [...] porque é necessário que a gente tenha ele (o currículo) [...]” (Professora 3).

Necessariamente os professores precisam adaptar o conteúdo de acordo com os cem dias “letivos” para cada série e trabalham como podem, pois este currículo está fora da realidade dos estudantes do CEF 08. Um currículo deve ser “*como criação cotidiana daquelas que fazem as escolas e como prática que envolve todos os saberes e processos interativos do trabalho pedagógico realizados por alunos e professores*” (BARBOSA, 2004:9). É necessário compreender o currículo e trabalhar os conteúdos de forma sistêmica, encaixando-o no cotidiano do aluno de acordo com sua realidade e a realidade da escola. Agora vamos ver a continuação se os professores levam em consideração a realidade dos seus estudantes no planejamento das aulas:

“despertar o interesse deles, a primeira coisa, o alvo mesmo, o objetivo traçado é que eu desperte o interesse deles no início [...] uma dinâmica, qualquer assunto de interesse deles, então a partir daquele momento que eu lanço qualquer estratégia assim para que eles possam estar interessados, aí depois eu entro com o conteúdo, porque eles só rendem no primeiro tempo, depois eles querem ir embora, estão cansados, estão sonolentos, então o primeiro tempo é fundamento porque depois você não consegue mais nada no segundo tempo” (Professor 4).

“o aluno, primeira coisa que eu penso é nos meus alunos, procuro não levar nada infantil para eles, procuro, às vezes não tem como, às vezes um trabalho infantil é tão bom, um texto e eu acabo levando, mas eu sempre foco eles, procuro sempre saber da onde eles vêm, pra dar aquela palavra “x” [...] aqueles que vêm do nordeste, procurar o que que é macaxeira, o que que é abóbora, enfim, procuro sempre adaptar essas coisas na minha sala de aula (Professora 3).

“nos primeiros dias de aula eu faço uma sondagem inicial [...] pra saber o nível da turma... como está, até pra eu trabalhar em cima disso [...] e vou me organizando... procurando saber o que os alunos, a preferência de cada um e tudo mais porque eu trago atividade, textos, contextualizo na sala de acordo com a realidade dele, então... eu noto que os alunos, [...] eles ficam assim naquela ânsia de começar a ler... né... eu explico que não é de um dia para o outro... há... toda uma sequência... tem que ter uma rotina... tem que ter uma rotina diária e eu estou conseguindo isso com eles... pra você ver, assim na sala lá os dezessete que estão vindo... sempre vem dezessete, dezoito, sempre os que não vêm já se justificam porque não vem, então eles já criaram uma responsabilidade, né [...] eles estão vendo assim que o pouco que eles aprendem hoje vai juntando com o de amanhã... para no final do semestre... né, ter o resultado” (Professor 1).

“eu tento ao máximo atingir as expectativas deles (dos alunos), trabalhar o conteúdo, trabalhar de uma forma que vá atender as expectativas deles, e outra, tentando inovar e mudar e ser diferente, porque senão não sai não!” (Professora 2).

A professora 4 planeja as aulas buscando despertar o interesse dos alunos, mas ainda assim afirma que os alunos só rendem no primeiro tempo, depois querem ir embora, estão sonolentos e cansados, o que realmente é um fator que afeta o rendimento dos estudantes. A professora 3 fala que procura não levar nada infantil, mas ela não resiste, no fundo ela gosta do trabalho infantil e ela acaba trabalhando assim. A professora 2 diz que tenta atingir as expectativas dos alunos, inovando para conseguir que eles aprendam. O professor 1 leva em conta a realidade dos estudantes e o nível de aprendizagem para trabalhar em cima da preferência dos alunos, com isso tem conseguido manter a frequência dos alunos.

Só que quando perguntamos aos estudantes sobre a percepção deles sobre as aulas, a maioria responderam que as aulas são repetitivas, as professoras valorizam cópias no quadro, dão as respostas das atividades sem deixar que o aluno pense e construa seu pensamento com exceção do professor 1 que foi elogiado pelos estudantes como podemos ver a seguir:

[...] tem vezes que vem uma professora aqui que eu não sei quem é, tipo dia de segunda-feira, ela vem aqui, ela chega oito e meia, quando ela chega aqui, ela passa conta de matemática... ela passa a conta, quando ela termina ela mesmo

responde... eu falei, está errado né... a gente tem que sofrer pra aprender ué! (Aluno 2)

“ele explica bem... ele mostra pra gente como é que é depois a gente vai sofrer sozinho, depois leva para ele corrigir... ai é a hora que a gente quebra a cabeça, ele não responde nada pra gente no quadro, ele explica, só que depois o cara tem que pegar... se não pegar tem que sofrer... tem que aprender a ler tudinho pra responder” (Aluno 4)

[...] se os professores lessem mais com a gente, porque a gente presta atenção quando eles leem... ai você fosse ler... ai a gente ia ler junto com você... e a gente ia ver, ai você falava, fulano lê aquilo dali, lê essa história... a gente ia lá e lia... então seria bem mais fácil para nós né... e não a gente copiar, a gente gravar o que a gente está aprendendo... (Aluno 5)

“ah ele é bom... ele ensina bem... ensina bem... (chega uma aluna e a entrevistada a cumprimenta) [...] ele tem paciência de ensinar a gente... muito bom ele, muito bom [...] se a gente pegasse dois professores bons iguais a ele a gente iria para a frente” (Aluna 5).

[...] se elas lessem mais com a gente... que às vezes tem professora que só põe ali... no quadro e não explica... explica só uma vez, uma vez e a gente tem que aprender tudo... mas se ela explicasse, lessem com a gente, pedisse pra gente ler o que tinha no quadro... a gente ia aprender mais rápido... (Aluno 3)

“[...] isso daí a gente gostou muito porque ele pega [...] ele é diferente das outras professoras, elas não corrigem os nossos deveres pra ver onde a gente está errando [...] ele dá muita importância pra isso... isso é bom porque muitas vezes, como eu não sou boa nas contas [...] elas (as professoras) coisa (dão as respostas) no quadro [...] e a gente não é besta a gente vai pegar a resposta no quadro... eu mesmo era uma... só que depois eu vi que isso daí não é bom... todo mundo viu que isso aí não é bom, por que... que adianta ela já está dando a resposta ali pra gente [...]ele não... ele primeiro vê... ele vai em cada um dos alunos... e vê e corrige... e isso é muito importante porque a gente mostra para os filhos da gente [...] ele vê o erro e dá pra gente consertar o erro... ele simplesmente não dá pronto pra gente não... a gente gosta desse jeito dele... já as professoras não, elas não querem nem sabe... se está pronto [...] elas não querem saber... elas não vão ver onde a gente errou [...] isso é chato pra nós” (Aluna 2)

“na época eu sei que aprendi alguma coisa /.../ lá na primeira eu achava tudo muito fácil, mas hoje se você me perguntar o que eu aprendi na primeira série, eu não sei mais nada” (Aluna 1).

“eu aprendi um pouco ler, não sabia somar conta... aprendi, pra mim eu aprendi bastante um pouco” (Aluno 6).

Sem dúvida que aprender a ler e escrever é fundamental na vida de qualquer ser humano, isso dá dignidade a pessoa como nos disse a estudante 6:

“eu acho assim, que a pessoa que sabe ler, ela tem até um pouco mais de dignidade, porque a pessoa que não sabe ler e escrever... as pessoas fazer o que querem, não respeitam, porque fala fulana é analfabeta, então as pessoas tem menos respeito, porque nem tanto essas pessoas nem as vezes sabem falar correto, é onde a pessoa vê, fulana é analfabeta, então... faz o que quer... eu não acho certo... eu acho que o ser humano, mesmo que ele não consiga chegar numa faculdade, mas que ele aprenda a ler, a escrever e até falar um pouco correto, porque a falar você até

aprende vendo as pessoas falarem você aprende, não é só você escrevendo que você vai aprender...”

2.6 Considerações Finais

Diante das análises e reflexões realizadas nesse trabalho de pesquisa, os dados apontam que a problemática da aprendizagem não é apenas metodológico, envolve também uma escuta sensível por parte de toda a equipe pedagógica, o diálogo entre os sujeitos que da escola participam e o cuidado.

A escuta sensível é uma qualidade fundamental a todo educador. As entrevistas realizadas apontaram que há um temor em se falar o que não está agradando na escola, tanto por parte dos alunos, como também por parte dos professores. Sabemos que existem sim dificuldades de aprendizagem variadas e que precisam de uma atenção maior, como também precisamos respeitar as limitações de cada sujeito envolvido no processo de ensino e aprendizagem na EJA. Nesse sentido se faz necessário conhecer a escola e estabelecer um ambiente que prevaleça a dialogicidade entre educador e educando, educador e equipe pedagógica.

As estratégias de ensino utilizadas em sala de aula na EJA ainda não são eficazes na aprendizagem da leitura e da escrita dos estudantes do CEF 08. Alfabetizar é um grande desafio na Educação de Jovens e Adultos, por isso, se faz necessário aos professores repensarem suas práxis, mostrar e compartilhar experiências com os colegas de trabalho, falar de suas dificuldades com a coordenação, manter uma aprendizagem permanente, ou seja, criar uma cultura de conversa no ambiente de trabalho.

Os professores percebem a construção da escrita dos alunos, escrita com letras repetidas ou a falta de letras, como escrita errada. Mesmo os professores tendo passado por cursos de especialização voltados para a Educação de Jovens e Adultos, ainda não compreenderam na prática como tornar suas estratégias de ensino atrativas e eficazes para a aprendizagem dos alunos adultos.

Na fala dos professores percebe-se que os mesmos possuem nas mãos uma riqueza de recursos como jornais, textos de revistas, músicas, e até ideias criativas, que podem ser utilizados para no planejamento de atividades atrativas e contextualizadas com o dia a dia do aluno e que poderiam de fato contribuir na aprendizagem dos alunos. Mas, podemos ver é que infelizmente os professores ainda se encontram presos a estratégias de ensino tradicionais

e mecânicas com valorização de atividades repetitivas, de memorização e cópias, o que tornam as atividades realizadas em sala de aula pouco atrativas causando a desmotivação dos alunos. Há uma valorização exagerada da memória; saber é saber de cor; aprender é o mesmo que decorar.

Os dados também apontam que a falta de professor, principalmente na 1ª série, é uma problemática que tem ocorrido com bastante frequência e que tem prejudicado a aprendizagem dos alunos. E eis um grande desafio para a nova gestão, pois, sabemos que o abono e a licença de até três dias são problemas sérios e que é necessário enfrenta-los da melhor maneira possível. Mas, também devemos saber que as licenças de 15 dias são “previsíveis” e a escola pode fazer uma solicitação de previsão para ver a disponibilidade de professor substituto e resolver essa questão.

A mudança nos currículos resolveria parcialmente as dificuldades dos professores trabalharem seus conteúdos na EJA. Porque uma reestruturação e uma reorganização curricular, com propostas e estratégias elaboradas e assumidas de maneira coletiva é a melhor forma da escola se preparar para receber o jovem e o adulto que procura a EJA e garantir sua permanência na escola. Mas, não podemos esquecer-nos de respeitar as peculiaridades, especificidades e o tempo institucional de cada escola.

A erradicação do analfabetismo requer uma pedagogia diferenciada, uma pedagogia voltada para a diversidade, para a formação do cidadão consciente e crítico, pois alfabetizar não é um ato neutro. É fundamental a construção de uma proposta pedagógica democrática, elaborada com a participação de todos os envolvidos no processo, direção, equipe pedagógica, professores, alunos e a comunidade para que as necessidades elencadas pelos alunos e os professores possam ser contempladas no planejamento das ações e dos projetos que contam no PPP da escola e que sirvam de norte não apenas à organização e ao funcionamento da escola, como também para os professores efetivos e para os professores substitutos em suas práxis.

Acreditamos que os alunos precisam aprender a fazer uma leitura do mundo em que estão vivendo, fazer uma leitura da realidade em que vivem. O objetivo de alfabetizar não é apenas aprender a ler e escrever, mas aprender a pensar criticamente, aprender a cobrar os seus direitos de cidadãos brasileiros. Contudo, quero ressaltar que o objetivo desse trabalho não é encontrar culpados pelos problemas educacionais encontrados na escola, mas sim, mostrar a visão dos alunos e professores frente tais problemáticas e tentar encontrar soluções viáveis para as mesmas.

A riqueza de informações coletadas poderá gerar artigos e também novas pesquisas. Os dados analisados acima e muitos outros relatados durante as entrevistas pelos alunos e pelos professores como evasão, avaliação, relação professor-aluno, formação continuada, ficarão para posteriores pesquisas, para que possam contribuir para a melhoria das estratégias de ensino na Educação de Jovens e Adultos e também, para a aprendizagem da leitura e da escrita desses alunos.

PARTE 3 - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

É, cheguei ao final de uma longa caminhada de cinco anos... E que caminhada!

Caminhada carregada de lutas, buscas, tropeços, expectativas, choros em alguns momentos, mas, que me proporcionou principalmente um crescimento enorme (como pessoa, como educanda e posso dizer agora, como pedagoga), grandes descobertas, conhecer pessoas maravilhosas, fazer muitas amizades, participar do Projeto Rondon, além de muitas conquistas. Conquistas como pessoa, como mulher, mãe, filha. Enfim, foram momentos únicos que me levaram a refletir sobre minhas ações e pensamentos, sobre quem sou e o que quero ser e defender daqui pra frente.

Posso dizer que cresci na maneira de pensar e enxergar o mundo a minha volta, com suas igualdades e desigualdades, semelhanças e diferenças. Apurei o meu olhar tornando-o mais sensível, amplo e crítico frente às necessidades e problemáticas não apenas educacionais como também políticas e sociais do meu país, sempre na esperança de um futuro melhor para a minha Nação como um todo.

Futuro...

Às vezes acho que o futuro está tão longe e acabo prorrogando o momento de pensá-lo e programá-lo como deveria. Mas, chegou a hora de colocar no papel o que quero fazer após a conclusão da tão sonhada graduação em pedagogia. Esse momento me remete ao início do curso quando, na disciplina Projeto 1, tive de escolher, entre várias opções, a área acadêmica em que gostaria de realizar meu Trabalho de Conclusão de Curso, o famoso, temido e tão falado TCC.

Mais um sonho se concretiza neste momento, a aprovação do meu TCC para oficializar a minha graduação em pedagogia. E muitos outros sonhos ainda estão por se tornar realidade também. Um deles é poder fazer a diferença como educadora, independente de onde

eu estiver. Quero ser uma professora pesquisadora. Utilizar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso para ajudar pessoas que não tiveram nem oportunidade e nem acesso à escola na idade certa. Quero passar no concurso da Secretaria de Educação e ser professora efetiva na Educação de Jovens e Adultos ou em um concurso público para atuar na área de pedagogia. Mas, ainda tenho um sonho, o de poder montar uma escola em que eu possa ajudar pessoas carentes que ainda não foram alfabetizadas, só que para isso preciso de estabilidade financeira.

Com a graça de Deus pretendo sim dar continuidade aos meus estudos. Por enquanto não posso fazer mestrado por falta de uma segunda língua, mas pretendo fazer especializações e me preparar com um curso de inglês ou espanhol. O mestrado e doutorado na EJA ou Educação Infantil, também serão pela UnB ou através da EAD, quem sabe! Acredito que com a formação continuada estarei mais bem habilitada para colocar em prática o meu sonho de montar uma escola. Penso também que tanto a Educação Infantil, quanto a Educação de Jovens e Adultos são áreas que requerem um olhar mais sensível e observador do pedagogo.

Sei que a estrada é longa. E para uma formação continuada é necessário ser persistente e não desanimar, afinal, nós vivemos num mundo em constante transformação e precisamos nos adequar às novas tecnologias e às novas necessidades que surgem todos os dias na área, e que de certa forma nos obrigam a pesquisar e buscar soluções viáveis.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Vera. **PAULO FREIRE PARA EDUCADORES**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues, **O QUE É MÉTODO PAULO FREIRE**, 1ª edição – São Paulo: Brasiliense, 1981 (Coleção primeiros passos).
- FERREIRO, Emília. **REFLEXÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO**. Tradução de Horácio Gonzáles (et. al.), 24. Ed. Atualizada - São Paulo: Cortez, 2001, - (Coleção Questões de Nossa Época v. 14).
- FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana, **PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA**, tradução de Diana Myriam Liechtenstein, Liana Di Marco e Mario Corso. Porto Alegre Artes Médicas, 1985.
- FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DO OPRIMIDO**. Ed Paz e Terra, Rio de Janeiro - 9ª ed. 1981.
- _____. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: SABERES NECESSÁRIOS À PRÁTICA EDUCATIVA**. 36ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)
- GADOTTI, Moacir. **MOVA, POR UM BRASIL ALFABETIZADO** / Moacir Gadotti. – São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008 – (Série Educação de Adultos; 1).

GIL, Antônio Carlos. **MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA SOCIAL**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIA DO PNLA 2010: LÍNGUA PORTUGUESA E MATEMÁTICA - Ministério da Educação - Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010.

GUIA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES: Secretaria de Educação Fundamental – Ministério da Educação, 2001.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **METODOLOGIAS QUALITATIVAS NA SOCIOLOGIA**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

MOURA, Tânia Maria de Melo, **A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS ALFABETIZADORES DE JOVENS E ADULTOS**: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky. Maceió, Edufal, 1999.

PINTO, Álvaro Vieira, **SETE LIÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO DE ADULTOS**: introdução e entrevista de Demerval Saviani e Betty Antunes de Oliveira; versão final revista pelo autor. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1986.

REIS, Renato Hilário dos, **A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO POÍTICO, EPISTEMOLÓGICO E AMOROSO NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**. Campinas, SP: [s.n.], 200. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

SANTOS, Eliane Vieira, DIAS, Stefany Rosa, **RELATÓRIO ANALÍTICO “GESTÃO DEMOCRÁTICA COMO PRINCÍPIO DO ENSINO: PROCESSOS E DESAFIOS”**, 2011.

SECAD, coleção Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos – **ALUNOS E ALUNAS DA EJA**, 2006.

SECAD, coleção Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos – **A SALA DE AULA COMO UM GRUPO DE VIVÊNCIA E APRENDIZAGEM**, 2006.

SECAD, coleção Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos – **O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS E PROFESSORES**, 2006.

SESI. **GUIA PARA A AÇÃO ALFABETIZADORA**: Serviço Social da Indústria, Brasília, 2003.

VEIGA, Ilma. P. A. **PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DA ESCOLA: UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA**.

VEIGA Ilma. P. A (org.) **PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DA ESCOLA: UMA CONSTRUÇÃO POSSÍVEL**. 14a edição Papirus, 2002.

SITES PESQUISADOS:

http://www.se.df.gov.br/wp-content/uploads/pdf_se/links_paginas/eja_escolas_12.pdf. Acesso em 09/12/2013.

http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/censo/2013/1413_pub_inst_etap_mod_loc_cr_e.pdf. Acesso em 09/12/2013.

http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/censo/2013/40113_pub_eja2s_matr_turm_seg_etap_cre.pdf. Acesso em 09/12/2013.

ANEXOS

ANEXO 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

O (a) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto “**APRENDIZAGEM X ESTRATÉGIAS DE ENSINO UTILIZADAS NA EJA**”.

O objetivo desta pesquisa é: **COMPREENDER O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EJA A PARTIR DAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO UTILIZADAS PELOS PROFESSORES DO CEF ALFA.**

O (a) senhor (a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo (a).

A sua participação será através de uma entrevista gravada em áudio, a realizar-se na instituição escolar ou em local a definir, na data e horário combinados.

Informamos que o (a) Senhor (a) pode se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o (a) senhor (a).

Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração. Os resultados da pesquisa farão parte da minha monografia no curso de Pedagogia na UAB/UnB podendo ser publicados posteriormente em forma de artigos. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sob a guarda do pesquisador.

Se o (a) Senhor (a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor, telefone para: Professora Dra Rosângela Azevedo Corrêa, orientadora da presente monografia, na instituição Faculdade de Educação - UnB - Campus Universitário Darcy Ribeiro - 70904-970 - Asa Norte - Brasília/DF, telefone: 3307-2120 (ramal 128), no horário: quinta-feira pela manhã.

As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61) 3107-1947.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o sujeito da pesquisa.

Nome / assinatura

Eliane Vieira Santos
Pesquisador Responsável
Nome e assinatura

Brasília, ____ de _____ de _____.

ANEXO 2 – Caracterização dos entrevistados

A1 - Nome: _____
Residência: _____
Naturalidade: _____
Sexo: (F) (M) Idade: _____ Série atual: _____ Entrou em: _____

A2 - Nome: _____
Residência: _____
Naturalidade: _____
Sexo: (F) (M) Idade: _____ Série atual: _____ Entrou em: _____

A3 - Nome: _____
Residência: _____
Naturalidade: _____
Sexo: (F) (M) Idade: _____ Série atual: _____ Entrou em: _____

A4 - Nome: _____
Residência: _____
Naturalidade: _____
Sexo: (F) (M) Idade: _____ Série atual: _____ Entrou em: _____

A5 - Nome: _____
Residência: _____
Naturalidade: _____
Sexo: (F) (M) Idade: _____ Série atual: _____ Entrou em: _____

A6 - Nome: _____
Residência: _____
Naturalidade: _____
Sexo: (F) (M) Idade: _____ Série atual: _____ Entrou em: _____

A7 - Nome: _____
Residência: _____
Naturalidade: _____
Sexo: (F) (M) Idade: _____ Série atual: _____ Entrou em: _____

ANEXO 3 - Roteiro de entrevista – ALUNOS 1º segmento da EJA

1. Você estudou quando era mais novo (a)?
2. Os seus pais o estimulavam a estudar?
3. Você tinha dificuldades para estudar nesta época? Quais?
4. Por que você deixou de estudar naquela época?
5. Quais os motivos que levaram você a retomar os estudos?
6. Você mora perto da escola?
7. Você gosta de estudar?
8. Você teve dificuldades em voltar estudar?
9. Como foram as aulas da primeira série?
10. Como foi a sua relação com seus professores na primeira série?
11. Como a professora desenvolveu as atividades em sala de aula nas disciplinas de matemática, português, ciências, geografia e história?
12. As atividades desenvolvidas em sala de aula permitiu que você aprendesse a ler e escrever?
13. Se você ainda não aprendeu a ler e escrever, o que dificultou?
14. Na medida em que você foi passando para outras séries foi ficando mais fácil aprender a ler e escrever?
15. As professoras te ajudam quando você tem dificuldades?
16. Se ainda é difícil estudar, o que dificulta?
17. Como você gostaria que fossem as aulas?
18. O que você precisa para melhorar a sua aprendizagem?

ANEXO 4 - Roteiro de entrevista – PROFESSORES 1º segmento da EJA

1. Quais são suas maiores dificuldades enfrentadas para atuar na EJA?
2. Como você percebe o currículo da EJA?
3. Você planeja suas aulas?
4. Tem orientações para essa atividade?
5. O que você leva em consideração para o planejamento das suas aulas?
6. Que tipo de recursos você utiliza em suas aulas?
7. Qual a contribuição desses recursos para a aprendizagem dos alunos?
8. Como você percebe o processo de aprendizagem dos seus alunos?
9. O que você acha que motiva o aluno a aprender a ler e escrever?

ANEXO 5 – PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CEF 08

Governo do Distrito Federal

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

Diretoria Regional de Ensino do Guará

Centro de Ensino Fundamental 08

PROPOSTA PEDAGÓGICA

CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL 08 DO GUARÁ

Brasília – 2011

Diretora: Cárita Alessandra Moura Sá Elias

Vice-diretora: Sandra Regina

Supervisor Pedagógico Diurno: Ricardo Carvalho Pinto

Supervisor Pedagógico Noturno: Alexssander Fernandes

Supervisora Administrativa: Fernanda

SUMÁRIO

Apresentação

- Identificação da Unidade de Ensino
- Introdução

Capítulo I – Origem histórica, natureza e contexto da Instituição

- Histórico
- Perfil sociocultural da comunidade escolar

Capítulo II – Fundamentos norteadores da prática educativa

Capítulo III – Missão e Objetivos Institucionais

- Missão
- Objetivos Institucionais
 - Objetivo Geral
 - Objetivos Específicos
- Ações Estratégicas

Capítulo IV – Gestão e organização pedagógica

Capítulo V – Organização curricular e respectivas matrizes

- Matriz Curricular do Ensino Fundamental de 8 anos – séries Iniciais
- Matriz Curricular do Ensino Fundamental de 9 anos – séries Iniciais
- Matriz Curricular do Ensino Fundamental de 8 anos – séries finais
- Matriz Curricular da Educação de Jovens e Adultos
- Matriz Curricular da Educação Especial
- Projetos

Capítulo VI – Processos de avaliação da aprendizagem e de sua execução

Capítulo VII – Estratégias para implementação: recursos físicos, didático-metodológicos, pessoal docente, de serviços especializados

- Direção
- Conselho Escolar
- Conselho de Segurança
- Caixa Escolar
- Estratégias de implementação de recursos físicos
- Conselho de Classe
- Sala de Recursos
- Serviço de Orientação Educacional
- Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem

Bibliografia

APRESENTAÇÃO

*"A esperança não é para amanhã.
A esperança é este instante.
Precisa-se dar outro nome a certo tipo de esperança,
porque esta palavra significa sobretudo espera.
E a esperança é já."*

Clarice Lispector

Construímos a nossa Proposta Pedagógica numa visão de construção democrática. Para tanto, escolhemos este pensamento de Clarice Lispector, no sentido de dar a verdadeira dimensão que pretendemos ao assunto: a dimensão de esperança e ao mesmo tempo de imediatismo necessário.

Esperança de que a Proposta Pedagógica possa verdadeiramente ser assumida pelas equipes de nossa escola e imediatismo necessário no sentido de que possam essas equipes assumir seus papéis de forma plena, comprometida e imediata.

Acreditamos que estas sejam concepções que precisam ser assumidas por todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, para que os mesmos possam mergulhar de forma concreta na ação de construção de propostas verdadeiramente democráticas.

Pierre Weil, em *A arte de viver em paz* (Unesco, 1990) concretamente nos diz que "a humanidade atingiu o limiar de uma nova era e vive, agora, uma espécie de dor de crescimento(...). Acumulamos conhecimentos em quantidade. Mas, sem sabedoria para usá-los podemos destruir-nos e ao mundo que habitamos. Felizmente, uma nova consciência está se estabelecendo no espírito de grande parte das pessoas. Ela inspira outra maneira de ver as coisas em ciência, filosofia, arte e religião. Trata-se de um momento de síntese, integração

e globalização. Nesta fase, a humanidade é chamada a colar as partes que ela mesma separou nos cinco séculos em que se submeteu à ditadura da razão."

A esperança é já!

Que possamos assumir essa esperança de concretizar esse sonho de construção coletiva.

Que possamos implementar esta Proposta elaborada a partir de experiências, realidades e contribuições de diversos profissionais, transformando-a em conquistas.

Que possamos transformar nossa escola em espaços de práticas democráticas e de convivência harmoniosa.

Sabemos das dificuldades, no entanto, apostamos nelas para atingir o sucesso.

IDENTIFICAÇÃO DA UNIDADE DE ENSINO

O **Centro de Ensino Fundamental 08**, escola da Rede Pública de Ensino do DF, integra a estrutura da Secretaria de Educação do Distrito Federal, unidade integrante do Governo do Distrito Federal de é vinculada, pedagógica e administrativamente, à Diretoria Regional de Ensino do Guará. Sua localização é urbana oferecendo o Ensino Fundamental de 8 e 9 anos - séries iniciais (4º ano e 5ª ano) e finais (5ª e 6ª séries), Ensino Especial (TGD e DI) e Educação de Jovens e Adultos (1º e 2º segmento). Classificado como Centro de Ensino Fundamental nos turnos: matutino, vespertino e noturno.

Localização da Escola:

Endereço: EQ13/15 Lote “B” Guará II – DF

CEP 71010-051 Guará – DF

Fone: 3901-3713

E-mail: sec.cef08.gua@gmail.com

INTRODUÇÃO

A presente Proposta Pedagógica constitui-se dos pontos norteadores e de consulta para todos os interessados no processo de ensino aprendizagem desta Instituição de Ensino.

Neste documento, estão contidas as diretrizes da escola e as informações gerais de interesse de todos os envolvidos: histórico da escola, caracterização da escola, eventos, identificação, corpo docente, equipe técnico-administrativa, objetivos gerais e específicos, metodologia adotada, processo de avaliação, desenvolvimento curricular e projetos pedagógicos já implementados e em fase de implementação.

Além disso, a Proposta enfatiza o acolhimento, o partilhamento, integração, socialização, união e motivação do nosso grupo de docentes, servidores, pais e, principalmente, dos alunos e esse, é o ponto de partida de todo o processo educativo proposto.

Enfatizamos a utilização de diferentes métodos de ensino com o intuito de facilitar as aprendizagens, os conhecimentos e experiências, visando sempre as necessidades de nossos alunos.

Desta forma, é nossa intenção proporcionar aos nossos alunos, em colaboração com a família e toda a comunidade, a oportunidade de se desenvolver correta e harmoniosamente e de forma democrática.

Pretendemos igualmente proporcionar aos pais uma mais valia de poderem confiar os seus filhos a profissionais competentes e com valores humanos, que com eles partilhem a sua educação.

Valorizamos a participação da comunidade na formação da criança enquanto futuros cidadãos, participativos e responsáveis.

Assim, pretendemos praticar uma pedagogia estruturada e diferenciada centrada na cooperação, participação e integração em que o educando beneficia do processo educativo.

CAPÍTULO I

ORIGEM HISTÓRICA, NATUREZA E CONTEXTO DA INSTITUIÇÃO

1. HISTÓRICO

(...) a memória é cada vez mais necessária num mundo em profunda mutação. As mudanças sociais aceleradas e as identidades cambiantes resultam numa sensação de insegurança e angústia. E, nesse contexto, a memória passa a ser crucial, porque permite atribuir sentidos à realidade em meio à dispersão e à pluralidade.

A memória é um elemento essencial na constituição da identidade individual, coletiva e institucional. Não se pode esquecer, no entanto, que a memória não é apenas uma conquista de indivíduos ou coletividades, é também um instrumento e um objeto de poder (...)

(Ana Paula Goulart Ribeiro e Marialva Barbosa)

A partir de 1967, começaram as construções das primeiras casas do Guará, em regime de mutirão, com a finalidade de abrigar famílias de trabalhadores do SAI (Setor de Indústrias e Abastecimento) e de Funcionários Públicos. Depois da inauguração do Guará, 1969, a NOVACAP e a SHIS prosseguiram com a urbanização do segundo trecho, o setor Guará II, para atender funcionários do Governo da União. O objetivo era atender aos funcionários públicos de menor renda transferidos para Brasília junto com os últimos ministérios, além de industriários e comerciários inscritos na SHIS. A cidade inchou, surgindo a necessidade de expandir a rede de ensino, de saúde e urbanização. Desta forma, surgiu o CEF 08 do Guará.

O Centro de Ensino Fundamental 08 do Guará foi fundado em 06/09/1973 e teve suas atividades iniciadas em 04/03/74, sob a direção da professora Neda Livia Guimarães D'Oliveira, com a denominação de Centro de Ensino de 1º Grau nº. 08 do Guará II.

A Escola teve a criação através do Ato Institucional nº. 07/74, a autorização de funcionamento pelo Decreto Lei nº. 3547/77 e o Reconhecimento pela Portaria nº. 17/80. Em 1976, com a Resolução nº. 95 – CD, a escola passou a ser denominada de Centro de Ensino de 1º Grau 08 do Guará. Com o Decreto 21.397 de julho de 2000, mudou novamente a tipologia da escola, renomeando-a para Centro de Ensino Fundamental 08 do Guará.

À época da inauguração, o Administrador do Guará era o Sr. Eng. Eduardo Mundin Pena (1974 a 1976) e o Governador do Distrito Federal era o Sr. Elmo Serejo Farias (1974 a 1979).

A escola possui um terreno de 6.650 m² e área construída de 2.758,04 m², com localização privilegiada, de fácil acesso, com boa rede de transportes, próximo à feira permanente do Guará, à estação do metrô, à Administração do Guará e ao Supermercado Super Maia.

2. PERFIL SOCIOCULTURAL DA COMUNIDADE ESCOLAR

Segundo o último Censo Escolar, foram efetivadas 838 matrículas divididas entre os três turnos. No matutino, concentra-se 51% dos alunos da escola, no vespertino 10,5% e no noturno 38,5%.

A comunidade escolar é heterogênea, tanto pela localização geográfica quanto pelo poder aquisitivo. No período matutino, atendemos alunos do Ensino Fundamental – Séries Finais (5ª e 6ª séries) e turmas de aceleração da aprendizagem. 70 % dos alunos são moradores do Guará, com renda familiar variando entre 4 e 10 salários mínimos, 28,8 % dos alunos são moradores da Vila Estrutural, com renda familiar média variando entre 1 e 4 salários mínimos e 1,2% são alunos provenientes de variadas localidades do Distrito Federal.

Já no Período vespertino, 89,9 % dos alunos são provenientes do Guará com renda familiar variando entre 4 e 10 salários mínimos, 10,2 % dos alunos são moradores da Vila Estrutural. No noturno, 93 % são moradores do Guará.

A Vila Estrutural é um localidade de baixa renda per capita com pouca ou nenhuma infra estrutura. Trata-se de uma comunidade carente, com pais de pouca escolaridade e que na maioria, não acompanham com interesse o processo educacional dos filhos, dificultando a integração escola/família. Grande parte das famílias são numerosas e desestruturadas.

O Governo do DF oferece transporte escolar da Vila Estrutural para o Guará, porém apenas no turno diurno.

As famílias dos alunos do CEF 08 e a maioria dos alunos do turno noturno trabalham no comércio local, na iniciativa privada, em órgãos públicos, na construção civil, em casa de família ou vivem do comércio informal e muitos encontram-se desempregados. A escola atende também alunos das chácaras e invasões no entorno do Guará.

2.1 Perfil dos alunos do diurno

Questionados sobre leituras preferidas 14,4 % responderam revistas, 24 % livros, 13,2 % jornais, 39 % revistas em quadrinhos, 5,9 % outros e 3,5 % responderam que não gostam de ler.

Os dados demonstram que os alunos acompanham a revolução tecnológica e, das respostas analisadas, 42,7% dos alunos utilizam frequentemente o computador em casa ou em qualquer outro local e 44,6 % possuem conexão com a Internet em casa.

Dos alunos matriculados no diurno 23 % são alunos repetentes, 16 % estão defasados em idade/série, 8 % já participaram de turmas de aceleração e 16,4 % cumprem dependência em algum componente curricular. A idade dos alunos nas séries iniciais varia de 8 a 13 anos, dos alunos das séries finais de 9 a 17 anos e na EJA entre

15 e 61 anos. No Ensino especial, atendemos alunos em turmas de Deficiência Intelectual e Transtorno Global de Desenvolvimento. A escola tem 46 alunos ANEE inclusos em turmas regulares e 09 alunos em salas especiais.

72,9 % dos nossos alunos são nascidos no Distrito Federal, 9,2 % nasceram no nordeste, 6,11 % no sudeste, 8,23% no Centro-Oeste e 2,7 % no Norte, residindo com os pais (53,5%), com a mãe (31%), com o pai (10%) ou outros (5,5%).

Em relação à experiência estudantil, 58,5 % dos alunos sempre estudaram em escolas públicas, enquanto 41,5 % já estudaram, em algum momento, em escola particular.

2.2 Perfil dos alunos do noturno

Questionados sobre leituras preferidas 23,7 % responderam revistas, 24 % livros, 29 % jornais, 12 % revistas em quadrinhos, 5% outros e 6,3 % responderam que não gostam de ler.

Os dados demonstram que 52 % dos alunos do noturno utilizam computador em casa ou em qualquer outro local e 48 % possuem conexão com a Internet em casa.

Dos alunos matriculados em 2011, 35 % estudaram em 2010 no CEF 08, 36,3 % já estudaram no noturno. 28,5 % dos nossos alunos são nascidos no Distrito Federal, 48 % nasceram no nordeste, 3,6 % no sudeste, 7,2% no Centro-Oeste, 3,6% no Sul e 8,8 % no Norte.

53,2% trabalham durante o dia e 46,8% só estudam.

O perfil dos alunos do noturno é conhecido por serem estudantes, na sua maioria, fora da faixa etária, oriundos de outros estados, especialmente da região nordeste, com uma renda mensal baixa e que vivem em Brasília em busca de uma vida melhor. A renda média varia entre 1 e 3 salários mínimos (63,5%), 14% entre 3 e 5 salários mínimos, 14,8% entre 5 e 8 salários mínimos e 7,8% com mais de 8 salários.

2.3 Perfil da Equipe Pedagógica

A equipe pedagógica do CEF 08 é composta de 04 coordenadores, 02 Orientador Educacional, 09 professores readaptados, 02 professores em Sala de Recurso, 02 professores da sala de recurso de DA, 02 professores intérpretes em libras, 01 professor que atua no CID, 01 professor que atua na ginástica na quadra, 01 bolsistas, 01 monitor e 40 professores atuando em sala de aula, dos quais 84 % são do sexo feminino e 16 % masculino. 44% dos professores têm idade média variando entre 30 e 39 anos, 44% entre 40 e 49 anos e 12 % com 50 anos ou mais. Quanto ao tempo de magistério, é significativo o fato de que 96% dos professores têm mais de dez anos de carreira. Esse dado corrobora o fato de 45% da equipe ter experiência em gestão escolar, seja na Direção, vice-Direção, ou Assistência/Supervisão, 34% dos que exerceram cargos direção de escola o exerceram no CEF 08. 37 % dos professores tem mais de 10 anos no CEF 08.

Quanto a formação, 100% da equipe possui o ensino superior completo, 50% fizeram cursos de especialização e 89% dos professores participaram de atividades de formação continuada (atualização, treinamento, capacitação) nos últimos dois anos.

Com relação ao Projeto Pedagógico, 65% dos professores pesquisados afirmaram conhecê-lo e participaram da elaboração ou reestruturação do referido documento.

100% dos professores afirmaram conhecer e utilizar o Currículo Básico das Escolas Públicas do Distrito Federal e 86% o Estatuto da Criança e Adolescente.

A pesquisa também revelou que 97% dos professores têm computador em suas residências, com acesso à internet. Eles entendem que esse recurso facilita o seu trabalho, é um suporte ao trabalho e à aprendizagem do seu aluno e colabora para a melhoria da qualidade da educação, da aprendizagem, além de ampliar a oportunidade de acesso do aluno ao conhecimento e de criar-lhe facilidades.

Quando questionados sobre os fatores que influenciam a aprendizagem, os professores consideraram mais importante a baixa auto-estima dos alunos,

desinteresse, indisciplina, falta de esforço dos alunos, falta de assistência e acompanhamento familiar nos deveres de casa e trabalhos dos alunos, o meio ambiente em que alguns dos alunos vivem, a super lotação das salas de aula, a indisciplina, excesso de calor nas salas de aulas, principalmente no turno vespertino.

100% dos professores entrevistados consideram que participam das coordenações individuais e coletivas e 83% concordam que a comunidade escolar tem colaborado para fazer esta escola funcionar bem. 84% sentem que é parte importante na escola, 77% participa das decisões educacionais desta escola, 62% recebem apoio dos pais dos alunos no desenvolvimento do seu trabalho.

Quanto à violência nas escolas, alguns professores registraram situações de agressão verbal de alunos a alunos, a professores e a servidores, de alunos freqüentando as aulas sob efeito de bebida alcoólica e ou drogas ilícitas, mas não foram ocorrências significativas.

44% dos professores alegam não conhecerem os resultados do CEF 08 no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), prova Brasil ou IDDF. 72% dos professores estão satisfeitos com a profissão de professor, porém somente 9,5% estão satisfeito com seu salário de professor. 56% se sentem com pouca energia e 77% esgotado ao final de um dia de trabalho

Para a composição do perfil dos docentes do CEF 08 foi aplicado, em março de 2010, questionário com a participação de 89% dos professores.

2.4 – Perfil do espaço físico da Escola

A parte física da escola está bem preservada. Porém, precisa de reparos na parte:

- hidráulica (Caixa d água, canos)
- canaletas
- piso das salas de aulas

- pavimentação do estacionamento interno

Além destes reparos, a escola também tem problemas com:

- a quadra (necessita de cobertura)
- a falta de um espaço adequado para as refeições dos alunos da escola integral

CAPÍTULO II

FUNDAMENTOS NORTEADORES DA PRÁTICA EDUCATIVA

“Assegurar uma educação de qualidade, promovendo as crianças, adolescentes e adultos o preparo para o exercício consciente da cidadania, preparando-os em todos os aspectos físicos,psíquicos, didático-pedagógico, de modo a realizarem-se se tornando conscientes, críticos e atuantes na sociedade em que estão inseridos”

Com base na proposta pedagógica das escolas públicas do Distrito Federal, estabelecemos os Princípios que direcionarão toda a ação pedagógica desta Instituição de Ensino:

1. Princípios éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade, do respeito ao outro e ao bem comum.
2. Princípios políticos do exercício pleno da cidadania e do respeito à ordem democrática

3. Princípios pedagógicos fundamentais para a ação educacional que proporcionem ao educando, o aprender a aprender, o aprender a conhecer, a fazer, a saber, a conviver e a ser.
4. Princípios estéticos que estimulem a criatividade, a curiosidade, a emoção e as diversas manifestações artísticas culturais.
5. Princípios que norteiam e contribuam para o crescimento individual, intelectual e social dos educando.
6. Princípios éticos da função e profissão que visam:
 - Aprendizagem significativa;
 - Respeito às diferenças, as etnias e diversidades;
 - Resgate dos valores morais e cívicos;
 - Valorização do indivíduo;
 - Reflexão para a mudança;
 - Formação global e socializada;
 - Valorização da família;
 - Integração professor x aluno / Direção x professor x alunos e auxiliares da educação;
 - Aplicação da Pedagogia de projetos;
 - Valorização dos projetos;
 - Comprometimento e responsabilidade com a função social da escola;
 - Superação dos erros;
 - Avaliação constante e continuada;
 - Transformação;
 - Conquistas do interesse pelo estudo;

- Formação de um educando crítico, capaz de construir o seu saber, atuar positivamente e com responsabilidade perante o seu meio social;
- O educador como motivador de sua classe / turma e pelo clima de aceitação de todo o processo na relação da convivência e de ensino e aprendizagem.

CAPÍTULO III

MISSÃO E OBJETIVOS INSTITUCIONAIS

1. MISSÃO

Assegurar um ensino de qualidade, formando cidadãos críticos, conscientes e participativos, capazes de interagir e intervir na realidade. Ser espaço de conhecimento, cultura, pesquisa e criatividade de forma a responder às necessidades emergentes da sociedade.

A sociedade atual necessita de pessoas:

- ▶versáteis e flexíveis;
- ▶com boa capacidade de comunicação;
- ▶que identifiquem e resolvam problemas;
- ▶que saibam trabalhar em equipe e negociar;
- ▶que pensem de forma global e sejam capazes de selecionar e buscar informações em diversas fontes.

A escola, portanto, mudou seu paradigma de ensino para aprendizagem. Hoje, ela precisa formar pessoas que saibam estudar e aprender o tempo todo. Caso contrário, esses cidadãos correrão o risco de serem atropelados pelo novo e de perderem o bonde deste mundo competitivo no qual estamos mergulhados.

A função da educação básica não é apenas transmitir o conhecimento arbitrado por um grupo dominante, preocupação quase exclusiva do ensino tradicional, mas, sim, desenvolver habilidades cognitivas em seus alunos, capacitando-os a ler,

interpretar, explicar, comparar, analisar, justificar, opinar, abstrair, concluir enfim a pensar.

Porém a escola não pode esquecer e precisa dar ênfase especial aos valores e atitudes universais, destacando-se a fé, a esperança, a solidariedade, a competência, a liberdade com responsabilidade, a coerência, o respeito, a honestidade, a dignidade e a justiça. Também são trabalhados: disciplina, compromisso ético, humildade, amor, perseverança, companheirismo e cooperação.

2 - OBJETIVOS INSTITUCIONAIS

2.1 – Objetivo Geral

Criar um espaço onde o aluno se desenvolva nos aspectos bio-psico-social e cultural, respeitando e considerando as diferenças, privilegiando conhecimentos, habilidades e competências que lhe permita aprender de forma significativa, instrumentalizando-o para o exercício da cidadania com valores baseados na solidariedade, na colaboração, na participação e na responsabilidade, alcançando a excelência no que se refere à qualidade do ensino.

2.2 – Objetivos Específicos

- Diminuir os índices de repetência e evasão e a defasagem idade-série;
- Realizar a conservação e manutenção do prédio, mobiliário e equipamentos da escola;
- Vivenciar o lúdico através de atividades de animação cultural e oficinas;
- Assistir os alunos através de uma boa alimentação e do encaminhamento para profissionais específicos , quando necessário;

- Incentivar a leitura como alternativa para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem;
- Valorizar o conhecimento, o saber sistematizado, como necessário para a crítica, a argumentação e a construção do conhecimento;
- Resgatar as funções básicas da avaliação da aprendizagem, como função diagnóstica, de replanejamento e de crescimento;
- Incentivar e garantir a implementação de novas experiências pedagógicas que contribuam para a superação do ensino tradicional;
- Criar um espaço coletivo de discussão, reflexão, formação continuada, troca de experiências e aperfeiçoamento para todos os profissionais da educação que atuam na escola;
- Promover e ampliar a integração entre escola e comunidade;
- Oferecer aos alunos com necessidades especiais recursos e materiais didáticos pedagógicos adaptados e adequados às suas necessidades;
- Realizar parcerias com Instituições governamentais e não governamentais, visando aperfeiçoar o desenvolvimento de projetos pedagógicos;
- Assegurar a realização da avaliação institucional de forma coletiva e periódica, atendendo aos pressupostos da Lei 4.036 art. 2º, V;
- Implementar o Currículo, buscando integração entre seus componentes;
- Oferecer atividades diversificadas, desenvolvendo habilidades nas diversas áreas do conhecimento;
- Priorizar os problemas levantados pelos professores, levando em conta suas expectativas e suas diferentes visões e, acima de tudo, buscando consensos;
- Socializar a proposta pedagógica da escola junto à comunidade escolar.

2.3 – Ações estratégicas

- Apoiar e incentivar os Projetos de Leitura realizados na biblioteca e pelo corpo docente;
- Amparar e auxiliar os professores nas suas dificuldades pedagógicas;

- Incentivar a participação de todo o corpo docente nas reuniões semanais de coordenação coletiva, buscando sempre a integração entre a gestão administrativa, pedagógica e financeira;
- Promover reuniões bimestrais com a comunidade escolar para divulgação de informações referentes à vida escolar dos alunos;
- Discutir e socializar as tomadas de decisões referentes às aplicações de recursos financeiros com a comunidade escolar;
- Promover ações para melhorar a participação dos pais na APM, realizando gincanas e sorteios;
- Reorganizar o Projeto recreio, implementando novas atividades durante o ano letivo;
- Adquirir materiais lúdicos para incrementar o intervalo dos alunos das séries iniciais e finais do Ensino Fundamental;
- Realizar exposições, competições e apresentações diversas para divulgar os trabalhos desenvolvidos na escola;
- Conscientizar todos os alunos da importância da ordem e limpeza nas salas de aula e demais dependências e da necessidade da manutenção dos materiais e equipamentos da escola;
- Disponibilizar os meios necessários para que os auxiliares de educação realizem a manutenção e limpeza da escola;
- Realizar fóruns de participação entre a escola e a comunidade;
- Oferecer a todos reforço e acesso ao Projeto Interventivo , oferecendo encontros de alta qualidade pedagógica, diante de atividades diversificadas e dinâmicas;
- Integrar a comunidade local nas atividades dos Projetos reforço e Interventivo, para que a mesma entenda o seu funcionamento e participe da sua execução;
- Desenvolver a auto-estima dos nossos alunos, principalmente daqueles que estão em defasagem série/idade, fazendo-o compreender a sua importância para o processo da educação;
- Promover passeios, gincanas, campeonatos e atividades culturais com a participação da comunidade, sempre que possível;

- Oportunizar meios para o aperfeiçoamento e capacitação dos professores e servidores, que poderá ocorrer dentro ou fora da escola;
- Resgatar o sentimento de valorização da cidadania, do respeito ao próximo através de hora cívica;
- Promover a integração da nossa escola com outras escolas através do esporte, de eventos culturais e campeonato;
- Dar continuidade a ESCOLA INTEGRAL, possibilitando aos alunos o enriquecimento do seu universo, o aprofundamento de conhecimentos, novas experiências, esclarecimento de dúvidas, desenvolvimento de atividades educativas, artísticas e esportivas;
- Desenvolver atividades pedagógicas e culturais voltadas para as relações étnico-sociais, aceitação da diversidade e inclusão de minorias reincidentemente discriminadas pela sociedade;
- Formular projetos empenhados na valorização da história e cultura afro-brasileiros e indígenas – Lei 11.645/08;
- Dar continuidade ao Projeto “Amigos do vôlei e amigos da leitura”;
- Organizar/elaborar projeto das Salas de Recursos e implementar sua ação, com enfoque na inclusão, desenvolvendo temas relacionados ao aluno especial;
- Observar e comemorar em eventos cívicos datas importantes do calendário, promovendo a conscientização dos alunos sobre o seu significado e importância na formação do cidadão.

CAPÍTULO IV

GESTÃO E ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA



No CEF 08 a educação tem como finalidade desenvolver o educando, assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e m estudos posteriores.

O ensino visará::

- I. O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

- II. A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III. O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV. O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social;

A escola oferece Ensino Fundamental de 8 anos (4^a , 5^a e 6^a séries) e o Ensino Fundamental de 9 anos (4^o ano), a Educação de Jovens e Adultos (1^o e 2^o segmento), a Educação Especial (DI e TGD) e a Correção de Fluxo Escolar (Classes de aceleração).

O Ensino Fundamental é oferecido em regime anual, com no mínimo 200 dias letivos e a carga horária anual de 800 horas.

Há Educação Especial, com turmas específicas de Transtorno Global de Desenvolvimento (TGD) e Deficiência Intelectual (DI), além de alunos em classe comum do ensino regular com atendimento em sala de recurso e itinerância, visando atender na complementação pedagógica aos alunos com necessidades especiais.

As turmas de Correção de Fluxo são oferecidas aos alunos em defasagem idade-série, visando a erradicação do abandono e da desistência dos alunos no âmbito escolar

A ESCOLA OFERECE TAMBÉM A Educação de Jovens e Adultos, em regime semestral, onde cada semestre corresponde a 100 dias letivos. Esta modalidade é destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental na idade própria. Desta forma, a escola oportuniza atividades educacionais apropriadas, considerando as características do alunado, seus interesses, condições de vida e trabalho.

| Modalidades | Séries/ano | Turno | Horário | Turmas |
|--------------------------------------|--|--------------|-------------------------|---|
| Ensino Fundamental – séries iniciais | 4 ^o ano e 5 ^a ano | Vespertino | 13h00min às 18h00min | 4 ^a ano “A” 5 ^a série “A”, “B”, “C” e “D” |

| | | | | |
|------------------------------------|---|----------------------------|---|--|
| Ensino Fundamental – séries finais | 5ª série e 6ª série 5ª série | Matutino Vespertino | 7h00min às 12h00min 13h00min às 18h00min | 5ª série “A,B,C,D,E” e 6ª série “A,B,C,D,EeF” |
| Educação Especial | TGD DI | Matutino | 13h00min às 18h00min | TGD “A” DI “A” |
| Correção de Fluxo | | Matutino | 7h00min às 12h00min | 5ª série ASF “A, B” 6ª série ASF “A” |
| Educação de Jovens e Adultos | 5ª série à 8ª série 1º Segmento 1ª ‘a 4ª Etapa 2º Segmento 5ª ‘a 8ª série | Noturno | 19h00min às 23h00min | 5ª série “A” 6ª série “A” 7ª série “A” 8ª série “A” 1ª,2ª, 3ª e 4ª Etapa |

CAPÍTULO V

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E RESPECTIVAS MATRIZES

“Currículo é lugar, espaço, território.

O currículo é a relação de poder.

O currículo é trajetória, viagem, percurso.

(...) O currículo é texto, discurso, documento.

O currículo é documento de identidade”

PCN

A organização curricular do Ensino Fundamental 08 tem como fundamento os princípios e valores emanados da Constituição Federal e da lei de Diretrizes e Bases. Ela está baseada na flexibilidade e no respeito aos direitos e deveres dos alunos, dos professores e da comunidade escolar.

Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, enfatiza a assimilação de conceitos, buscando desenvolver habilidades e competências que possibilitem aos alunos prosseguirem nos estudos (Regimento Escolar das Instituições Educacionais da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal). O currículo atende às prioridades do aluno, às condições de seu desenvolvimento biopsicossocial, ao seu relacionamento societário e às características de sua faixa etária, nos termos da legislação vigente. A tendência pedagógica na qual o trabalho está embasado é norteada pelas teorias de Piaget, Vigostsky, Wallon e Emília Ferrero. Buscando esses pressupostos, o Centro de Ensino Fundamental 08 do Guará, caminha numa proposta sociointeracionista, na qual o aluno aprende a construir o saber pela relação com o meio. A escola pretende, por meio das atividades realizadas, favorecer o desenvolvimento integral do educando nos aspectos cognitivo, social, emocional e físico, bem como a formação de hábitos e atitudes, possibilitando o exercício da cidadania e a aquisição de valores éticos e morais.

Os Anos finais do Ensino Fundamental tem como principal finalidade ampliar o conjunto de competências e habilidades adquiridas pelos educandos ao longo dos primeiros anos de escolarização, passando do estágio operatório-concreto para o pensamento formal.

Nosso projeto privilegia a formação acadêmica e o desenvolvimento intelectual do aluno, mas é inegável que outros aspectos da formação humana devem ser essencialmente objeto de uma educação humanística.

É prioritário nesse momento desenvolver a competência para comunicar-se, para resolver situações novas, para refletir sobre o processo de aprendizagem e para interagir intelectual e socialmente.

Estimulamos a capacidade de realizar tarefas em grupo, de contribuir e aceitar colaborações, de desenvolver um projeto comum, de fazer o coletivo crescer, de reconhecer as diferenças e de eliminar preconceitos de qualquer ordem.

Participam desse projeto, programas e atividades direcionadas a conteúdos específicos em níveis adequados à idade dos alunos, e ao desenvolvimento de uma atitude crítica, curiosa e ética diante do conhecimento.

O currículo do CEF 08 busca também ir além dos limites mínimos exigidos pelas deliberações legais, sem se ater meramente ao cumprimento de uma legislação; busca valorizar a capacidade de aprendizado e criação de seus alunos, ampliando opções, superando o número de horas-aula; enriquece o currículo básico com novas alternativas disciplinares; programa várias atividades formativas, culturais e esportivas para todos os alunos..

Ensino Especial - Desde 2007, CEF 08 passou a ser considerado uma escola inclusiva no sistema educacional. O processo de inclusão para o aluno em situação de deficiência não difere dos processos utilizados para outros alunos. Estes alunos são adaptados, em parte, para oportunizar a formação educacional, que propiciará de forma natural a inclusão do aluno no meio sócio – cultural, socioeducacional e socioprofissional, cabendo ao mesmo e à família um percentual de participação, para ampliar a formação adquirida durante sua vivência.

A inclusão tem como finalidade oferecer métodos adaptados que auxiliarão na aprendizagem do aluno com necessidades educacionais especiais, por meio de ações multidisciplinares e participação em conjunto com Programas e outras áreas do Sistema Educacional, o atendimento ao aluno com deficiência constará de ações básicas e iniciais, que oportunizarão a inclusão do aluno, dando continuidade ao processo de ensino e de aprendizagem.

MATRIZ CURRICULAR DO ENSINO FUNDAMENTAL DE 8 ANOS– SÉRIES INICIAIS

| Instituição: SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL | | |
|--|--------------------------|----------------|
| Etapa: Ensino Fundamental de 8 anos – Séries Iniciais | | |
| Regime: Anual | | |
| Módulo: 40 semanas | | |
| Turno: Diurno | | |
| PARTES DO CURRÍCULO | COMPONENTES CURRICULARES | SÉRIE |
| | | 4 ^a |
| BASE NACIONAL COMUM | Língua Portuguesa | X |
| | Educação Física | X |
| | Arte | X |
| | Matemática | X |
| | Ciências | X |
| | História | X |
| | Geografia | X |
| PARTE DIVERSIFICADA | Ensino Religioso | X |
| CARGA HORÁRIA SEMANAL (hora-relógio) | | 25 |
| CARGA HORÁRIA ANUAL (hora-relógio) | | 1.000 |
| <p>Observações:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Módulo-aula de 60 (sessenta) minutos. 2. O dia letivo é composto por 5 (cinco) horas-relógio. 3. O horário de início e término do período letivo é definido pela Instituição Educacional. 4. O intervalo é de 15 (quinze) minutos. | | |

MATRIZ CURRICULAR DO ENSINO FUNDAMENTAL DE 9 ANOS– SÉRIES INICIAIS

| Instituição: SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL | | |
|--|--------------------------|-------|
| Etapa: Ensino Fundamental de 9 anos – Anos Iniciais | | |
| Regime: Anual | | |
| Módulo: 40 semanas | | |
| Turno: Diurno | | |
| PARTES DO CURRÍCULO | COMPONENTES CURRICULARES | ANO |
| | | 4º |
| BASE NACIONAL COMUM | Língua Portuguesa | X |
| | Educação Física | X |
| | Arte | X |
| | Matemática | X |
| | Ciências | X |
| | História | X |
| | Geografia | X |
| PARTE DIVERSIFICADA | Ensino Religioso | X |
| CARGA HORÁRIA SEMANAL (hora-relógio) | | 25 |
| CARGA HORÁRIA ANUAL (hora-relógio) | | 1.000 |
| <p>Observações:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Módulo-aula de 60 (sessenta) minutos. 2. O dia letivo é composto por 5 (cinco) horas-relógio. 3. O horário de início e término do período letivo é definido pela Instituição Educacional. 4. O intervalo é de 15 (quinze) minutos. | | |

MATRIZ CURRICULAR DO ENSINO FUNDAMENTAL DE 8 ANOS – SÉRIES FINAIS

MATUTINO

| Instituição: SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL | | | | |
|--|--|-----------------------------|-----------------------|-------|
| Etapa: Ensino Fundamental de 8 anos – Séries Finais | | | | |
| Modalidade: Regular | | | | |
| Regime: Anual | | | | |
| Módulo: 40 semanas | | | | |
| Turno: Diurno | | | | |
| PARTES DO CURRÍCULO | ÁREAS DO CONHECIMENTO | COMPONENTES CURRICULARES | CARGA HORÁRIA SEMANAL | |
| | | | SÉRIES | |
| | | | 5ª | 6ª |
| BASE NACIONAL COMUM | Linguagens, Códigos e suas Tecnologias | Língua Portuguesa | 5 | 5 |
| | | Arte | 2 | 2 |
| | | Educação Física | 3 | 3 |
| | Ciência da Natureza, Matemática e suas Tecnologias | Matemática | 5 | 5 |
| | | Ciências Naturais | 4 | 4 |
| | Ciências Humanas e suas Tecnologias | História | 3 | 3 |
| | | Geografia | 3 | 3 |
| | Parte Diversificada | Língua Estrangeira - Inglês | 2 | 2 |
| | | Ensino Religioso | 1 | 1 |
| Agroecologia | | 2 | 2 | |
| Total de módulos-aula semanais | | | 30 | 30 |
| Total da carga horária semanal (hora/relógio) | | | 25 | 25 |
| Total Semestral (hora/relógio) | | | 500 | 500 |
| Total Anual (hora/relógio) | | | 1.000 | 1.000 |
| Observações: | | | | |
| 1. Módulo-aula de 50 (cinquenta) minutos. | | | | |

2. O horário de início e término do período letivo é definido pela Instituição educacional.
3. O intervalo é de 15 minutos.
4. Dois módulos-aula da Parte Diversificada são de escolha da IE, definidos pela comunidade escolar e contidos na Proposta Pedagógica, sendo desenvolvidos por meio de Projeto(s) Interdisciplinar(es).
5. Caso a IE não tenha aluno(s) optante(s) pelo componente curricular Ensino Religioso, a carga horária a ele destinada deverá ser preenchida por um Projeto Interdisciplinar, contido na Proposta Pedagógica.

MATRIZ CURRICULAR DAS CLASSES DE ACELERAÇÃO DE APRENDIZAGEM

MATUTINO – 5ª e 6ª séries

| Instituição: SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL Etapa: Ensino Fundamental – Séries Finais Modalidade: Classe de Aceleração de Aprendizagem Regime: Modular Módulo: 40 semanas Turno: Diurno | | | |
|--|--|-----------------------------|-----------------------|
| PARTES DO CURRÍCULO | ÁREAS DO CONHECIMENTO | COMPONENTES CURRICULARES | CARGA HORÁRIA SEMANAL |
| BASE NACIONAL COMUM | Linguagens, Códigos e suas Tecnologias | Língua Portuguesa | 5 |
| | | Arte | 2 |
| | | Educação Física | 3 |
| | Ciência da Natureza, Matemática e suas Tecnologias | Matemática | 5 |
| | | Ciências Naturais | 3 |
| | Ciências Humanas e suas Tecnologias | História | 3 |
| | | Geografia | 3 |
| | Parte Diversificada | Língua Estrangeira - Inglês | 2 |
| Projeto Valores | | 1 | |
| Agroecologia – Projeto Ver de Perto | | 2 | |
| Informática | | 1 | |
| Total da carga horária semanal (hora/relógio) | | | 30 |
| Total da carga horária semestral (hora/relógio) | | | 25 |
| Total de horas (hora/relógio) | | | 1000 |
| Observações: 1. Módulo-aula de 50 (cinquenta) minutos. 2. O horário de início e término do período letivo é definido pela Instituição educacional. 3. O intervalo é de 15 minutos. | | | |

MATRIZ CURRICULAR DAS CLASSES DE ACELERAÇÃO DE APRENDIZAGEM

MATUTINO – 6ª e 7ª séries

| Instituição: SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL Etapa: Ensino Fundamental – Séries Finais Modalidade: Classe de Aceleração de Aprendizagem Regime: Modular Módulo: 40 semanas Turno: Diurno | | | |
|--|--|-----------------------------|-----------------------|
| PARTES DO CURRÍCULO | ÁREAS DO CONHECIMENTO | COMPONENTES CURRICULARES | CARGA HORÁRIA SEMANAL |
| BASE NACIONAL COMUM | Linguagens, Códigos e suas Tecnologias | Língua Portuguesa | 6 |
| | | Arte | 2 |
| | | Educação Física | 3 |
| | Ciência da Natureza, Matemática e suas Tecnologias | Matemática | 7 |
| | | Ciências Naturais | 3 |
| | Ciências Humanas e suas Tecnologias | História | 2 |
| | | Geografia | 2 |
| | Parte Diversificada | Língua Estrangeira - Inglês | |
| Projeto Valores | | | 1 |
| xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx | | Xxxx | |
| Informática | | 1 | |
| Total da carga horária semanal (hora/relógio) | | | 30 |
| Total da carga horária semestral (hora/relógio) | | | 25 |
| Total de horas (hora/relógio) | | | 1000 |
| Observações: 4. Módulo-aula de 50 (cinquenta) minutos. 5. O horário de início e término do período letivo é definido pela Instituição educacional. 6. O intervalo é de 15 minutos. | | | |

MATRIZ CURRICULAR DE EJA PRESENCIAL

| | | | | | | | | | | |
|--|---|-----------------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| Instituição: SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL Etapa: 2º Segmento da Educação de Jovens e Adultos – Ensino Fundamental – Séries/anos Finais Regime: Semestral Módulo: 20 semanas Turno: Noturno | | | | | | | | | | |
| ÁREAS DO CONECIMENTO | | COMPONENTES CURRICULARES | 1º semestre | | 2º semestre | | 3º semestre | | 4º semestre | |
| | | | H/A Semestral |
| BASE NACIONAL COMUM | Linguagens, Códigos e suas Tecnologias | Língua Portuguesa | 5 | 100 | 5 | 100 | 5 | 100 | 5 | 100 |
| | | Educação Física | 1 | 20 | 1 | 20 | 1 | 20 | 1 | 20 |
| | | Arte | 2 | 40 | 2 | 40 | 2 | 40 | 2 | 40 |
| | Ciências da natureza, matemática e suas Tecnologias | Matemática | 5 | 100 | 5 | 100 | 5 | 100 | 5 | 100 |
| | | Ciências Naturais | 4 | 80 | 4 | 80 | 4 | 80 | 4 | 80 |
| | Ciências Humanas e suas Tecnologias | História | 3 | 60 | 3 | 60 | 3 | 60 | 3 | 60 |
| | | Geografia | 3 | 60 | 3 | 60 | 3 | 60 | 3 | 60 |
| PARTE DIVERSIFICADA | | Língua Estrangeira – Inglês | 1 | 20 | 1 | 20 | 1 | 20 | 1 | 20 |
| | | XXXXXXXXXXXXX | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Total de módulos/aula semanais | | | 25 | | 25 | | 25 | | 25 | |
| Total de horas semanais | | | 20 | | 20 | | 20 | | 20 | |
| Total de horas semestrais (hora-relógio) | | | 400 | | 400 | | 400 | | 400 | |
| Total De horas do segmento (hora-relógio) | | | 1600 | | | | | | | |
| Observações: <ol style="list-style-type: none"> 1. Para ser matriculado no segmento seguinte, o aluno deverá ter concluído o segmento anterior. 2. Cada semestre corresponde a 100 dias letivos. 3. Os três primeiros módulos-aula terão a duração de 50 (cinquenta) minutos e os dois últimos, de 45 (quarenta e cinco) minutos. 4. O horário de início e término do período letivo é definido pela Instituição educacional. 5. O intervalo é de 15 (quinze) minutos. 6. O aluno que não for optante pelo ensino religioso terá mais uma hora-aula de língua estrangeira. | | | | | | | | | | |

MATRIZ CURRICULAR DA EDUCAÇÃO ESPECIAL PARA CURRÍCULO FUNCIONAL

| Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal Curso: Currículo Funcional da Educação Especial Modalidade: Educação especial Regime: Anual Módulo: 40 semanas Turno: Diurno | | | |
|--|-----------------------------|---|---|
| Contexto | Dimensão do Apoio | Áreas de Conhecimento | Aspectos de Avaliação do Apoio |
| Familiar – Escolar – Comunitário - Ocupacional | Funções Intelectuais | <ul style="list-style-type: none"> • Percepção • Raciocínio Lógico matemático • Organização do pensamento • Análise e síntese • Compreensão de idéias • Conhecimento de mundo e aprendizagem formal • Generalização de conhecimentos | <ul style="list-style-type: none"> • Capacidade para compreender o ambiente e reagir a ele adequadamente com base nos conhecimentos construídos. • Capacidade de planejar e solucionar problemas e aplicação na atividade prática |
| | Comportamento Adaptativo | <ul style="list-style-type: none"> • Habilidades Conceituais | <ul style="list-style-type: none"> • Relacionadas aos aspectos acadêmicos, cognitivos e de comunicação. Ex: Linguagem, leitura e escrita, conceitos matemáticos |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • Habilidades Sociais | <ul style="list-style-type: none"> • Relacionadas à competência Social Ex: Habilidades interpessoais, responsabilidade, auto-estima • Observância de normas de conduta, regras e leis, evitação de vitimização |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • Habilidades Práticas de vida autônoma e independente | <ul style="list-style-type: none"> • Relacionadas à vida autônoma e independente. Ex: • Atividades de cuidado pessoal na vida diária, atividades instrumentais de vida, habilidades ocupacionais e segurança no ambiente. |
| | | <ul style="list-style-type: none"> • Comunicação | <ul style="list-style-type: none"> • Considera os contextos típicos de seu grupo etário consistentes com a |

| | | | |
|--------------------------------|--|--|---|
| | <p>Formação da identidade pessoal, social e cultural</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Participação • Interação • Vivência de Papéis sociais • Expressão artística • Capacidade criadora • Exercício da cidadania | <p>diversidade cultural e lingüística da pessoa, construindo espaços que possibilitam sua participação, interações sociais que refletem a qualidade de seu engajamento em seu ambiente e exercício de sua cidadania.</p> |
| | <p>Funções Psicomotoras</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Esquema corporal • Equilíbrio • Coordenação dinâmica geral • Coordenação motora • Orientação espaço-temporal • lateralidade | <ul style="list-style-type: none"> • Considera o desenvolvimento integral do ser, articulando corpo, movimento emente de forma a favorecer a comunicação e • Expressão de seus pensamentos, desejos e necessidades. |
| Total de carga Horária Semanal | | 25 horas | |
| Total Anual | | 1000 horas | |

PROJETOS

CID VOLEI – Projeto implantado nesta Instituição de ensino em 2008, o Centro de Iniciação Desportiva – CID, tem o objetivo de proporcionar o desenvolvimento biológico, social, psicológico e também cultural do desporto na Rede Oficial de Ensino do Distrito Federal. O CID desenvolve atividades básicas de aprendizagem desportiva, inclusive iniciação e aperfeiçoamento e conhecimentos de regras, entre outras. Através desses programas o aluno ao retornar ao estabelecimento de ensino poderá contribuir para a melhora do processo ensino-aprendizagem e com a execução de eventos desportivos. Pela própria característica de atendimento, o CID se constitui na integração entre a educação física curricular desenvolvida nos estabelecimentos de ensino da Rede Oficial de Ensino e as competições desportivas realizadas a nível local, regional e nacional, sendo hoje a única via de formação e qualificação do aluno da rede pública de ensino do Distrito Federal.

Conhecendo-se a importância da inserção do desporto nas escolas e fortalecimento dos Estabelecimentos de Ensino no âmbito esportivo, o CID tornou-se um instrumento significativo que esta Escola dispõe para o desenvolvimento de projetos sócio-educacionais, cujo trabalho vem contribuindo para a ocupação produtiva dos nossos alunos, redução da ociosidade e, conseqüentemente, diminuição da marginalidade. Além disso, o CID, tem atendido também os alunos da Escola Integral deste Estabelecimento de Ensino.

AMIGOS DO VOLEI – Parceria com a ONG – Amigos do Vôlei, criada em 1996, pelas medalhistas olímpicas Leila Barros e Ricarda Negrão para promover a inclusão social de crianças e jovens por meio do esporte. São oferecidas aulas gratuitas de voleibol em horário alternado ao da escola, com obrigatoriedade da frequência regular na escola.

ESCOLA INTEGRAL – Projeto implantado em 2009 e que atenderá, em 2010, 95 alunos em aulas de reforço, atividades desportivas, lúdicas e culturais, aulas de informática e jardinagem.

VALORES – Projeto desenvolvido no turno matutino pela professora de Ensino Religioso em parceria com a sala de recursos, visando promover maior integração no ambiente escolar, além de despertar o respeito, reforçar a auto-estima e as relações sociais. Busca novas atitudes, direcionadas para idéias de justiça, cidadania, solidariedade, paz, liberdade, respeito às diferenças, ambientalismo e preservação, atendendo aos pressupostos do Decreto 28.235/2007.

PROJETO DE REFORÇO – Projeto destinado aos alunos do Ensino Fundamental, séries iniciais e finais, que apresentam dificuldades de aprendizagem não superadas no cotidiano escolar e necessitem de um trabalho mais direcionado. Nas séries finais, as aulas de reforço ocorrerão durante uma semana a cada bimestre no horário de aula do aluno. Nas séries iniciais, as aulas ocorrerão no contra turno, uma vez por semana. A cada bimestre, os professores indicarão os alunos que deverão participar do projeto, após o Conselho Preventivo.

VER DE PERTO – Projeto Interdisciplinar criado em 2004 com o objetivo de proporcionar aos alunos condições para desenvolver as habilidades básicas da Educação ambiental, levando-os a refletir, agir e interagir responsável e eficazmente aos problemas ambientais, visando a qualidade do meio. Desenvolve uma prática voltada para a formação dos alunos e comunidade escolar, troca de experiências, ações e eventos ambientais, dentro de uma perspectiva multidisciplinar.

Os alunos trabalham o tema durante o ano e, no 4º bimestre, acontece uma programação que inclui atividades culturais, como apresentações musicais, oficinas, palestras, teatro, poesia e exposição de produtos artísticos e artesanais relacionados ao tema.

EJA EM AÇÃO – Projeto desenvolvido na educação de jovens e adultos, desde 2008. São oferecidas oficinas de capacitação, transformando a escola em um espaço de compartilhamento de conhecimentos, atendendo a Lei 11.741/2008.

INTERVALO DIRIGIDO – Projeto que visa dinamizar o intervalo, fortalecendo as relações sociais, promovendo um ambiente facilitador para a permanência e o sucesso escolar do aluno., além de contribuir para minimizar/erradicar os comportamentos agressivos na escola, contribuindo desta forma para a promoção de uma cultura de paz no ambiente escolar.

CIÊNCIA EM FOCO - Programa desenvolvido na Secretaria de Educação atendendo todas as escolas de Ensino Fundamental do Distrito Federal. Utiliza metodologia voltada à aquisição de habilidades, ao desenvolvimento de competências, à construção de conhecimentos consistentes e à motivação para o aprendizado contínuo de ciências e suas tecnologias. O Programa disponibiliza materiais pedagógicos para os alunos e professores. Propõe atividades problematizadoras, onde o aluno realiza observações, formula hipóteses, resolve situações-problema, participa de debates, experimentos e produz registros. Já no terceiro ano da implementação, o Programa terá a duração até 2012, podendo ser prorrogado à critério da Secretaria de Educação.

PORTUGUÊS E MATEMÁTICA EM FOCO – Projeto da Secretaria de Educação que traz como proposta o desenvolvimento de habilidades de leitura, produção de texto, cálculo nas operações básicas e no raciocínio lógico-matemático, em ambiente virtual, para os alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental.

PROJETO DE LEITURA E ESCRITA – Destacamos os seguintes objetivos: enfatizar a função social da leitura e da escrita; apreciar a diversidade de estilos literários; utilizar a leitura como recurso metodológico para a ampliação de conhecimento de mundo; identificar na leitura fonte de prazer e entretenimento. O seu desenvolvimento será efetuado da seguinte forma: existe um cronograma para contemplar os diferentes gêneros textuais e os procedimentos que eles requerem. Textos literários: contos de fada; contos populares; fábulas; poemas; crônicas; letras de músicas; histórias de terror. Textos jornalísticos: artigos (textos de opinião);

reportagens; crônicas; resenhas; sinopses; entrevistas; carta dos leitores. Textos folclóricos: provérbios e ditados populares; adivinhações; parlendas; trava-língua; causos; mitos e lendas; lendas urbanas; mitologia grega, egípcia, etc.. Textos humorísticos: histórias em quadrinhos; anedotas. Textos publicitários: avisos; encartes; cartazes; propagandas. Textos de informação científica: notas de enciclopédia; relatos históricos; biografias. A duração será durante todo o ano letivo. Estratégias: este trabalho proporciona situações em que a linguagem oral, linguagem escrita e produção de texto se interrelacionam de forma contextualizada, são atividades propostas com regularidade, voltadas para a formação de atitudes favoráveis à leitura e a escrita. Cada gênero textual é trabalhado com leituras específicas e reescritas do texto lido, individual e coletivamente. O momento é apropriado para reflexões sobre as normas convencionais da escrita. A “Ciranda de Livros” é uma das estratégias do referido projeto. Semanalmente, os alunos levam para casa um livro da biblioteca da escola para ler e fazer atividades sugeridas pela professora. O trabalho com jornal é um valioso recurso para o desenvolvimento da leitura e da escrita das crianças. Textos significativos permitem que os alunos explorem, analisem, questionem e critiquem assuntos da sua realidade. Ouvir histórias lida em voz alta, deve ser uma prática diária em sala de aula, pois possibilita ao aluno, uma construção mais eficaz do significado do texto; leitura silenciosa; leitura em voz alta; leitura compartilhada; leitura em duplas, entre outras, são estratégias eficazes de motivação para o desenvolvimento da leitura, utilizadas durante a execução deste trabalho. A culminância se dará ao término do trabalho de cada gênero textual, deverão acontecer elaboração de mural; exposição de trabalhos realizados, etc. Os textos produzidos pelos alunos deverão ser organizados em uma pasta individual. Bibliografia: -PCN’s. Volume 2. -Ferreiro, Emília. Alfabetização em Processo. Cortez Editora. São Paulo, 1996. -Franchi, Eglê. Redação na Escola. Martins Fontes. São Paulo. 2005. -Kaufman, Ana Maria e Maria Helena Rodrigues. Escola, Leitura e Produção de textos. Artmed. Porto Alegre. 1995.

PARA GOSTAR DE MPB – Tem como objetivos: proporcionar atividades que ajudem os alunos a gostar de MPB; aumentar o repertório musical dos alunos; apreciar diferentes ritmos e gêneros musicais; entender a música como produto cultural e

histórico e sua influência na vida das pessoas; perceber os músicos como agentes sociais, trabalhando suas biografias. Seu desenvolvimento será uma pesquisa sobre MPB, deverá ser a primeira estratégia para o desenvolvimento deste trabalho. Depois da apresentação das pesquisas, discussões serão importantes para a organização do trabalho, que deverá ser realizado por meio do estudo sobre a evolução da MPB. O assunto será desenvolvido conforme os acontecimentos distribuídos por décadas: o que era a MPB no período colonial; no início do século XX, na década de 1920 e 1930 com a popularização do rádio até os dias de hoje. Este trabalho tem como proposta ajudar a desenvolver o gosto pela MPB. “... acolhendo-a, contextualizando-a e oferecendo acesso às obras que possam ser significativas para o seu desenvolvimento pessoal em atividades de apreciação e produção.” PCN’s volume 6, página 75. Duração de 4 meses. A culminância será com apresentações e karaokês.

FESTA DA FAMÍLIA – Projeto desenvolvido anualmente com a finalidade de aproximar escola/comunidade.

FESTA JUNINA – Momento de lazer, socialização da comunidade escolar com a vizinhança. Possibilita a realização de trabalho coletivo e ações cooperativas, capaz de envolver todos os segmentos da comunidade escolar. Acontece no início do mês de julho e é antecedido por atividades pedagógicas e arrecadação de gêneros alimentícios através de gincana.

ESCOLA INTEGRAL – O projeto iniciou-se no segundo semestre de 2010. A Escola Integral é destinada aos alunos do 6º e 7º anos que frequentam o ensino regular pela manhã.

Objetivos da Escola Integral (CEF 08 Guará):

a) ampliar o tempo de permanência do aluno na escola, criando oportunidades de aprendizagens para todos com novas metodologias;

- b) oportunizar momentos de estudo, lazer e relaxamento;
- c) desenvolver atitudes e valores (aulas de Ética) como respeito, compromisso e amizade;
- d) proporcionar atividades educativas diversas por meio de oficinas: artesanato, informática, jardinagem/horta, esporte (vôlei), recreação;
- e) possibilitar ambiente adequado e assistência necessária para a realização de suas tarefas, estudos e aulas de reforço.

A proposta das oficinas está centrada em uma rotina planejada, dinâmica e prazerosa, possibilitando uma maior sociabilidade entre os alunos para que vivenciem com alegria o tempo de permanência na escola.

A Educação Integral no Centro de Ensino Fundamental 08 visa sobretudo, levar o aluno a descobrir suas potencialidades de integração social e cultural, além de oferecer oportunidades para o conhecimento das capacidades e habilidades dos integrantes do grupo.

INFORMÁTICA – A implantação do Projeto de informática visa atender mais uma das exigências da sociedade atual, Com características mais tecnológicas especialmente referindo-se à comunicação, à informação e ao conhecimento específico globalizado. Pretende-se por meio desta proposta fazer com que o computador assuma o papel de auxiliar no desenvolvimento escolar e que o aluno possa familiarizar-se com seu uso, através do emprego de aplicativos disponíveis na máquina, nos softwares educativos e na internet. As atividades no laboratório de informática serão desenvolvidas pelo professor regente, mediadas por uma coordenadora, que em horário de coordenação, elaborarão conjuntamente as atividades a serem trabalhadas.

Com os alunos da escola integral e das turmas de aceleração será desenvolvido o projeto On-Line, que objetiva promover a articulação entre os conteúdos trabalhados em sala de aula por meio de pesquisas realizadas na WEB.

Com a educação especial será desenvolvido o projeto Iniciando a Alfabetização com a DI, procurando desenvolver a coordenação viso-motora por meio de recursos tecnológicos, direcionando-a para a pré-alfabetização e o reconhecimento das figuras geométricas. E ainda, o projeto InformAção, para a turma de transtorno global do desenvolvimento, que busca utilizar o laboratório de informática com os alunos portadores AEE, Transtorno Global do Desenvolvimento, oportunizando meios de contato com as Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs (Internet, Word, CDs room, programas pedagógicos, Paint) como ferramentas de apoio pedagógico.

Em Ética será desenvolvido o Projeto Resgatando Valores, buscando trabalhar o aluno para que ele se reconheça como um ser social, em direito/deveres, tornando-o um cidadão capaz de conviver em harmonia com as diferenças, respeitando os limites de convivência social, tendo como princípio básico, o respeito e o amor ao próximo.

O Projeto Português e Matemática em Foco, da SEE/DF, visa desenvolver as capacidades de leitura e de produção de texto, especialmente em ambiente virtual e ainda, trabalhar com o cálculo matemático como parte integrante da história do pensamento humano.

Nas turmas de aceleração, funcionará sob a orientação dos professores regentes das turmas regulares que orientarão os alunos nas pesquisas a serem realizadas no laboratório

HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRAS E INDÍGENA – Projeto idealizado pela equipe de professores do CEF 08, visando o cumprimento da Lei 11.645/08, o resgate e a valorização das histórias e culturas afro-brasileira e indígena. Trata-se de um conjunto de atividades de reflexões, expressões e produções que reconhecem e valorizam duas importantes matrizes da sociedade brasileira. O projeto propõe uma mostra de interdisciplinaridade, talento e cidadania: danças, artesanato, fotografias, textos, músicas, capoeira e desfile.

CAPÍTULO VI

PROCESSOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM E DE SUA EXECUÇÃO

“O ato de avaliar a aprendizagem implica em Acompanhamento e reorientação permanentes. Ela se realiza através de um ato rigoroso e diagnóstico de reorientação da aprendizagem tendo em vista a obtenção dos melhores resultados possíveis, frente aos objetivos que se tenha à frente” (Cipriano Carlos Luckesi)

A avaliação não deve ser um processo que se cumpre em datas específicas do calendário escolar, que visa somente à verificação da aprendizagem dos conteúdos vistos durante um determinado bimestre, mas algo contínuo, formativo, processual e interdisciplinar. Ela deve servir para diagnosticar, identificar o que está falho no processo ensino aprendizagem, promover mudanças a partir de uma análise crítica, perceber em que ponto da aprendizagem o grupo ou o aluno individualmente se encontra.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental a avaliação será formativa. Desta forma, o professor realizará a observação, acompanhamento das atividades individuais e coletivas e o devido registro do desenvolvimento do aluno. Essencialmente diagnóstica e contínua, permite a constatação dos avanços obtidos pelo aluno e o (re) planejamento docente, considerando as dificuldades enfrentadas no processo e a busca de soluções. Os resultados das avaliações são registrados sob a forma de relatórios individuais discursivos, repassados aos pais ao final de cada bimestre. A recuperação de objetivos não alcançados, ocorre de forma paralela ao desenvolvimento curricular, por meio de atividades diversificadas, reforço no turno contrário e atendimento individual. Para os alunos defasados em idade-série será adotado o Projeto Interventivo.

Nos anos finais do Ensino Fundamental, a avaliação será diversificada, utilizando pesquisas, relatórios, questionários, testes, dramatizações, dentre outros recursos, prevalecendo os aspectos qualitativos sobre os quantitativos.

O valor atribuído às provas/testes será equivalente a 50% da nota de cada bimestre. Deveres de casa, relatórios, pesquisas, assiduidade, participação, observação, auto-avaliação e outras atividades previamente definidas pelos professores, equivalem aos outros 50%.

A recuperação será realizada ao longo do processo como parte integrante do processo de ensino e de aprendizagem, no desenvolvimento das aulas regulares e através do Projeto de Recuperação – “Resgate do Saber” que, neste ano, será realizado no horário das aulas, uma semana a cada bimestre; Todos os alunos terão direito a estudos de reforço e recuperação, quando seu aproveitamento for considerado insatisfatório. Caberá a cada aluno a responsabilidade com a realização das atividades definidas pelo professor(a).

A Progressão Parcial com Dependência ocorrerá para o prosseguimento dos estudos dos alunos com rendimento insatisfatório em até dois componentes curriculares e que tenham pelo menos 75% de frequência às aulas. Os alunos que estão em dependência, realizarão as atividades em turno contrário ao turno regular de sua aula. O período de realização da dependência é de abril a novembro. São feitas avaliações que tem seus resultados registrados em relatórios, que são encaminhados à secretaria quando o aluno apresenta resultado satisfatório para sua aprovação. O aproveitamento de estudos e a adaptação são realizados por meio da análise da documentação de comprovação de escolaridade apresentada pelo aluno.

A adaptação é feita mediante trabalhos, pesquisas, projetos, devendo ser concluída até o término dos estudos do nível de ensino que o aluno estiver cursando. A promoção do aluno dar-se-á regularmente ao final do ano letivo, considerado aprovado aquele que obtém média final igual ou superior a 5,0 (cinco) em cada componente curricular.

Para a Educação de Jovens e Adultos, a avaliação será realizada ao longo década semestre e, para a aprovação, o aluno deverá cumprir, no mínimo 75% de presença. O Semestre corresponde a 100 dias letivos

A avaliação do aluno com deficiência física ou mental será feita através de estratégias diferenciadas, condizentes com suas possibilidades, assegurando – lhe plenas condições para demonstrar o domínio do conteúdo e o nível de aprendizagem dos componentes curriculares. Será feita de forma flexível levando em consideração as necessidades individuais de cada aluno, compensando ou atenuando suas dificuldades para escrever ou falar, mediante a utilização de recursos que venham facilitar a avaliação. Quando necessário, será feita a adaptação curricular como recurso necessário para garantir o acesso e o sucesso escolar dos alunos com necessidades educacionais especiais.

O período de execução desta proposta inicia-se e se finda juntamente com o período letivo de 2010. Assim, as alterações dar-se-ão à medida que as necessidades de mudança forem sendo detectadas, mediante diagnósticos e na observância do desempenho e participação dos professores, alunos e comunidade.

CAPÍTULO VII

ESTRATÉGIAS PARA IMPLEMENTAÇÃO:

RECURSOS FÍSICOS, DIDÁTICO-METODOLÓGICOS, PESSOAL DOCENTE, DE SERVIÇOS ESPECIALIZADOS E DE APOIO

DIREÇÃO – A equipe de direção é composta de dois cargos comissionados: diretora e vice-diretora e cinco funções gratificadas: supervisores pedagógicos, diurno e noturno, supervisores administrativos, diurno e noturno e chefe de secretaria. Os cargos de direção, de vice-direção e as funções de supervisão pedagógica são

exercidos por professores e a função de supervisores administrativos e chefe de secretaria são exercidas por profissionais da carreira de assistência.

CONSELHO ESCOLAR - O Conselho Escolar é formado por vários segmentos como: alunos, pais, professores, comunidade e auxiliares. Estes membros são escolhidos através de um processo eletivo onde toda comunidade é convocada para elegê-los. Estes membros atuam em todas as decisões pedagógicas e administrativas que ocorrem dentro e ao redor da escola.

CAIXA ESCOLAR - A caixa escolar é uma entidade auxiliar da escola, sem fins lucrativos, desenvolve o trabalho de gerir a aplicação dos recursos oriundos do Poder Público, dentre outras funções, auxiliando e enriquecendo as ações da escola. Os membros são escolhidos através de processo eleitoral, onde toda a comunidade escolar participa.

Esta instituição recebe anualmente duas verbas: uma do Governo Federal que é a do FNDE - PDDE e outra do Governo do Distrito Federal que é o PDAF.

O objetivo da assistência financeira é a de melhora da infra-estrutura física e pedagógica, o reforço da auto-gestão escolar nos planos financeiro, administrativo e didático e a elevação dos índices de desempenho da educação básica.

Os recursos do programa são transferidos de acordo com o número de alunos extraído do Censo escolar no ano anterior ao do repasse, e destinam-se à cobertura de despesas de custeio, manutenção e pequenos investimentos, devendo ser empregados:

- I - na aquisição de material permanente, quando receberem recursos de capital;
- II - na manutenção, conservação e pequenos reparos da unidade escolar;
- III -na aquisição de material de consumo necessário ao funcionamento da escola;
- IV – na avaliação da aprendizagem;
- V – na implementação de projeto pedagógico;
- VI – no desenvolvimento de atividades educacionais;
- VII – na implementação do Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE Escola);
- VIII – no funcionamento das escolas nos finais de semana;
- IX – na promoção da Educação Integral.

Estratégias de implementação dos recursos físicos

| Dependências | Quantidade | Adequado | Inadequado | O que está inadequado? |
|-------------------------------|------------|----------|------------|--|
| Direção | 1 | X | | |
| Sala do administrativo | 1 | | X | Espaço reduzido |
| Secretaria | 1 | X | | |
| Sala dos professores | 1 | X | | |
| Coordenação | 1 | X | | |
| Mecanografia | 1 | X | | |
| Orientação Educacional | 1 | | X | Espaço pequeno e dividido entre o SOE, Equipe de Apoio á Aprendizagem e Sala de recursos (DA) |
| Banheiro p/ professores | 1 | X | | |
| Biblioteca | 1 | | X | Acervo deficitário; Falta de espaço adequado, necessidade de melhoria no <i>lay out</i> , excesso de livros didáticos não utilizados |
| Depósito | 1 | | X | Espaço muito reduzido |
| Laboratório de Informática | 1 | X | | |
| Sala ambiente Ciência em foco | 1 | X | | |
| Salas de aulas | 16 | | X | Ventiladores antigos e |

| | | | | |
|--------------------------|---|---|---|--|
| | | | | com necessidade de constantes reparos, cadeiras universitárias e carteiras misturadas, piso irregular e fiação do ventilador exposto |
| Copa/sala dos servidores | 1 | | X | Mobiliário muito antigo e freezer ocupando muito espaço |
| Banheiro dos alunos | 2 | | X | Problemas constantes com pichações e azulejo soltando. |
| Quadra de esporte | 1 | | X | Necessidade de cobertura |
| Pátio descoberto | 1 | | X | Necessidade de nivelamento do piso. |
| Cantina | 1 | | X | Muito pequena para atender a Escola Integral e geladeira muito antiga |
| Sala de recursos | 1 | X | | |

CONSELHO DE CLASSE - O Conselho de Classe é o momento de análise e reflexão de postura pedagógica. Será designado pelo diretor e será composto por professores de cada série, que terão incumbência de avaliar e tomar decisões relativas à parte pedagógica, da vida escolar dos alunos, bem como reunir-se com os pais, para dar-lhes informações sobre o desenvolvimento dos alunos. Haverá, ainda o Conselho de Classe preventivo que terá o objetivo de detectar, prevenir e buscar soluções para possíveis problemas de aprendizagem.

Sempre que necessário, será convocado o Conselho de classe participativo com o objetivo de resolver problemas específicos de turma. Participarão alunos, professores, pais e direção.

EQUIPE ESPECIALIZADA DE APOIO À APRENDIZAGEM – A Equipe atua na escola às terças feiras assessorando a prática pedagógica e o acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem em suas perspectivas preventiva, institucional e interventiva sempre em articulação com a coordenação, supervisão pedagógica, orientação educacional e sala de recursos.

SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL (SOE) – Participa do processo de elaboração e execução do Projeto Pedagógico;

- Participa do Conselho de Classe;
- Promove e ministra palestra para comunidade escolar;
- Trabalha o sentido dos valores na vida do aluno, para integração no convívio social;
- Realiza atividades interagindo a comunidade escolar dentro das experiências das relações sociais;
- Desenvolve atividades de caráter preventivo e orientador;
- Realiza ações visando identificar as dificuldades do aluno, auxiliando o professor quanto aos aspectos, do ensino e aprendizagem;
- Promove oficinas pedagógicas/grupos de vivências para professores, alunos e família, abordando tema pertinentes a: disciplina, valores, hábitos de estudos, comunidade, profissão, saúde, sexualidade, diversidade, bullying, cidadania.
- Encaminha os alunos para outros profissionais, caso necessário, e subsidiar as ações pertinentes;
- Realiza atendimentos individuais ou de grupos aos alunos acompanhados;
- Auxilia e orienta aos professores e famílias dos alunos;
- Acompanha estágios supervisionados na área de Orientação Educacional;
- Participa da formação continuada promovida pela Secretaria de Educação do DF;
- Participa das coordenações coletivas e encontros promovidos pela Secretaria de Educação do DF;
- Participa do Conselho de classe preventivo;

- Identifica os fatores que interferem no processo ensino-aprendizagem;
- Coordena ações voltadas para a orientação sexual, a prevenção ao uso de drogas e a garantia do cumprimento do Estatuto da Criança e do adolescente;
- Coordena o processo de eleição do representante de turma.

SALA DE RECURSOS - A sala atende modalidades especializadas conforme sua destinação e o tipo de deficiência do aluno e nível de escolarização. Pode trabalhar com material adaptado e equipamentos especializados ou contar apenas com o material ensino – aprendizagem, usualmente utilizado nas salas de aula. Deve suprir as orientações normativas (legais) pertinentes à área de Educação Especial.

O professor da sala de recursos deve ministrar as complementações específicas, quando indicados, e fazê-lo no turno contrário ao horário das aulas regulares, preferencialmente em pequenos grupos formados conforme as necessidades e peculiaridades dos alunos.

O aluno é atendido na sala de recurso em horário contrário de suas aulas, duas vezes por semana, por cerca de duas horas (horário flexibilizado conforme necessidade do aluno). Este atendimento pode ser em grupo ou individualizado, conforme o caso.

A partir da 5ª série os alunos amparados pela Resolução CNE/CEB nº 02/2001, são atendidos no próprio turno de regência, nos horários vagos.

Os recursos e adaptações de acesso ao currículo são providenciados pelos professores da Sala de Recursos bem como as intervenções que não são pertinentes aos profissionais da sala de aula.

RECURSOS FÍSICOS

Elementos Humanos:

- Número de Profissionais na Equipe Gestora: 06
- Número de Orientadores Educacionais: 02

- Número de Professores efetivos: 35
- Número de Professores com Contrato Temporário: 09
- Número de professores que atuam no CID: 01
- Número de professores coordenadores:: 04
- Número de profissionais itinerantes na Equipe de Apoio à Aprendizagem: 01
- Número de profissionais na Sala de Recursos: 05
- Número de professores intérprete de libras: 02
- Número de professores readaptados: 09
- Número de Profissionais na Sala de Informática: 01
- Número de Profissionais na Biblioteca: 03
- Número de Profissionais na Mecanografia: 02
- Número de Profissionais na Secretaria: 05
- Número de Profissionais na Cantina: 04
- Número de Funcionários de bolsista: 01
- Número de profissionais auxiliares de educação: 10
- Número de vigias: 04
- Número de profissionais Agente de portaria: 03
- Número de Monitores: 01
- Total de alunos: 833
- Total de alunos no matutino: 424

- Total de alunos no vespertino: 87
- Total de alunos do noturno: 322
- Total de alunos nas classes de aceleração (matutino): 77
- Total de alunos Ensino Especial – Deficiência mental: 06
- Total de alunos nas turmas de TGD: 02
- Total de alunos atendidos pela Equipe de Apoio à Aprendizagem: 23
- Salas de aula exclusivas para alunos TGD: 01

DIREÇÃO

- 01 Diretora
- 01 vice-diretora
- 02 Supervisores Administrativos
- 02 Supervisores Pedagógicos
- 01 Chefe de secretaria

Elementos físicos

- 14 Salas de aulas
- 01 Sala de Coordenação Pedagógica
- 01 Sala de Professores
- 01 Sala para a Equipe de Apoio à aprendizagem, para o Serviço de Orientação Educacional e atendimento aos alunos Deficientes auditivos;
- 02 Sala de Recursos
- 01 Biblioteca
- 01 Quadra esportiva descoberta

- 01 Guarita
- 01 Pátio aberto
- 01 Banheiros para portadores de deficiência
- 02 Banheiros para uso do supletivo
- 02 Banheiros para uso dos alunos do ensino fundamental
- 02 Banheiros para uso dos professores
- 02 Banheiro para uso dos funcionários
- 01 Cantina
- 01 Sala dos Supervisores Administrativos
- 01 Direção
- 01 Sala para auxiliares da educação
- 01 Depósito
- 01 Sala para Laboratório de Informática
- 01 Mecanografia
- 01 Secretaria
- 01 Sala ambiente para o Programa Ciência em Foco
- 01 Estacionamento interno

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. *Informática e formação de professores*. MEC. Vol I e II. 2000.

ARROYO, Miguel. *Os caminhos e descaminhos de um projeto pedagógico*. Rio de Janeiro. IEDITORIA, 2001.

ARROYO, Miguel. Prática pedagógica e currículo - Simpósio do VIII ENDIPE. Florianópolis, INEP,1996.

CONSELHO NACIONAL DE SECRETARIOS DE EDUCAÇÃO. Programa de Capacitação a Distância para Gestores Escolares. Módulo III, Brasília, 2001

COSTA, Marisa Vorraber. O currículo nos limiares do conhecimento. RJ, DP&A,1998.

DEMO, Pedro. Desafios da democracia na escola. In Presença Pedagógica, v.4, nº 21, maio/jun-98, PP.19-27.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988.

EVARISTO, Clerton Oliveira. Gestão, autonomia e projeto na escola pública: de grupo objeto à grupo sujeito. Brasília, UnB, 2001.

FREITAS, Luiz Carlos. Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática. Campinas. Ed. Papirus. 1995.

GODOFREDO, Vera Lúcia Flor Senechal de. A Escola como espaço inclusivo. Educação Especial.: tendências atuais. Série educação A Distância. Brasília, 1999.

GRISPLIN, Miriam P.S. A orientação educacional: conflito de paradigmas e alternativas para a escola. SP, Cortez, 2001.

HERNANDEZ, Fernando. Os projetos de trabalho e a necessidade de transformar a escola. (artigo I) In Presença Pedagógica, v. 4, nº 20, mar/abr 1998,PP. 53-58.

LEI 93394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MANTOAN, Maria Tereza Egler. A integração de pessoas com deficiências. SP. SENAC. 1997.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN)

PARECER nº 04/98 CEB/CNE

PARECER nº 15/98 CEB/CNE

PARECER nº 62/99 CE/DF

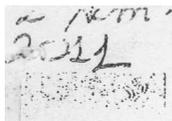
PARECER nº 212/2006 CEB/CNE

Proposta Curricular da Rede Pública de Ensino do DF

Regimento Escolar das Escolas da Rede Pública de Ensino do DF

VEIGA, Ilma Passos A. *Projeto político pedagógico da escola – uma construção possível.* Papyrus editora, Campinas-SP, 1995.

ANEXO 6 – CURRÍCULO 1ª SÉRIE DA EJA

**LÍNGUA PORTUGUESA**
1º SEGMENTO/ ENSINO FUNDAMENTAL - ETAPAS INICIAIS - 1ª ETAPA

| | | HABILIDADES | CONTEÚDOS |
|------|---|--|--|
| to e | Apropriação e compreensão da natureza alfabética do sistema de escrita | <ul style="list-style-type: none">Diferenciar letras de números e outros símbolos gráficos (setas, asteriscos, sinais matemáticos etc.).Identificar a funcionalidade da escrita (registro) e a relação que ela mantém com as imagens, ou como produto que nomeiam.Conhecer o uso da escrita na cultura escolar.Saber utilizar objetos da escrita presentes na cultura escolar.Distinguir e valorizar diferenças entre os padrões da linguagem oral e escrita.Reconhecer o uso social da escrita, valorizando a escrita como prática de interação social.Identificar as direções da escrita (da esquerda para direita, de cima para baixo).Compreender a função da segmentação dos espaços em branco, percebendo as unidades.Reconhecer palavras como unidade gráfica.Diferenciar as formas de grafar uma mesma letra (letra maiúscula e minúscula, manuscrita e de imprensa).Identificar e distinguir vogais de consoantes, letras de sílabas e sílabas de palavras.Identificar sílabas de palavras ouvidas/ou lidas.Experimentar, progressivamente, os diferentes procedimentos necessários para o ato de escrever.Construir as relações fonema/grafema (som/letra).Compreender o valor sonoro das letras e sílabas em uma palavra.Identificar as sílabas como unidades gráficas.Compreender que uma palavra pode ser representada graficamente por uma única sílaba,Reconhecer o valor sonoro e a função de unidades gráficas (sílabas e letras).Contar sílabas estabelecendo relação entre fonema e grafema.Reconhecer textos verbais e não verbais,Reconhecer letras como unidades sonoras em palavras e em sílabas.Reconhecer a ordem alfabética.Ler diferentes textos e portadores de texto. | <ul style="list-style-type: none">Apropriação do sistema de escrita<ul style="list-style-type: none">-Alfabeto (relação letra e som)Leitura e escrita de palavras, frases e pequenos textosEscrita e imagem<ul style="list-style-type: none">-Sequência de ideias, consoantes, vogais-Letras maiúsculas e MinúsculasSistema Alfabético do Sistema de Escrita (princípio básico é o de que cada "som" é representado por uma "letra" - ou seja, cada "fonema" por um "grafema")Função social e comunicativa da escrita<ul style="list-style-type: none">• Separação silábica• Ordem alfabética x• Leitura de imagem X• Sílabas e significados• Conceito de significante e significado• Estrutura da narrativa: personagens, ações, tempo, espaço e conflito gerador• Gêneros e tipos de textos: textos de imprensa, instrucionais, informativos, imagéticos, de autoria, digitais• Leitura e interpretação de texto, poema, música• Textos argumentativos |

LÍNGUA PORTUGUESA
10 SEGMENTO/ENSINO FUNDAMENTAL - ETAPAS INICIAIS - 1 a ETAPA

| Apropriação e compreensão da natureza alfabética do sistema de escrita | HABILIDADES | CONTEÚDOS |
|--|---|---|
| | <ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer relação entre significante e significado. • Localizar informações explícitas em frases oralizadas e lidas. • Reconhecer os usos sociais da escrita. • Identificar os elementos que compõem a estrutura da narrativa em primeira pessoa. • Localizar informações explícitas em diferentes gêneros textuais em mapas, em tabelas e em gráficos. • Localizar e inferir informação em textos verbais e não verbais. • Reconhecer o assunto do texto com base no título, no subtítulo e nas imagens. • Identificar a finalidade do texto pelo reconhecimento do suporte, do gênero e das características gráficas. • Estabelecer relação entre as partes de um texto. • Ler palavra buscando significado no dicionário. • Ler imagens, desenhos, gráficos, tabelas, levantando hipóteses e discutindo coletivamente. • Expressar, oralmente, a compreensão de mensagem da qual é destinatário. • Expressar-se, oralmente, em diferentes situações de uso da linguagem oral. • Ler textos oralmente atentando para a expressividade oferecida pelos sinais de pontuação. • Apresentar sua opinião a respeito de um fato. • Elaborar argumentações. • Contar e recontar histórias. • Resumir, oralmente, um filme assistido e jogos verbais, como poema, canções, adivinhas, entre outros. • Exprimir sentimentos diante de manifestações artísticas nas diversas linguagens, ampliando o universo linguístico. • Reconhecer as diferentes formas de expressão oral e sua adequação de acordo com o contexto. • Refletir sobre a utilização da linguagem oral e suas adequações. • Escrever palavras e textos espontaneamente em diferentes gêneros. • Produzir pequenos textos a partir de associação de imagens, objetos, entre outras. • Produzir texto orientado a partir de história contada (individual e coletivamente). • Produzir e ler textos de diferentes gêneros textuais, com ênfase no bilhete e carta. | <ul style="list-style-type: none"> • História em quadrinhos • Apresentação de trabalho oral e leitura • Expressão Corporal Gestos, postura corporal, expressão facial, entonação |

ARTE
1º SEGMENTO/ENSINO FUNDAMENTAL - ETAPAS INICIAIS - 1ª ETAPA

| ePi | Cores, Pontos, linhas, Figuras e Arte na História | HABILIDADES | CONTEÚDOS |
|------------|--|--|--|
| | | <ul style="list-style-type: none"> • Diferenciar cores primárias, secundárias, quentes e frias. • Promover uma releitura de obras de arte. • Produzir trabalhos manuais com vistas a desenvolver a coordenação motora fina. • Fazer leitura de imagem. • Experimentar técnicas diversas para expressar-se por meio da arte. • Entender o conceito de pontilhismo, sua origem e utilização. • Produzir desenhos utilizando a técnica do pontilhismo. | <ul style="list-style-type: none"> • Identificação das cores <ul style="list-style-type: none"> -primárias -secundárias -quentes -frias • Desenhos orientados ou não <ul style="list-style-type: none"> -Qual o conteúdo para releitura de obra de arte? Para leitura de imagem? -Quais as técnicas para expressar-se por meio da arte? • Leitura e releitura de imagem e obras de arte • Conceito, origem e formas para utilização de Pontos • Pontilhismo |

EDUCAÇÃO FÍSICA
1º SEGMENTO/ENSINO FUNDAMENTAL - ETAPAS INICIAIS - 1a ETAPA

| Letramento e Divo | 1 | HABILIDADES | CONTEÚDOS |
|--------------------------|----------|--|---|
| | | <ul style="list-style-type: none">• Participar dos jogos respeitando as regras e desenvolvendo o espírito de equipe, | <ul style="list-style-type: none">• Cultura corporal<ul style="list-style-type: none">-contexto histórico-contexto cultural-jogos e brincadeiras-regras, normas e limites• Alongamento e percepção corporal |

MATEMÁTICA
1º SEGMENTO/ENSINO FUNDAMENTAL - ETAPAS INICIAIS - 1a ETAPA

| | HABILIDADES | CONTEÚDOS |
|-----|---|--|
| D i | <p style="text-align: center;">—icação, interpretação e aplicabilidade dos I' —</p> <ul style="list-style-type: none"> • Resolver situações-problema, bem como saber validar as estratégias e resultados, desenvolvendo diferentes formas de raciocínio. • Reconhecer e interpretar o significado do número em situações cotidianas que envolvem códigos, números, medidas e contagem. • Desenvolver procedimentos de cálculos por estimativa, • Reconhecer a importância social das medidas (tempo, capacidade e massa). • Resolver problemas que envolvam números e unidades relacionados a resultados de diferentes medições. | <p>.,PT, Noções de história da matemática: o surgimento dos números</p> <ul style="list-style-type: none"> .-os números em nossa vida _-medidas de tempo: calendário, ano, mês, semana, dia e data -medidas de comprimento: metro (altura) -medidas de massa: quilograma (peso) ,-números de documentos, telefones, endereços, outros ,-números do sistema monetário <p>Sequência numérica</p> <ul style="list-style-type: none"> -contagem concreta, identificação e relação número e quantidade até 99 -contagem de 1 em 1, 2 em 2, 5 em 5, 10 em 10 .-antecessor e sucessor -números pares e ímpares -ordem crescente e &crescente <ul style="list-style-type: none"> • Classificação, ordenação e comparação de objetos Adição e subtração • Simples -com reserva -com reagrupamento - m situações problema • Sistema de numeração decimal • Processo de agrupamento e transferência das ordens no QVL estruturado na base 10 -noções de multiplicação (soma de parcelas iguais) |

CIÊNCIAS NATURAIS
1º SEGMENTO/ENSINO FUNDAMENTAL - ETAPAS INICIAIS - 1º ETAPA

| Letramento e Dive | Ser humano; Meio ambiente; O homem e o meio ambiente; O corpo humano e seu funcionamento | HABILIDADES | CONTEÚDOS |
|-------------------|--|--|---|
| | | <ul style="list-style-type: none"> • Relacionar o conhecimento científico com dados observados no ambiente, construindo questionamentos, diagnosticando e propondo soluções para problemas reais, utilizando os conceitos, as habilidades, os procedimentos e as atitudes desenvolvidas no contexto escolar. • Reconhecer que o ciclo vital é característica comum a todos os seres vivos. • Reconhecer a importância da preservação e da manutenção do ambiente (fauna e flora) para a saúde, o bem estar e a qualidade de vida humana. • Perceber o corpo humano como um todo integrado. • Construir atitudes e comportamentos favoráveis à preservação da saúde em relação à higiene corporal e ambiental, modos de transmissão e de prevenção de doenças contagiosas. | <ul style="list-style-type: none"> • Corpo humano • Seres vivos • Lateralidade .) Higiene pessoal Alimentação -Hábitos de vida saudável |

ESTUDOS DA SOCIEDADE - HISTÓRIA E GEOGRAFIA
1º SEGMENTO/ENSINO FUNDAMENTAL - ETAPAS INICIAIS - 1ª ETAPA

| | | HABILIDADES | CONTEÚDOS |
|------------|------------------|---|--|
| e I | Cidadania | <ul style="list-style-type: none"> • Localizar-se no espaço, tomando como referência o espaço imediato, a circunvizinhança e o Distrito Federal. • Conhecer um pouco da história de sua família. • Localizar-se no tempo, tomando como referência sua história pessoal. • Refletir e adotar atitudes coerentes com a vida em família, participando de forma ativa e consciente. • Conhecer e valorizar de maneira crítica e consciente os direitos do cidadão por meio das leis. • Identificar as condições de cidadania: direitos e deveres. | <ul style="list-style-type: none"> • Noções de tempo e espaço (•) A família como unidade básica da sociedade • Os diversos tipos de família • Direitos do cidadão: moradia, trabalho, educação, saúde, segurança, justiça, votar e ser votado • Deveres do cidadão: Participação no processo eleitoral, contribuição fiscal, zelar pela saúde, educação, moradia de seus familiares enquanto crianças, portadores de necessidades especiais e idosos • Noções de direitos do trabalhador: Código do Idoso, Estatuto da Criança e do Adolescente |